AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU,* referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia.* Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

MAUCIA VIEIRA DOS REIS

ALVORADA: MEMÓRIAS DE UM BAIRRO - UBERLÂNDIA ANOS 80/95

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JANEIRO DE 2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ALVORADA: MEMÓRIAS DE UM BAIRRO - UBERLÂNDIA ANOS 80/95

Monografia apresentada ao Departamento de História, como requisito parcial para obtenção dos títulos de Bacharel e Licenciatura Plena em História, sob a orientação da Profª. Dr.ª Vera Lúcia Puga de Sousa.

JANEIRO DE 2000

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZ

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dr.ª Coraly Gará Caetano

Profª. Dr.ª Maria Clara T Machado

Profª. Dr.ª Vera Lúcia Puga de Sousa

DE UBERLÂNDIA

AGRADECIMENTOS

É interessante pensar o tanto que foi bom o apoio recebido das pessoas no decorrer deste trabalho. No mínimo isto amenizou o meu isolamento, as noites mal dormidas e as cervejas que deixei de tomar. Assim sendo e por muito mais do que isso quero agradecer a todos que de uma forma ou de outra colaboraram nesta tecitura.

Todavia, existiram pessoas muito próximas que justamente por "viveram" comigo esta jornada e por terem me dado um apoio especial gostaria de citá-los: à minha orientadora Profª. Dr.ª Vera Lúcia Puga que não poupou o seu cansaço em orientar-me, em ouvir-me, propiciando leituras e críticas no sentido de ajudar na minha formação.

À Profª. Dr.ª Coraly Gará Caetano, que desde o início da minha vida acadêmica acreditou na minha proposta de "registrar" a memória história dos moradores do Conjunto Alvorada. Além do que, convidou-me para participar do grupo de discussão sobre História Oral, que sem dúvida nenhuma, significou muito para o meu entendimento. Estendo ainda o meu agradecimento a todos os alunos e professores que participaram deste aprendizado especial.

Não poderia deixar jamais de citar a Profª. Dr.ª Maria Clara T Machado ("Marrie Clair") pelo apoio, sugestões e também por ter-me ouvido com sabedoria o meu *choro*. À Sônia Mara pelos calorosos debates em grupo realizados no decorrer da graduação, e, muito mais por perceber que sua ajuda e amizade transcendem a esta prática.

Aos meus pais, aos meus irmãos e irmãs que abstiveram-se da minha presença por todo esse tempo de pesquisa, e, que lentamente foram compreendendo o significado de tudo isto para mim. Aos meus filhos: Cláudio Roberto que chegava em casa e "coçava" a cabeça por me ver encalhada nos livros; ao Manoel por toda a compreensão "acadêmica" que teve para comigo; ao

Douglas por ter deixado de namorar e de curtir a gravidez de sua primeira filha Maria Eduarda para digitar parte dos meus "rabiscos"; ao meu neto Marcus Filipi que com o seu sorriso encantador convidava-me para brincarmos de "esconde-esconde" e assim, libertava-me de toda aquela parafernália intelectual na qual eu estava mergulhada; às minhas noras Izabel, Sabrina e Talita. Enfim, à toda a minha família que "chorou" o meu distanciamento e compreenderam o quão difícil é ser ao mesmo tempo mãe, avó, sogra, filha, irmã e estudante.

À Cida Pereira, colega de trabalho e amiga que sem restrição ofereceu-me o ombro para que eu depositasse ali as minhas lamúrias e o meu cansaço; encorajando-me a continuar na eterna busca do conhecimento. À Cícera - mulher forte - que cuidou da minha casa para eu pudesse dedicar-me aos estudos. À Adriana Cristina e Jussara Valéria que transcreveram partes dos artigos de jornais, escolhidos por mim para esta pesquisa. À Flávia Augusta Teixeira pela colaboração e revisão do texto.

Aos funcionários do Arquivo Público Municipal por fornecer-me os jornais para a pesquisa e ao mesmo tempo por tornarem agradável a minha permanência naquele local. À diretoria da AMCA que forneceu-me a documentação necessária, sem nenhuma restrição.

E finalmente a todos os moradores do Conjunto Alvorada que querendo ou não, foram de alguma forma "explorados" por mim neste trabalho. Em especial gostaria de agradecer àqueles que concederam-me entrevista, deixando que explorasse os seus sonhos e que deles eu fizesse bom uso; e também a todos os outros que se prontificaram em colaborar, mas que em virtude da escassez de tempo não puderam ser entrevistados. Quero dizer-lhes que sem esta predisposição de todos vocês este trabalho não teria sido concretizado.

A todos vocês o meu muito obrigada.

Douglas por ter deixado de namorar e de curtir a gravidez de sua primeira filha Maria Eduarda para digitar parte dos meus "rabiscos"; ao meu neto Marcus Filipi que com o seu sorriso encantador convidava-me para brincarmos de "esconde-esconde" e assim, libertava-me de toda aquela parafernália intelectual na qual eu estava mergulhada; às minhas noras Izabel, Sabrina e Talita. Enfim, à toda a minha família que "chorou" o meu distanciamento e compreenderam o quão difícil é ser ao mesmo tempo mãe, avó, sogra, filha, irmã e estudante.

À Cida Pereira, colega de trabalho e amiga que sem restrição ofereceu-me o ombro para que eu depositasse ali as minhas lamúrias e o meu cansaço; encorajando-me a continuar na eterna busca do conhecimento. À Cícera - mulher forte - que cuidou da minha casa para eu pudesse dedicar-me aos estudos. À Adriana Cristina e Jussara Valéria que transcreveram partes dos artigos de jornais, escolhidos por mim para esta pesquisa. À Flávia Augusta Teixeira pela colaboração e revisão do texto.

Aos funcionários do Arquivo Público Municipal por fornecer-me os jornais para a pesquisa e ao mesmo tempo por tornarem agradável a minha permanência naquele local. À diretoria da AMCA que forneceu-me a documentação necessária, sem nenhuma restrição.

E finalmente a todos os moradores do Conjunto Alvorada que querendo ou não, foram de alguma forma "explorados" por mim neste trabalho. Em especial gostaria de agradecer àqueles que concederam-me entrevista, deixando que explorasse os seus sonhos e que deles eu fizesse bom uso; e também a todos os outros que se prontificaram em colaborar, mas que em virtude da escassez de tempo não puderam ser entrevistados. Quero dizer-lhes que sem esta predisposição de todos vocês este trabalho não teria sido concretizado.

A todos vocês o meu muito obrigada.

Maucia Reis

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMAS
Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)

Dedico este trabalho ao Nísio, meu esposo, pelo apoio incondicional e pelo companheirismo nesta jornada. Sem ele tudo isto teria sido muito mais difícil.

"(...) Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade."

(Prelúdio - Raul Seixas)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....09

CAPÍTULO I

PERIFERIA: O OUTRO LADO DO DISCURSO UBERLANDENSE.....15

CAPÍTULO II

CASA PRÓPRIA: SONHO OU PESADELO?.....26

CAPÍTULO III

O SINGULAR NA PLURALIDADE.....56

CAPÍTULO IV

A ORGANIZAÇÃO E AS LUTAS INTERNAS DA AMCA.....87

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....109

BIBLIOGRAFIA.....114

ANEXOS.....122

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema: "Alvorada: memórias de um bairro - Uberlândia anos 80/95".

Registrar parte da história dos moradores do Conjunto Alvorada é, antes de qualquer coisa, o desejo contido de uma parcela expressiva dessa comunidade, que há muito tempo sonhava *"escrever"* a sua própria história.

Fazendo parte deste conjunto de habitantes, desde a sua fundação (início dos anos 80), e, acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, a partir do segundo semestre de 1994, tornou-se para mim uma oportunidade significativa de poder exercitar a escrita da história, isto é, juntar a prática à teoria, uma vez que a Monografia é exigida para obter-se o certificado de conclusão do curso de História.

O recorte cronológico da pesquisa, anos 80, justifica-se primeiramente pela entrega *"oficial"* do bairro aos seus habitantes no início desses anos e quanto ao final de 95 como limite, deu-se em virtude do nosso diálogo com as fontes de pesquisa que apontaram, de uma certa forma, um outro *"norte"* na trajetória desses moradores, que de acordo com o nosso olhar estava calcado na singularidade e autonomia dos mesmos.

Um outro ponto a ser levado em consideração, foi a questão da subjetividade em si. Esta foi largamente ponderada por nós à medida em que unificava simultaneamente o pesquisador e o *"sujeito"* do seu objeto de análise.

Esta *"forma de trabalho"* pensada por nós, é veemente questionada por alguns historiadores como, Bárbara Tuchman por exemplo, que vê, no trabalho do historiador contemporâneo *"participantes ou ativos"* (como no nosso caso em particular), uma alta dose de *"tendenciosidade"* em *"conseqüência do papel que os mesmos desejam exercer"*, nos seus relatos (ou nas suas interpretações).[1]

---

[1] TUCHMAN, Bárbara. **A Prática da História**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1989, p.p. 19 - 24.

Nesse sentido, ao tomarmos contato com temas como a subjetividade, o distanciamento e a objetividade, que nos são tão caros, podemos pensar que um grande desafio nos foi colocado. Além do que, dentro da perspectiva de Thompson, a subjetividade não pode ser entendida como um *mal*, muito pelo contrário, ela vai estar presente no trabalho do historiador, delineada pela *"forma do olhar"* do mesmo para com o seu objeto de pesquisa. Para o autor, o historiador trabalha com *"experiências humanas"* carregadas *"de sentimentos e visões de mundo"*, não havendo, portanto, como ficarmos insensíveis a estas manifestações.[2]

A década de 80 em Uberlândia – data da inauguração do Conjunto Alvorada – foi marcada por um *"boom periférico"* advindo de diversos fatores a serem analisados no decorrer deste trabalho. Este crescimento foi vislumbrado pela maioria da população como sendo positivo, isto, porque acreditavam serem eles os maiores beneficiados. Desta forma, o Conjunto Alvorada está inserido num contexto amplo, onde as complexidades merecem uma atenção especial, no sentido de estarmos podendo voltar o nosso olhar para a história destes moradores.

Temos como objetivo captar, investigar e reconstituir as múltiplas experiências destes moradores, mediante as suas lutas, angústias, vitórias, frustrações que foram vivenciadas cotidianamente pelos mesmos. Perceber como estas experiências se deram, ou ainda como foram vividas ou sentidas por seus atores, torna-se imprescindível nesta proposta de trabalho.

A partir da decisão de escrever a *"nossa"* memória/história surgiu, além de toda a problemática normalmente presente num trabalho de pesquisa, um conflito terrivelmente saudável entre o estar presente e o distanciamento proposto pelos historiadores, já discutidos anteriormente. Face a isto, alguns questionamentos começaram a fluírem, dentre eles, a necessidade premente de qual história queríamos registrar. Sem dúvida nenhuma, a escolha se deu pelo

---

[2] THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser),** Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p.p.47 - 62.

resgate da memória/história dos moradores do Conjunto Alvorada, fundamentada nas suas próprias visões. Diante da vontade de resgatar essa história, optamos por trabalhar primeiramente com a história oral, por intermédio de gravações de entrevistas. Para tal, foram realizadas 19 entrevistas com moradores[3] contemplando dentre eles os primeiros moradores e ex-presidentes da AMCA, visando assim obter respostas para as nossas indagações iniciais.

Porém, no decorrer deste trabalho, sentimos a necessidade de incorporar outras fontes: artigos de jornais da época, Atas da Associação de Moradores, bem como outros documentos (cartas, convites, panfletos...).

Escolhemos a linha Thompsoniana, por estar principalmente pautada nas experiências de vida. Na nossa compreensão, Thompson vê na experiência um dos veículos capazes de trazer ao homem a consciência de ser explorado, excluído, mas construtor da sua própria história.[4] Entretanto, esta escolha, em nenhum momento, deverá servir de amarras para a pesquisa em si, mesmo porque quando este ancoramento acontece, segundo o próprio autor, o fechamento em torno de uma teoria é o próprio desgaste da mesma.[5] Para que isso não ocorresse, o diálogo com as fontes foi que propiciou de certa forma, o terreno a ser investigado.[6]

No que diz respeito à História Oral, obviamente trabalharemos com histórias de vida calcadas na memória, percebidas por nós como re-elaborações capazes de permitir novos significados, descortinando assim, novos horizontes, e ao mesmo tempo, lembrando Paul Thompson, que diz: *"(...) por meio da história*

---

[3] Foram gravadas 19 entrevistas, sendo que uma delas fora realizada com Terezinha Lelis. Esta senhora era ligada à "Administração Zaire Rezende" - Secretaria de Trabalho e Ação Social -, que acompanhou de perto, por um determinado tempo a trajetória da AMCA. A nossa primeira intenção foi a de captar um olhar de fora do *"palco"*, no sentido de resguardar a história dos moradores e não a minha história, ou seja, no sentido, de um auto-policiamento. Todavia, esta entrevista tornou-se desnecessária ao longo do trabalho.

[4] THOMPSON, E. P., op. cit., p. 182.

[5] IDEM, p. 183.

[6] IBIDEM, p. 49.

oral, a comunidade pode, e deve, merecer confiança para escrever a própria história".[7]

Vale a pena lembrar que, a História Oral apresenta algumas peculiaridades. Dentre elas, o fato de trabalharmos necessariamente com *"fontes vivas"* que através das entrevistas gravadas relatam-nos as suas lembranças e memórias, suscitando sentimentos como emoções, raiva, alegria, que só aos depoentes pertencem. Neste sentido, a nossa preocupação não se deu pela *"veracidade"* dos fatos narrados, que segundo Ecléa Bosi, *"o nosso interesse* (está pautado) *no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida"*[8], sendo assim, valorizamos os fatos de importância e maior significado para os entrevistados.

Neste contexto, trabalhamos o primeiro capítulo historicizando a cidade de Uberlândia no que tange à sua fundação, procurando enfocar a construção do caráter agro-industrial inserido na sua ideologia modernizadora. Com *"ares de cidade desenvolvida"*, acaba camuflando um discurso elitista que favorece o *"progresso"* e todas as mazelas advindas daí: expansionismo, pauperização, especulação imobiliária...

No segundo capítulo dedicamos ao registro do *"sonho"* que alguns moradores tinham em adquirir a casa própria. E ainda, as suas expectativas e dificuldades em realizá-lo.

Demonstrar a maneira como esses moradores organizaram-se e principalmente, como se deu o enfrentamento entre moradores x poder público, foi uma preocupação presente no terceiro capítulo.

No quarto capítulo optamos por relatar um dos momentos de crescimento político dos moradores, isto é, o extrapolamento do caráter reivindicatório, assim como achamos necessário explicitar parte dos conflitos internos experimentados cotidianamente pela AMCA.

---

[7] THOMPSON, Paul – **1935 A Voz do Passado: história oral**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, p. 32.

[8] BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**, 2ª edição, São Paulo, EDUSP, 1987, p. 01.

Nas considerações finais procuramos enfatizar as diversas propostas, que por ventura, não foram explicitadas nos capítulos anteriores, mas que também foram importantes para a efetivação e concretização dos *"sonhos"* daquela multidão de pessoas, bem como os seus anseios e propostas futuras.

CAPÍTULO I

PERIFERIA: O OUTRO LADO DO DISCURSO UBERLANDENSE

"Quando você se propõe, a vir prá uma distância dessa aí, ou você quer ficar isolado da vida ou você não tem condição financeira."[9]

Uberlândia ostenta orgulhosamente uma história oficial de 111 anos de trabalho, pautada na *"ordem e no progresso"* o que lhe confere uma áurea de desenvolvimentismo inigualável. Para verificar este estatuto progressista, basta uma olhada rápida na cartilha intitulada "*Guia Turístico, Uberlândia Portal do Cerrado*"[10], que traz uma descrição romântica e pontual, levando o leitor desavizado a se emocionar e crer... No entanto, ao nos debruçarmos sobre esta história, vamos descobrir através de suas trilhas um outro tecido que nos deixa à mostra as suas *"feridas"*, *"as contradições"*, os conflitos, a luta da maioria de sua população constituída por homens, mulheres, crianças, jovens e velhos que, gradativamente, construíram a história da cidade de Uberlândia, contracenando assim ,com a História Oficial onde apenas *alguns poucos e ilustres indivíduos de boa vontade edificaram sozinhos* uma cidade de 500.000 habitantes.[11]

No que concerne à história da cidade de Uberlândia, nos remetemos ao trabalho de Jane Rodrigues ,que propõe resgatar o outro viés da História Uberlandense desenfocando a história dominante, principalmente, dirigindo o seu olhar à classe explorada *"...chamando a depor os que não aparecem no discurso pronunciado pelos 'responsáveis' pelo progresso e desenvolvimento desta cidade: o trabalhador..."*[12], onde o trabalho apresenta-se

---

[9] Moacir Soares Silva, 43 anos. Morador do Conjunto Alvorada "I". Entrevista concedida no segundo semestre de 1996.

[10] Cf. **Guia turístico: Uberlândia capital do cerrado**, Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1995, p. 05.

[11] IDEM, p. 06.

[12] RODRIGUES, Jane de Fátima S. - **Trabalho, Ordem e Progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviço 1924 – 1964**, Tese de Mestrado, USP, 1989, p. 8. Cf. também os seguintes trabalhos sobre a construção de Uberlândia: MACHADO, Maria Clara T. **A disciplinarização da Pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada – (Uberlândia – 1965 –1980),** Tese de mestrado, USP, 1990; MOREIRA, Helvécio Domingos – **Formação e desenvolvimento dos bairro periféricos em Uberlândia**, Monografia, UFU, 1991.

diluído sob a égide ideológica de cidade *"ordeira e progressista"*. Para a autora, não resta nenhuma dúvida de que o discurso eficiente elaborado sobre a cidade promissora está presente desde o século XVII, quando se dava neste país o ciclo da mineração, no qual Anhaguera – o bandeirante[13]– desbravou a região do Triângulo Mineiro, antigo *"Sertão da Farinha Podre"*, facilitando assim a penetração para o interior. Com o ato de *"bravura"* deste senhor aliado ao incentivo de ocupação do território através das cartas de *"Sesmarias"* oferecidas pela Coroa Portuguesa, fez com que alguns pioneiros se fixassem ao longo do caminho percorrido, originando assim pequenos arraiais, dentre eles, a formação do *"Arraial de Nossa Senhora do Carmo de São Sebastião da Barra de São Pedro de Uberabinha"*. Obviamente, o povoado foi crescendo e em 1852 foi elevado à categoria de Distrito recebendo o nome de *"São Pedro de Uberabinha"*, pertencendo a sede de Uberaba. Em 1888 é reconhecida como Município e finalmente como Cidade em 1892. Em outubro de 1929, foi denominado Uberlândia, nome sugerido por João de Deus Faria.[14]

Vários trabalhos científicos[15] realizados anteriormente, apontaram a atividade agropecuária desenvolvida de forma intensa nesta região, aliada à posição geográfica na qual Uberlândia está situada, como fatores do seu destaque como cidade *"pólo"* na região do Triângulo Mineiro. Ostentando uma *"malha de transporte entre os estados de São Paulo, Goiás e Mato Grosso, via Triângulo, conferirá a Uberlândia o monopólio do movimento agropecuário e comercial entre estas regiões"*.[16]

Ao adentrarmos nestes estudos anteriormente citados, podemos

---

[13] PEZZUTI, Pedro. **Município de Uberabinha: história, administração, finanças e economia (1922),** Officinas Livraria Kosmos, p. 7.

[14] Cf. RODRIGUES, Jane de Fátima S., op. cit. p.p. 21 - 39. Cf. **Plano Diretor de Uberlândia 1991- 2006**, Prefeitura Municipal de Uberlândia, Secretaria de Planejamento, que traz na página 05 a seguinte descrição: *"em 1929, o município deixa de se chamar São Pedro de Uberabinha, passando a chamar-se Uberlândia, nome sugerido por João de Deus Faria, que significa 'Terra Fértil'. A lei foi sancionada pelo então Presidente do Estado, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada."*

[15] MACHADO, Maria Clara T. op. cit. e MOREIRA, Helvécio Domingues, op. cit.

[16] RODRIGUES, Jane de Fátima. "Nas Sendas do Progresso: trabalho e disciplina - Uberlândia, um percurso histórico". In: **Cadernos de História Especial**. vol. 4, n° 4, janeiro, 1993, p. 10.

também concluir que esses fatores propiciadores não pararam aí, criando de certa forma a imagem de uma cidade *"progressista, dinâmica"*, fincada no *"trabalho"*. Uma construção levada por *"homens sérios"* comprometidos com a *"ordem e progresso"*, ao mesmo tempo ostentando uma sociedade *"pacata, ordeira, sem conflitos"*.

Com a divulgação deste discurso profícuo, Uberlândia atraiu para si migrantes, trazendo consigo a sua força de trabalho e/ou determinado capital para investimento. Para João Marcos Alem[17], que analisa em seus estudos o discurso da classe dominante, observa que o mesmo está calcado numa visão de *uma cidade hospitaleira, pois, recebe de 'braços abertos', todos aqueles que querem nela residir; que sejam dedicadas ao trabalho, que almejam ascensão social e política, e, sucesso.*[18]

A *"Revista Veja"*, em uma reportagem feita em 1987, afirmou que a cidade ganha das capitais nos indicadores de um vida saudável, e embora seja pujante no campo econômico, é bastante conservadora na moral e costumes predominando um ar provinciano e marasmo na vida cultural.[19]

Clareando ainda esta análise, torna-se exemplo de incorporação do discurso dominante por outras classes sociais, a reportagem feita pela *"Revista Vida Industrial"*, em 1992, reforçando a imagem paradisíaca ao relacionar o crescimento da cidade à manutenção da qualidade de vida:

> *"Atravessando a planura das chapadas e cerrado entrecortado por veredas já se podem avistar, de uma das seis rodovias que desembocam em Uberlândia, arranha-céus brotando ao longe. Assim que o relevo apresenta leves ondulações, os vários rios e córregos se apressam em corredeiras e cachoeiras, como se anunciassem a proximidade de uma cidade que tem ânsia de crescer sem perder seu "status" de modelo na América Latina, apontado em levantamento do Banco Mundial. Plantada no Norte do*

---

[17] ALEM, João Marcos – "Representações coletivas e História política de Uberlândia, In: **Revista História & Perspectiva**, n.° 4, janeiro/junho, 1991, p.p. 79 - 102.
[18] IDEM, p. 93.
[19] "Crise a distância", **Revista Veja**, 18/nov./1987,Editora Abril, n.° 1002, p.p. 66 - 73.

> *Triângulo Mineiro, Uberlândia faz jus ao significado do seu nome e mostra que ali o progresso lançou semente e frutificou. As avenidas largas e o anel-viário que circunda a cidade projetando-a para o futuro, as grandes e modernas indústrias, o forte comércio atacadista, o acelerado crescimento demográfico e as áreas de metrópole, convivem com a mansidão e o prosear de interior nas praças bem arborizadas. Harmonizar a qualidade de vida com um crescimento planejado, a nível regional, criar pólos industriais e atrair empresas de tecnologia de ponta, são metas das lideranças locais."*[20]

Em um outro artigo, desta feita em 1995, traz a seguinte citação:

> *"Com uma população estimada em 500 mil habitantes, (Uberlândia) já ultrapassou a marca dos 230 mil eleitores e apresenta uma média de 3,89% de crescimento ao ano, bem superior à média brasileira... (...) ...Uberlândia possui uma invejável infra-estrutura de lazer e serviços. Contribuem para isso, água energia elétrica e esgoto que atendem 99% da população e 88% de asfalto ... (...) ... O ensino é eficiente, assim como o sistema de saúde, comparáveis aos padrões dos países mais desenvolvidos..."*[21]

Este, é sem dúvida nenhuma, um retrato da cidade de Uberlândia idealizado por uma classe dirigente elitizada que insiste em não perceber as suas contradições, calcada numa visão estritamente econômica, conservadora nos planos morais, culturais e políticos. Segundo Mara Dantas, *"... a elite dirigente foi bastante pujante, lutando por uma maior acumulação e reprodução de capital, não poupando esforços para auto proclamar-se como progressista e desenvolvimentista que tudo fez para que a cidade projetasse essa imagem de elite progressista local"*[22]. Entretanto, essa *"visão paradisíaca"* é prontamente quebrada ao verificarmos a *"olhos nus"* os inúmeros bairros que circundam o

---

[20] "Uberlândia Crescer com qualidade e modernidade", **Revista Vida Industrial**, vol. 42, n.° 7, Belo Horizonte, FIEMG, julho, 1991, p. 24.

[21] **Guia Turístico: Uberlândia portal do cerrado**, op. cit., p. 06.

[22] DANTAS, Sandra Mara - **Uberlândia – Terra Fértil para novas semeaduras: a experiência da Democracia Participativa (1983 – 1988),** Monografia, UFU, Dezembro, 1996, p. 17.

centro da cidade de Uberlândia, obrigando-nos a uma reflexão, na tentativa de dismitificar o discurso dominante, apontando as suas contradições e conflitos. Ao percebermos que é uma cidade construída por muitos homens, mulheres, crianças, jovens e idosos, que, por motivos nem sempre claros, *"escolheram"* viver aqui, tecendo no seu dia-a-dia a sua própria história.

Conforme Beatriz Soares,[23] o crescimento populacional de Uberlândia começou a ocorrer principalmente a partir da década de 50, onde a migração teve um papel preponderante, pautado em dois fatores: migração procedente das cidades vizinhas, assim como da zona rural para sua área urbana. Fatores estes que contribuíram, certamente, para a expansão da cidade, ou seja, para o processo de urbanização.

Neste sentido, é preciso ressaltar que, a procura por Uberlândia não foi peculiar à esta cidade. Para entender melhor este fenômeno, faz-se necessário segundo Hélvecio Moreira, *"resgatar o modelo de urbanização que historicamente tem sido adotado no Brasil, especialmente a partir da segunda metade deste século, e que está intimamente associado ao modelo de acumulação capitalista e as formas de atuação do Estado e dos poderes públicos em geral."*[24]

Sustentado num sistema de produção e ao mesmo tempo pela venda da força de trabalho, o sistema capitalista concentra maior parte da sua energia no processo de industrialização centrado na cidade. Dentro então da *"ideologia modernizadora"*, o centro urbano passa a representar a imagem do *"progresso"* em detrimento da zona rural ocupando o lugar do não-progresso.

Maria Clara T. Machado, ao analisar o *"processo"* de exclusão social existente na sociedade uberlandense refere-se a Vilmar Faria explicando que o *"processo de urbanização brasileiro sofre entre as décadas de (50/80) uma transformação profunda, um crescimento sem paralelo histórico. Um processo de urbanização que, em outros países, ocorreu de forma mais branda*

---

[23] SOARES, Beatriz Ribeiro – **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**, Dissertação de Mestrado, USP, 1988, p. 62.

em um espaço de tempo maior, no Brasil acontece de forma mais intensa e concentrada".[25]

Desta forma, o expancionismo da cidade está intimamente ligado ao êxodo rural. Iludido por *"dias melhores"* e em busca de uma assistência médico/hospitalar e educação para si e sua família, o homem do campo *"abandona"* o seu *"habitat"* e vem para a cidade. Sem ter onde morar e quase sempre portador de uma mão-de-obra desqualificada, constitui-se no mais novo ingressante do *"exército de reserva"*[26] para o mercado capitalista, buscando ao mesmo tempo refúgio em casa de parentes, em uma instituição social ou então passa a habitar a periferia da cidade.

Rasgando o *"véu"* jogado sobre a cidade vamos perceber que nas décadas de 70/80 ocorreu em Uberlândia um *"boom"* periférico, que consequentemente gerou a construção de diversos bairros destinados às camadas de baixa renda, no intuito de expurgar para os arredores da cidade a *"mancha"* que teimava em pairar sobre o núcleo urbano, desnudando assim, o *"ideal da beleza, da prosperidade"*. Para Soares, essa expansão *"se deu de forma muito acelerada, tendo em vista o crescimento populacional e ação do poder público, no que diz respeito a uma política de ordenamento e regulação urbana, que privilegiou os interesse do capital, em detrimento dos interesses do trabalhadores."*[27] Haja vista que em 1988 a primeira Lei de Uso e Ocupação do Solo de Uberlândia foi sancionada – sob n°: 4.796, de 04/10/88, que segundo Helvécio *"(...) se acaba constituindo na primeira tentativa sistemática de intervir e regulamentar a questão da ocupação e uso do solo urbano"*[28], isto é, cria-se uma forma *"legalizada"* de poder na qual a racionalização do espaço

---

[24] MOREIRA, Helvécio Domingues. Op. cit., p. 08

[25] IDEM, p. 22.

[26] BOTTOMORE, Tom – **Dicionário do Pensamento Marxista**, Jorge Fahar Editor, Rio de Janeiro,1993, p. 144, trás a seguinte definição: *"A existência de uma reserva de força de trabalho à sociedade capitalista, criada e reproduzida diretamente pela própria acumulação do capital, a que Marx chamou de reserva de trabalho ou exército industrial de reserva"*. Cf. também MACHADO, Maria Clara T. op. cit., p.p. 07 - 08.

[27] SOARES, Beatriz Ribeiro, op. cit., p. 103.

[28] MOREIRA, Helvécio Domingues, op. cit., p. 95.

passa a ser um dos objetivos principais no claro intuito de beneficiar uma pequena parcela da sociedade uberlandense, que concentra em suas mãos, grande parte dos lotes ociosos. Com este *"incentivo"*, a especulação imobiliária ganha corpo e espaço, dando rapidamente uma evasão aos seus anseios capitalistas, criando *"bairros"* ao redor do centro da cidade, não se importando com a sua localização, visando apenas sua criação, de acordo com a clientela previamente selecionada.

Assim, é necessário lembrar que nem todos os bairros criados o foram para a população carente. Alguns deles estão localizados na parte *"nobre"* da cidade, servindo a uma pequena parcela detentora de um poder aquisitivo médio/alto, onde são construídas verdadeiras mansões, voltadas para o centro da cidade. Normalmente, são construções feitas distantes uma das outras, preservando o silêncio e a tranqüilidade, dotadas de uma infra-estrutura total, com amplas vias de acesso, arborizadas, visando um fácil escoamento para o centro. Pode se notar também que *estas avenidas* criados para servirem ao *"bairro chique"*, passam muitas vezes por quilômetros de terras, áreas desocupadas, tomadas apenas por imensos *out-doors que* emergem soberbamente de uma plantação rasteira e *"inútil"*.[29]

Agora, se voltarmos o nosso olhar para um outro lado, observaremos que, a maioria dos bairros foram construídos à revelia das imobiliárias que lutam entre si para manter o seu monopólio. São os chamados conjuntos habitacionais, bairros especialmente destinados à população carente onde normalmente, o descaso do poder público está sempre presente, incorporando a corrupção e a ausência de infra-estrutura. Este é um assunto que pretendemos abordar com mais profundidade no decorrer deste trabalho.

Mediante o exposto, podemos presumir que a migração e o êxodo rural colaboraram muitíssimo para a *"periferização"*, de boa parte da cidade de Uberlândia: a criação de favelas, a pobreza, a miséria, a mendicância, a

---

[29] São eles: Altamira, Virgilato Pereira, City Uberlândia, Jardim Indaia, Jardim Karaiba, Gávea, Itapema Sul, Tabajaras, Morada da Colina, entre outros.

pauperização. Mas, sem dúvida nenhuma, também serviu de *drama* para a proficuidade do discurso burguês, assim como de sustentação dos canais de enriquecimento desta própria burguesia. Tanto, que se observarmos a Lei Orgânica Municipal nos capítulos II do Desenvolvimento Político e Urbano, artigo 120, veremos que contém a seguinte descrição:

> *"A política de desenvolvimento urbano no município, observadas as diretrizes fixadas em lei federal,* ***tem por finalidade ordenar*** *o pleno desenvolvimento das funções urbanas e garantir* ***o bem estar da comunidade*** *local, mediante a implantação do seguinte objetivos gerais.*
> *I – Ordenação da expansão urbana;*
> *III –* ***Prevenção e a correção das distorções*** *do crescimento urbano;*
> *VI Controle do uso do solo de modo a evitar;*
> *a) o parcelamento do solo e a edificação vertical excessivos com relação aos equipamentos e comunitários existentes;*
> *b) a ociosidade, subutilização ou não-utilização do solo edificável;*
> *c) Usos incompatíveis ou inconvenientes."*[30]

E ainda no Art. 123, veremos a seguinte disposição:

> *"A política de desenvolvimento urbano do Município terá como prioridade básica, no âmbito de sua competência, assegurar o direito de acesso à moradia adequada* ***com condições mínimas de privacidade*** *e segurança, atendidos os serviços de transporte coletivo, saneamento básico, educação, saúde lazer e demais dispositivos de habilidade condigna".* [31]

E no Art. 125 do mesmo capítulo:

> *"..No estabelecimento das diretrizes relativas ao desenvolvimento a lei assegurará;*
> *II - A prevalência da função social da propriedade urbana*
> *VI -* ***O planejamento da expansão urbana tendo em vista o***

---

[30] **Lei Orgânica Municipal de Uberlândia**, 05/jun/1990, p.p. 44 - 45. (Grifos nossos)
[31] IDEM, p. 45.

combate à especulação imobiliária. "[32]

Se analisarmos com um pouco de criticidade,, o que está escrito na *"Lei Orgânica e na Lei de Uso e Ocupação do Solo"*[33], vamos perceber que na verdade a mesma foi feita no sentido de legitimar, de dar suporte legal aos anseios da classe que se propõe a executá-la, à medida que *não "conseguem corrigir as distorções"*, pelo contrário, propiciam a especulação imobiliária. As chamadas "*condições mínimas*" do art. 123 exposto nesse trabalho, aliado ao art. 137 do cap. V do parcelamento e uso do solo, no que tange ao inciso III, ao nosso ver, vem "*selar*" publicamente esta *"aliança"* da classe dirigente uberlandense, com os donos de imobiliária quando diz:

> "*Será de obrigação única e exclusiva do loteador a construção de equipamentos de pavimentação, meio-fio e sarjetas, rede de escoamentos de águas pluviais, do sistema de abastecimento de água, da rede de energia elétrica, do sistema de esgoto sanitário e outros que vierem a ser exigidos na legislação complementar.*" [34]

Ao mesmo tempo que no inciso VIII, parágrafo 3° do mesmo artigo, está expresso:

> "*Nos parcelamento de solos destinados à população de baixa renda, poderá ser exigida a pavimentação somente nas vias públicas que devem servir ao transportes coletivos e urbanos, devendo constar do processo e dos contratos de compra e venda, que os custos de futura pavimentação serão suportados pelos adquirentes, nas condições que a lei estabelecer.*" [35]

---

[32] IBIDEM, p.p. 45 - 46. (Grifos nossos).
[33] ID IBIDEM, p.p. 40-50.
[34] ID IBIDEM, p. 50.
[35] ID IBIDEM, p. 51

O que podemos concluir é que, apesar da Lei Orgânica falar sobre a *"ordenação"* do espaço urbano, de *"garantir"* o bem estar da comunidade; em *"correção de distorções"*; das *"obrigações"* do loteador e outros itens que aqui poderiam ser exaustivamente enumerados, na verdade ficam apenas nas falácias, nos discursos, pois, combate-las, implementar ações de efeitos satisfatório no cumprimento destas determinações abrem um confronto sem precedente entre as diversas facções do poder, presentes na sociedade uberlandense, ferindo profundamente os interesses de ambos. Enquanto isto, a maioria da população periférica ,acaba se desdobrando na sua luta diária, criando *embates políticos* com o poder público local na tentativa de solucionar parte das suas dificuldades, reivindicando passo a passo aquilo que lhe é de direito: morar, estudar, viver com dignidade...

Revelar parte deste *fazer-se*, tornar-se portanto, um dos principais objetivos deste trabalho.

CAPÍTULO II

CASA PRÓPRIA: SONHO OU PESADELO?

"Eu morava de aluguel... foi bom né, porque a gente táva só mudano... agora tem quinze anos que eu mora aqui (...) O dia que eu vi a distância... eu fiquei triste demais. Mas mesmo assim eu num desanimei... eu sonhava com a minha própria casa."[36]

O Conjunto Alvorada foi construído nos finais da década de 70 na periferia de Uberlândia, distando 12km do centro comercial. A sua construção foi de responsabilidade da *Construtora e Imobiliária Nascimento Ltda.*, pertencente à família Alves Nascimento, tendo como diretor o Senhor Dorivaldo Alves Nascimento (empresário e vereador neste mesmo período, sendo reeleito em seguida). Composto de 510 casas, o Conjunto Alvorada foi construído por etapas[37], popularmente chamado por seus moradores de Alvorada "I", "II", "III" e "IV", totalizando uma área construída de 224.590.62 m^2 às margens da BR 452, sentido Uberlândia – Araxá.

Foi entregue aos seus proprietários, contando com uma mínima infra-estrutura: água, luz, esgoto, ruas cascalhadas e meio-fio. As casas ostentavam fachadas iguais, conforme o projeto, pois, cada etapa tinha a sua peculiaridade, como por exemplo: as casas do "Alvorada I" eram cobertas com telha *"plan"*, sem laje, tendo três quartos, sala e cozinha. O acabamento interior era de cimento vermelho por toda a casa, inclusive as paredes do banheiro. Tinha uma caixa d'água com capacidade de 500 litros. Enquanto que o *"Alvorada II "* foi composto de 268 unidades que se dividiam em três tipos de construções

---

[36] - Maria Helena Caixeta, moradora do Alvorada "II", entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

[37] - Conjunto Alvorada "I" - projeto n°: 223 de 29-07-79 – 110 casas: área total 41.881,50 m^2.
- Conjunto Alvorada "II" - projeto n°: 2.270/ A de 24-10-80 – 268 unidades área total 123.709,12 m^2
- Conjunto Alvorada "III" - projeto n°: 1218 de 28-10-81 – 68 unidades. área de 38.000,00 m^2.
- Conjunto Alvorada "IV" – projeto n°: 1517 de 28-10-81 – 64 unidades área construída 21.00,00 m^2. Documentos cedidos pela "Construtora e Imobiliária Nascimento LTDA "Diretor Dorivaldo Alves Nascimento: engenheiro responsável: Gisleno Martins Alves.

denominadas *"a, b, c"*. Todas as casas foram edificadas em terrenos medindo, normalmente, 10x20m^2. Eram cobertas também com telha *"plan"*, forradas com laje, separadas com uma cerca de 50cm de altura ,com 02 fiações de arame liso, presos em estacas pintadas de branco, contrastando com o "vermelho" da terra e com o *"verde"* do mato que circundava as laterais do conjunto, e um céu muito azul que cobria todo aquele espaço. Entretanto, algumas *"diferenças"* se faziam sentir pois as casas do tipo *"a"*, construídas na primeira e segunda rua do conjunto – antiga rua quatro e cinco[38] - distinguiam-se das demais, por terem um *"alpendre"* que avançava para a frente da área construída, tendo o seu piso coberto por pequenas cerâmicas vermelhas. Já o piso interior, era feito de taco de madeira tipo "sinteko"[39] e o banheiro tinha paredes revestidas de azulejo até certa altura, isto é, *"meia parede"*. As casas do tipo *"b"*, construídas às ruas 6, 7, 8 e um lado da 9[40]- continham o mesmo aspecto do interior das casas do tipo *"a"*, porém, não contavam com o *"alpendre"*. Já as casas do tipo *"c"*, construídas a partir do outro lado da rua 9 até à rua 12, não contavam com estas *"melhorias"*. Todo o acabamento interior era também revestido de cimento vermelho, inclusive as paredes do banheiro. (Ver Anexo).

Obviamente, todas as casas foram construídas em alvenaria, trazendo uma faixa vertical na frente da casa em chapisco[41],com colorido

---

[38] – Hoje a antiga rua 4 teve seu nome mudado para Rua Maria Augusta de Morais – segundo o projeto n°: 7758, proposição 2487 Lei n°: 5403/91 pelo vereador Alceu Santos.

[39] – SINTEKO – Acabamento em verniz especial para cobertura de piso de madeira.

[40] – Hoje denominada Rua Jaime Medina Coeli – projeto 7695 proposição 2438, Lei n°: 5352/91 autoria do vereador Waldeck L. Gomes

- Antiga 7 - Hoje denominada José Jorge Lemes, projeto n°:7679 proposição 2528, Lei n°: 5443/91; autoria do Verador Antônio Carrijo.
- Antiga 8 – Hoje denominada Reoron de Matos, Projeto n°: 269 proposição 225, Lei n°: 5952/94, autoria Verador Geraldo Jabur.
- Antiga 9 – Hoje denominada Marcos Antônio Rodrigues projeto n°: 729 proposição 638 Lei 6351/95; autoria do Vereador Misac Lacerdda. - Todos os dados referentes às mudanças dos nomes das ruas e avenidas citadas neste trabalho foram obtidos na Secretaria da Câmara Municipal de Uberlândia.

[41] CHAPISCO, tipo de reboco feito com peneira resultando num acabamento de parede *"crespo"* irregular.

"natural", *"quebrando"* a regularidade das casas. Além dessas diferenças visíveis, o conjunto Alvorada é geograficamente dividido ao meio pela BR Federal 452, sendo que as etapas *"I"* e *"IV "* estão situados à direita de quem vem do centro; e as etapas "II" e "III" estão respectivamente à esquerda, ou seja, do outro lado.

O Conjunto Alvorada apresenta todas as características de um bairro periférico, ou seja, está extremamente distante da cidade, marcado por uma grande extensão de terras ociosas, cuja propriedade - na sua maior parte - é da Imobiliária Tubal Vilela e o restante tem como proprietário os senhores Miltom Torrano e Irani Anecy de Souza. (Ver Anexo).

Esta faixa de terra concentrada que separa o Conjunto Alvorada está coberta por uma vegetação rasteira, com pequenos arbustos retorcidos, características de cerrado. Conhecida por nós, os moradores, como *"matinho"*, esta paisagem numa certa época do ano é rompida por tufos de flores amarelas que sobressaem sobre uma ramagem seca, desafiando o sol quente e a terra vermelha que teima cobrir-lhe. Ao mesmo tempo, pode-se observar a presença de animais (cavalos e vacas) pastando tranqüilos, saciando a sua fome. Além do que há alguns anos, parte deste cerrado vem sendo aproveitado no plantio de soja e/ou algodão formando extensas lavouras, dando, por assim dizer, um aspecto rural ao local. Reforçando ainda o seu isolamento, o referido conjunto residencial teve inicialmente como seus primeiros vizinhos a CEASA, a Granja Planalto e a sede campestre União dos Viajantes.[42]

Na verdade este *"conjunto paisagístico"* descrito, acabou por confundir os moradores, levando-os a questionarem se moravam na zona rural ou se pertenciam à zona urbana, como nos traduz a moradora Lourdes:

---

[42] - CEASA – Central de Abastecimento S/A – BR 050.
- GRANJA PLANALTO – Fábrica de Ração – BR – 365.
- UNIÃO DOS VIAJANTES – Sede Campestre localizada na *"lateral"* da etapa *"II"* do Conjunto Alvorada.

> *"todo mundo que vinha passiá* [na casa de Lourdes] *(...), meu cunhado que morava em Catalão (GO) falava: 'não!, Cês tão louco de comprá uma casa numa distância dessa (...). Ocês tão é cheganu lá em Araxá* [risos]. *O que que é isso?' [risos]. Aí a gente ficava numa tristêêêêza né? Envêiz de animá a gente né? (...)... só põe a gente prá baixo!"*[43]

Outro índice revelador dessa contradição, entre o urbano e o rural, era o fato de que as *visitas viam sempre* para ficar o dia inteiro, numa demonstração clara de que o fato de virem aqui mais parecia uma *"viagem"*, que os faziam *"deslocar da cidade de Uberlândia"*, com o único objetivo de passear nas casas dos parentes, que *"escondiam-se"* no Alvorada e que normalmente consolava-os dizendo *que ainda ia ficar muito "bão"*. O mesmo sentido está presente nas palavras brincalhonas de Lourdes:

> *"É. Ir à cidade* (Uberlândia), *por aqui tornou-se... (...) assim como se fosse outra cidade; (...) aonde cê vai fulano? Vô lááááá no Uberlândia* (risos!), *éh! Ou então era assim: cadê o ciclano? Ah! Tá pra cidade? Lá?* (em Uberlândia). *É... então era sinal que ia demorá demais..".*[44]

Habitar no bairro Alvorada significou, para muitos dos seus moradores, realizar o *"sonho"* da casa própria. Portadores de um baixo poder aquisitivo, sufocados por um aluguel exorbitante, a maioria dos trabalhadores uberlandense viam-se obrigados a percorrerem os bairros à procura de uma casa menor, cujo aluguel estivesse dentro das suas possibilidades financeiras. Desta forma, nem sempre o que encontravam para morar significava *"ser confortável"* para si e sua família.

Então, envolto num discurso elitista, calcado na *"Ordem e Progresso"*, cuja mola propulsora é o trabalho, o cidadão apropriou-se deste discurso, nutrindo interiormente o desejo de *"possuir uma casa"*, na tentativa

---

[43] Maria de Lourdes Dias Farias, 47 anos. Foi uma das primeiras moradoras do Conjunto Alvorada "I". Entrevista concedida 16-10-96.

desesperada de fugir do *"famigerado aluguel"*. A tentativa pode se dar a partir da construção de um barraco[45], no fundo do quintal, em terreno cedido por parentes, favelas ou até mesmo adquirindo o direito de uma casa financiada, por determinado tempo pelo poder público constituído, como por exemplo: a Caixa Econômica Federal, o Banco Financeiro de Habitação (BNH),[46] entre outros.

Nesse sentido, obter um lugar definitivo para morar, passa a ser para o trabalhador, um compromisso de honra, podendo até mesmo vir a ser um dos fatores de multiplicação das favelas, que tiveram a sua intensificação na década de 80, e que segundo a constatação de Maria Clara Machado ao abordar o tema da pauperização e mendicância na cidade de Uberlândia, essa intensificação foi até mesmo reforçada , no que diz respeito à *"repressão exercida para eliminá-las"*.[47]

Entretanto, anterior a esta intensificação das favelas, também podemos verificar um crescimento acentuado de bairros periféricos na cidade de Uberlândia, com implantação de Conjuntos Habitacionais , a partir da década de 60, finais de 70, tomando como exemplo o Conjunto Alvorada, objeto de nossa pesquisa .

Na verdade, este *"compromisso de honra"*, traduziu-se também em sonhos expressos de diversas formas nas entrevistas realizadas com moradores do referido conjunto residencial, concedidas especialmente para este trabalho:

> *"Eu queria ter uma casa! O meu sonho era ter uma casa... Eu achei qu'eu precisava ter uma casa rápida, enquanto os meninos eram pequenos... e quando a gente veio... eu vim*

---

[44] IDEM.

[45] Barraco – Moradia normalmente feira de tábua, latão em folhas, pedaços de telha Eternit, aproveitando restos de construções. A existência de vários barracos construídos num mesmo local é comumente denominado de *"favela"*.

[46] Ver SOARES, Beatriz Ribeiro, op. cit., p.p. 118 - 123.

[47] MACHADO, M.ª Clara Thomaz, op. cit., p. 65.

> *aqui já prá mim morá, eu achei assim... "lóóóónge", mas era bom demais... gostoso. A casa era minha, né? As dificuldades estaria aí... mas eu, dei conta de comprá foi aqui, né?"*[48]

Ao contar-nos a sua história de vida, Glória relata-nos com muita simplicidade, pontos interessantes que poderão ser *"tomados emprestados"* para exemplificação de outros trabalhadores, sem cometermos o erro de generalizações banais, porém, podendo acrescentá-la como sendo o que ocorre com a maior parte deles. Neste sentido, quando Glória diz: *"eu vim aqui já prá mim morá"*, ao longo da entrevista, ela explicou que não pode escolher a sua casa; esta *"escolha"*, ou seja, a compra da casa, fora efetuada pelo marido. Na verdade, a necessidade de se ter uma casa é inculcada no indivíduo; porém, o que vai determinar *"onde comprar a casa"* é o salário, a renda familiar, explícitas na fala de Moacir:

> *"É ... ou você quer ficar isolado da vida, ou você não tem condição financeira... prá você morar onde você quer! Você está sujeito a morar a onde os 'outros' querem que você more. Isso é uma imposição dos nossos poderosos políticos.. que são muito 'bom-zi-nhos'".*[49]

Esta *"falsa escolha"* acontece para nós da classe trabalhadora, muitas vezes sem a questionarmos, sem prestarmos a devida atenção que entre o *"sonho e a realidade"* poderão existir fossos profundos, implícitos na fala de Glória:

> *"As dificuldades estaria aí... a gente não via muita distância.. a gente era mais novo... acho que as coisas eram mais fáceis..* (risos!).. *hoje se fosse prá mim fazê isso.. eu não faria ..."*[50]

---

[48] Maria Glória de Moura, 44 anos, moradora do Conjunto Alvorada "I". Entrevista concedida 22-10-96

[49] Moacir Soares da Silva, 43 anos. Morador do Conjunto Alvorada "I". Ex-funcionário da Construtora e Imobiliária Nascimento. Entrevista concedida em 23/10/1996.

[50] Maria Glória de Moura, entrevista citada.

Uma experiência interessante, que podemos citar com tranqüilidade quando compraram a casa no Alvorada, foi a morosidade com que se deu os *"trâmites legais"* para a sua efetivação. Entre a proposta de compra e o *"mudar-se"* para a casa existiu uma longa espera. Traduzida em meses angustiantes, primeiro mediante a aprovação ou não do comprovante de renda pela imobiliária e/ou o órgão público financiador. Após receberem o *"sinal verde"* de que *"podiam"* comprá-la tiveram que pagar à construtora uma chamada *"entrada"* (à vista ou parcelada), simultaneamente a este pagamento, a Imobiliária *"entraria"* com o *"Contrato de Compra e Venda"* junto ao órgão financiador. (Ver Anexo). Outra exigência colocada para os interessados era ter que abrir uma caderneta de poupança na *"ex."* Minas Caixa[51] que naquele momento era u dos órgãos financiadores das casas do Conjunto Alvorada (etapas *"I"*, *"II"* e *"III"*). O restante, fora financiado pela Caixa Econômica Federal, como explica Ademar:

> *"Você sabia qu'eu comprei casa aqui duas vêis?...(..)... é! Comprei primeiro lá no 'I', ao lado do..do 'prezinho'* (Pré-escolar Municipal); *Eu comprei a casa, paguei a entrada dela... e aí... quando faltava uns... (pausa)... uns cinco mêis prá entregá a casa né... me procuraram e dissero que tinha me mudado de local... de rua.. de tudo. Tinha me botado lá na bêra da soja (lavoura de soja que margeia o local), lá na 'D'*[52]*... aí eu num aceitei... fui na Constrular* (construtora) *e, disse qu'eu num queria... aí briguei... e depois de muita briga com muito custo, recebi meu dinheiro de volta né... com juros. Depois de um tempo, um ano mais ou menos, apareceu..* (risos) *um colega meu que era vendedor..* (corretor das casas)*... e apareceu lá* (no trabalho) *me oferecendo a casa de novo... aí eu falei... né, que não! Que havia me acontecido isso e isso... né.... Mais aí né, deu certo. Aí quando eu comprei a casa aqui né, no dois, era prá sê uma casa de esquina... perto da praça.. Eu num sei se ocê sabia que a praça do Alvorada num era prá sê lá... onde é hoje. Era prá sê aqui... no terreno do centro*

---

[51] Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais. Foi liquidada em 27/10/1993.

[52] Antiga avenida "D", hoje denominada Avenida Mário Teodoro de Oliveira, projeto n.º 7769, proposição 2500, Lei n.º 5416/91, de autoria do Vereador Luizote de Freitas.

> *comunitário...(...)... Desta veiz eles mudaram a praça..* (o local da..*), ali então dexô de sê uma esquina. Acabei ficano no meio do quarterão mas no lote qu'eu havia escolhido. Daí... vei a história do dinheiro qu'eu te falei né? Eu num tinha o dinheiro prá dá a entrada que era uma parte que a gente tinha que pagá à vista, prá depois financiá na Constrular né?... aí então eu tinha uma sala lá, uma copa..*[53]. *e êle* (o vendedor) *gostô dela, então a gente combinô: ele pagô a entrada prá mim e aí.. eu financiei o resto. (...) e depois quando acabei de pagá...* (este financiamento*) tive que fazê uma poupança de (...) treis mil cruzeiros... é... uma poupança lá* (Minas Caixa) *prá podê assiná o contrato... prá depois vim as papeladas de Belo Horizonte prá gente podê assiná, né, lá na Minas Caixa...(...)... procê recebê a chave da casa.. ocê tinha que tê esse dinheiro lá."*[54]

Embasados nas falas do Ademar, podemos perceber os vários "anseios" e *"jeitinhos"* que são (re)-elaborados pelo trabalhador para poder comprar a sua casa. Esses *"arranjos"* perpassam desde à maneira de se conseguir o dinheiro exigido para a entrada até à comprobabilidade da renda financeira, que no caso teve que ser alterada para encaixar-se nos padrões exigidos, identificado por Ademar de *"burocracias; trambiques "*:

> *"... quando a gente foi comprá, também existia a burocracia de comprová a renda familiar... e a minha* (renda*), na época, num dava prá mim comprá... assim, eles exigiam acima de seis mil...*(recordando) *acho que era... (risos!) assim uns seis mil conto que a gente falava... aí eu num tinha. Tive então que fazê né.. uns trambique,* (rindo). *Eles faiz né? Por que que nóis num faiz né? .. O meu salário era uns treiz e pouquinho.. aí eu voltei na minha firma* (firma em que trabalhava*) e aí êles* (o patrão) *aumentaro lá... fizero um outro comprovante de renda, dizeno qu'eu ganhava além do salário da cartera* (carteira de trabalho*), ganhava comissão... dando então uma renda é, um salário duns sete mil e pôco...*(rindo*) só aí é qu'eu consegui a* (casa)*... a entrá no financiamento... (...)... alterô a minha renda, sinão, eu num podia comprá a minha casa"*[55]

---

[53] Móveis apropriados à sala de jantar.

[54] Ademar Pereira Duarte, 49 anos. Morador do Conjunto Alvorada "II". Ex-presidente da AMCA, entrevista concedida no segundo semestre de 1999.

[55] IDEM.

Observa-se nesta fala que alguns mecanismos subentendidos como *"trambiquis"* são elaborados, talvez *"re-criados"* pelos trabalhadores na perspectiva em alcançarem os seus objetivos. Essas *"artimanhas"* podem ser entendidas por nós historiadores como *"resistências"* às imposições da classe dominante sobre o trabalhador. Daí a importância do *"olhar aguçado do pesquisador"*, no seu diálogo com as fontes, possibilitando o resgate das evidências, podendo então dar *"voz"* ao que foi silenciado, revelando, entre outros, os vários obstáculos criados pelos trabalhadores frente às normas institucionalizadas, impostas sobre os mesmos. Essas *"resistências"* expressam-se também nas formas *"surdas e silenciosas"*[56], vêm muitas vezes *"quebrar"* passo a passo a linearidade da história.

Diante da *"espera"* pela casa própria, as entrevistas revelaram uma certa expectativa por parte dos pretendentes em preencherem este espaço de tempo;[57] o que vale dizer que não era um tempo qualquer; foi um *"tempo"* povoado de sonhos, de confiança, de auto estima. Nísio *"empinava o peito"* e falava à esposa: *"..É meu bem! Se Deus quiser agora nós vamos tê a nossa casa!... "*[58] e saia para a sua dupla jornada de trabalho para conseguirmos pagar o valor exigido pela Imobiliária, descritos nas falas de Ademar.

Para a moradora Lourdes, este *"tempo de espera"* significou, no mínimo, uma ruptura dos laços afetivos com sua família materna evidenciados nos valores e conceitos cultivados por eles. Maria de Lourdes e seu esposo João, moravam em Goiânia (GO); a vinda deles para o Conjunto Alvorada se deu mediante a transferência de serviço do esposo para Uberlândia. Ao ser entrevistada, por ser uma das primeiras moradoras deste local, deixou transparecer que jamais havia pensado em se mudar de Goiânia:

---

[56] Cf. VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, KHOURY, Iara Maria Aun, **A Pesquisa em História, Ática**, 2ª edição, PUC, São Paulo, p. 18. Cf. também CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**, Rio de Janeiro, Vozes, 1974, p.p. 75 - 90.

[57] Vale a pena lembrar que este termo ao qual me refiro, compreende o período da "arrumação" dos papéis referentes a compra da casa junto à Construtora até a mudança para a mesma.

[58] Nisio Silvestre dos Reis, 50 anos. Morador do Conjunto Alvorada "II". Ex-tesoureiro e conselheiro fiscal da AMCA, entrevista concedida no segundo semestre de 1996.

> *"... Quando eu fiquei sabeno...* (da casa) *o João* (esposo) *já tinha compro, né?.. Porque eu táva em Goiânia.. a gente morava lá... E surgiu a transferência prá ele, prá cá –* (Uberlândia*) e eu num quis vir, porque eu nunca tinha saído de perto da minha família né? Eu logo falei, propus. Falei qu'eu num ia vir.. aí ele falô: ... tá bão! Então é vai ficano aí e vamo vê o que é que dá! E êle* (que não desistia) *sempre ia lá né, e falava assim... '"vamo'bora sô prá lá é bom e ta'... e eu nunca tinha vindo aqui. Aí ele pega e compra uma tal casa... e falô assim prá mim: '..Eu comprei uma casa e loguim vai saí'. Aí eu eu respondi... bão, hanrãm...* (murmurou entre dentes). *Aí minha mãe falou assim: '... não senhora... você vai sim purquê lugá de esposa é perto do marido. Você tem 03 filhas* (mulheres*) pequena, ocê vai porquê é obrigação sua acompanhá ele...' Aí falei.. "Então tá né, eu vô..* (suspira, fazendo um jeito de resignação.) *Aí quando eu cheguei* (em Uberlândia*), né, ele falou assim: 'Eu comprei a casa, mas... inda tá nos papéis... mais num vai demorá prá saí'...*(ao que Lourdes retruca.) *Tô nem aí.. eu num quero vê isso né?"*[59]

A resistência de Lourdes para não sair de onde estava, para não modificar o seu cotidiano não para aí. Seria a mulher exteriorizando as suas resistências frente à dominação do marido; da mãe...,[60] porém com os seu conflitos evidenciados aliados à *"dureza"* do aluguel e suas conseqüências, passam a significar uma realidade na sua vida e de sua família assim expressa por ela:

> *"... Aí moramos um ano de aluguel ainda né, (...)lá no Roosevelt* (Bairro Presidente Roosevelt-Uberlândia) *até as casas ficá pronta! Mas...* (nesse tempo) *eu nunca quis vim vê a casa não, (risos) a primeira veiz qu'eu quis... qu'eu interessei mesmo de vim vê a casa foi...foi de noite. A gente... é... o João era muito aventureiro né?... aí ele falô... 'Vamu lá agora vê a casa? .. aí eu animei e.. então vamu! Aí Maucia, vimu sô num 'carrim' que é agente tinha né?.. que depois até vendeu prá... prá pagá.. um pouco da casa. Era uma 'Vemaguete'* (marca de carro)*... e viémo, viémo... passamo pelo CEASA* - (Central de Abastecimento S.A*). Era tudo*

---

[59] Maria de Lourdes D. Faria, entrevista citada.

[60] SOIHET, Raquel. "Enfoques Feministas e a História: desafios e perspectivas" Apud SAMARA, Eni de Mesquita, In.: **Gênero em Debate**, São Paulo, EDUC, 1997, p.p. 55 - 82.

> *cerrado, tudo, tudo sabe? Aí eu falei: Não, o que qu'é isso... é isso aí ??? eu num vô morá aqui mais é de 'jeeeeeito' nenhum!!!* (risos). *Bão! cheguei aqui de noite, né? Essas casas aqui... oh, só tinha o 'um' aqui sabe? Era só o embrião das casas mesmo. Só mesmo o esqueleto, né?* (Lourdes fala tentando imitar o marido) *'não; isso aqui vai ficá bão demais sô'... e eu pensava assim: dá onde eu vim prá morá aqui... e de noite ainda!...* (e o marido retruca...) *'...Bem, mas aqui é bom sô... aí eu falei assim: ... mais eu só tô venu mato!* (risos)... *menina, e foi me danu um horror... você não conseguia enxergar a casa uai! Não! Eu num tô venu nada; eu quero é imbora; vamu, vamu embora. E na ida, pra í embora o carro ainda estraga...* (e Lourdes sorri, balança negativamente a cabeça) *e aí eu falei nem! Num vô morá, nem! Num vô morá mesmo; êsse 'trem' num vai dá certo sô!"*[61]

Aparentemente *"ludibriada e decepcionada"* Lourdes sai decidida em não voltar mais. Porém:

> *"... Aí, o João vendeu o carro, né, passô 03 meses e o João falô assim: ' agora cê vai lá vê (...) o tanto que a casa tá boa!... aí já... vim vê a casa; as casas já estava tudo... pronta.. Então eu vi que as eram boas né... (...).. aí eu empolguei com a casa... Ela era grâââânde né, arejada (...) aí gostei demais.. as meninas eram pequenas né.. então elas acostumaram morá por um ano e meio em 03 cômodos. Elas achavam bom o eco que dava né..* (risos!)*... que começava lá na sala... mãeêêêê... e aí ficava nê.. brincando assim. Elas acharam uma beleza sabe?.. Percebiam um espaço maior que era só delas.. e outra coisa, a liberdade que elas tinham né... era muito espaço!...* (lá fora) *... tudo era cerrado."*[62]

O que era um *"horror"* para Lourdes, tornou-se um *"paraíso"* quando ela se sucumbiu ao discurso. Entretanto, para o Sr. Anoel, adquirir a sua casa e ao mesmo tempo morar no interior significou realizar um duplo anseio evidenciado na sua entrevista:

---

[61] Maria de Lourdes D. Faria, entrevista citada.
[62] IDEM.

> *"Fui o 3º morador aqui do Alvorada...Quando eu mudei prá cá só tinha o um... eu vim de São Paulo, capital. Eu vim prá cá* (Alvorada) *prá morá de aluguel ... (...)... e foi um contraste muito grande né, qu'eu vim da capital de São Paulo... cheguei aqui.. é.. completamente diferente, né? Mais a gente tinha uma expectativa de tê uma casa própria.. de tê uma vida mais saudável no interior né?... Foi bom! (...) a gente veio e conseguiu é... (...) ... realizar o que queria..."*[63]

Na tentativa de apontar os diversos expoentes do imaginário dos trabalhadores que fizeram a história do Conjunto Alvorada, não podemos deixar de registrar as várias facetas deste momento que foi tão importante para alguns e significativos para outros. O *"sonho"* da casa própria, às vezes arrebata quem nele embarca: como por exemplo, no meu caso. Quando vi que ia ter a minha casa, fiz muitos planos, dando asas à minha imaginação. Queria colocar o mundo dentro dela... recém demitida da Universidade Federal de Uberlândia, onde trabalhava como auxiliar de enfermagem, comprei sofás novos, tapetes, mandei fazer as minhas cortinas lá nas *"Casas Pernambucanas"*, as cortinas do quarto dos meninos eram de um verde *"clarinho"* decorado com *"bichinhos"*. Para minha sala escolhi cortinas de americano cru, dando um tom natural... e assim foi...

Obviamente,, eu sabia quanto que media a estrutura da casa, mas levada pelo meu sonho, perdia a noção desta medida. Com certeza ela era maior e não tinha o vermelho da poeira. Então eu chorei quando vi as marcas das mãozinhas dos meus filhos na cortina clara da sala, os seus pezinhos sujos no sofá de tecido e os chinelinhos cheios de barro no tapete. Mudamos para nossa casa na primeira semana de Setembro de 1981. Havia chovido, as ruas eram de terra e grandes poças d'água se formaram... elas foram a *"piscina"* que eu sonhei para os meus filhos; pelo menos ela era imensa!

---

[63] Anoel José Alves, 63 anos. Morador do Conjunto Alvorada "I". Ex-presidente da AMCA.

O ato de mudar-se para algum lugar, a própria palavra sugere um começo; no entanto para Efigênia Dilma este *"começo"* significou o início de uma luta árdua marcada por ser mulher negra, viúva e com 02 crianças pequenas para criar:

> *"Eu vim de Paranaiguara em Goiás, meu marido trabalhava na Andrade Gutierrez na Emborcação*[64] *em Araguari. (...)a gente morava nos acampamentos da firma.. (...) e lá dia 1° de Outubro de 1979 ele* (esposo) *faleceu. (...) Eu, muito nova, né, com duas crianças optei prá vir prá uma cidade grande, prá vê se dava conta do recado, longe da minha família... (...) e o meu sonho era Uberlândia... (...). Aí eu vim prá cá; morei primeiramente lá na rua Monte Carmelo perto da Rodoviária. Morei lá do dia 24 de Dezembro* (1979) *até dia 08 de Março, qu'eu mudei prá cá –* (Conjunto Alvorada). *Vi falá nessa casa da Constrular. Mas eu não conhecia Uberlândia. Eu sabia que tava perto do centro* (da cidade) *quando eu chegava perto dos prédios... difícil, não? Mas... eu consegui chegá na Constrular... comprei esta casa.. dei de entrada... na época era muito dinheiro... mas eu tava com o dinheiro qu'eu tinha recebido da firma* (pela morte do esposo). *(...) 'Eu num sabia também onde que era o Alvorada, eu não conhecia nada em Uberlândia. Eu ouvi falá pelo rádio... que era umas casas boa né, 'coisa e tal'* (neste momento, Efigênia relatando o medo que sentiu durante o caminho percorrido para ver pela primeira a casa que havia comprado. Quem a trouxe foi o senhor Zenon, gerente da Construtora e Imobiliária Nascimento). *Assim então o dia qu'eu vim vê a casa menina, eu queria morrê... porque ... (risos!) era longe demais... saía da cidade...* (risos). *Intão eu pensei: gente do céu! Já que ninguém me conhece prá me dá trabalho... esse home já pegô o meu dinheiro.. e tocô comigo pro cerrado... que este Posto da Matinha*[65] *era bem pequenininha e tal... (...). Esse home entrô no meio dos zocalipo*[66]*... do cerrado e vei andano, andano... e eu cumecei a suá frio...* (expressão de medo e risos), *essa é parte é das mais engraçada... (risos). Eu comecei a suá às mãos... começô a mi dá um suor aqui na testa... e ó... num dava conta de falá.. sabe? Eu tava... pensava só nos meus fios que tinha ficado trancado lá em casa, no Martins (bairro) e esse home tá andano, andano... até que... consegui falá com ele assim:*

---

[64] Usina Hidroelétrica construída entre as cidade de Uberlândia e Araguari (MG) pela empresa Andrade Gutierrez .

[65] Posto de gasolina construído às margens da BR 050, KM 52, Uberlândia (MG).

[66] Plantações de eucaliptos que existiam próximas ao Conjunto Alvorada.

> *a casa que o Sr. me vendeu é noutra cidade né. Num é em Uberlândia não, né? Já tinha saído de Uberlândia há muito tempo uai. Aí...* (risos de compreensão) *porque hoje ocê vai... ocê nem vê que é tão longe! Mais no início ocê entrava dentro do cerrado brabo... do trevo da morte*[67] *que era aquilo lá, pra cá era tudo mato, né? Tinha aquelas máquinas de arroz no méi daquele mato todo, era muito difícil. Aí então né... foi qu'ele* (o Sr.Zenom, sub-gerante da construtora) *oiô pra mim e viu qu'eu tava toda suada sabe? Eu tava mesmo minando suor assim..* (possando as mão pela testa e em tom calmo expressou as palavras do Sr.Zenom:*"ô minha filha num é isso não!... É um pouco longe, mas isso aqui é...* (risos) *ainda é Uberlândia* – (muitos risos!). *Eu pensava – já que ninguém me conhece, se ele me matá ou me jogá fora, aqui no mei do mato, ninguém vai senti a minha falta. (...) ... Minha nossa eu nunca passei um sufoco tão grande né? Aí a primeira coisa que a gente viu, foi a escolinha* (hoje funciona o Pré-escolar Municipal) *aonde tava o depósito de material... aí ele me trouxe... eu num tava nem falando, eu tremia as mãos de medo! Eu tava com medo dele mesmo. Já tinha pegado o meu dinheiro... ninguém me conhecia mesmo... me tóóóóca* (pausadamente) *no mei do cerrado, aí eu pensei: não num é Uberlândia mais* (risos), *aí, quando chegô, ele me mostrô uma casa na avenida "B"*- (hoje é rua Alcides Peixoto Barbosa) *(...) ... mais... aí quando entrô nessa daqui... parece que o meu coração bateu forte, sabe? Aí eu falei: sô Zenom, se esta* (casa) *aqui num tivé dono, eu quero essa! ...foi a primeira casa.. a única casa qu'eu entrei foi essa aqui e eu consegui ficá com ela!"*[68]

A pesquisa revelou-nos várias sensibilidades, como por exemplo a descrita acima, isto é, o fato do *"sonho"* de Efigênia ter-se transformado para ela num grande tormento. Assim sendo, marcam diferentemente o *"abismo"* existente entre o *"sonho e a realidade"*. Queremos ressaltar, desta forma, que as *"percepções"* reveladas nas falas dos entrevistados refletiram a angustiosa espera pela casa própria, porém, não constam nos documentos oficiais; muito menos estão delineados no frio *"contrato de compra e venda"* composto de 05

---

[67] Local da travessia da Avenida Floriano Peixoto com a BR 050. Ganhou esse codinome por causar muitos acidentes. Atualmente foi construído um viaduto cujo nome é Monteiro Lobato.

[68] Efigênia Dilma de Oliveira Santos. Moradora do Conjunto Alvorada "I", militante da AMCA. Entrevista concedida no segundo semestre de 1999.

páginas escritas, com minúsculas letras e várias assinaturas que recebemos.

Morar no Conjunto Alvorada, significou para muitos moradores *"realizar"* o sonho da casa própria e ao mesmo tempo situarem-se com a realidade. Uma realidade muito ampla que desnuda as mazelas de um discurso dominante, e que segundo Maria Clara T. Machado teima em camuflar os conflitos, em expurgar para a periferia os *"fantasmas, figuras reais, homens, mulheres, crianças, jovens ou idosos"* cuja presença ameaça macular o desenvolvimento da sociedade. Esta *"limpeza"* se dá em nome do *"progresso"*, tomando como corpo o tema da racionalização do espaço, *"a preocupação com o espaço urbano é uma realidade da sociedade de burguesa e nasce com o próprio capitalismo. Portanto, as estratégias do planejamento urbano fazem parte de um projeto maior da classe dominante que objetiva, além da viabilização do progresso, determinar o lugar de cada um e de cada coisa neste espaço social. Higienizar a cidade, ou delimitar lugares não são questões meramente técnicas, são parte de um debate político mais amplo, onde a técnica está a serviço do poder constituído."*[69]

Neste sentido, podemos deduzir que a periferização de uma cidade, no caso em Uberlândia, não se deu de forma ingênua. Trouxe no seu bojo toda uma carga de intencionalidade voltada para a sustentação das diretrizes capitalistas veiculada neste caso pela especulação imobiliária.

O Conjunto Alvorada no nosso entendimento está visivelmente caracterizado como fruto desta especulação uma vez que se insere na seguinte definição de Ermínia Maricato, quando busca no seu trabalho conceituar a *"forma de proletarização do espaço da cidade... espaço da residência da classe trabalhadora ou das camadas populares, espaço que se estende por vastas áreas ocupadas por pequenas casas em pequenos lotes, longe dos centros de comércio ou negócios, sem equipamentos ou infra-estrutura urbanos, onde o comércio e os serviços particulares também são insignificantes enquanto forma de uso do*

---

[69] MACHADO, Maria Clara T., op. cit., p. 55.

solo."[70]

Esta *"prática"* se fez comum na cidade de Uberlândia onde a classe dominante *"fechou"* os olhos, à medida que não estabeleceram mecanismos capazes de frear o mercado imobiliário que cresceu à revelia, condenando parcela significativa de trabalhadores a enfrentarem no seu dia-a-dia diversos dissabores referente à ausência de serviços coletivos que deveriam ser prestados à comunidade pelos órgãos públicos.

Desta maneira, as entrevistas mostram que neste *"enfrentamento"* não existem receitas. São tecidas paulatinamente no cotidiano de *"suas vítimas"*, às vezes de forma sutil como podemos perceber na fala de Bernardete:

> *".. Eu num sei porque cargas d'água" nós não viemos (...) aqui prá vê...* (a casa*). Nós viemos prá mudá...* (risos!). *Nós viemos..* (para ver) *no dia que veio a mudança...* (risos!). *Prá mim tava tudo normal*! (decidida*) a única coisa, (...) eu detesto poêra (...) fiquei desesperada a hora qu'eu vi... aquela poêra. Aí eu pensei comigo: ah! Nada...* (deixa estar que) *nós vamu fazê alguma coisa prá arrumá essa poêra...* (bem decidida) *ah! Eu vou fazê sim. Essa é a primeira coisa... foi isso qu'eu pensei".*[71]

Como se pode perceber, já delineia nos pensamentos da entrevistada toda a sensação de que se pode fazer algo no sentido de modificar a situação do incômodo vivido. Até então, segundo ela própria, estava encarando como normal a nova situação assim expressa quando fala dos seus *"sonhos"* a respeito da casa própria:

> *"... O meu sonho era não ter que fazer mudança. Que na verdade eu queria um lugar prá mim morá, (...) ... um telhado prá mim ficá de baixo... e que nun-ca-mais-eu ti-vesse-que-mudá-de-ca-sa!* (decidida). *(...)Porque eu tinha pavor de mudança. Cada vez qu'eu tinha que mudá era uma tragédia prá mim. Pavor mesmo! Então eu queria um lugar prá mim*

---

[70] MARICATO, Ermínia Apud MOREIRA, Elvécio Domingos, op. cit., p. 11.

[71] Bernardete Maria dos Santos Arantes, ,moradora do Alvorada "II", entrevista concedida em julho de 1999.

> *num saí da casa... (...).. Eu escolhi uma casa que ficasse... aí eu perguntei prá moça* (vendedora) *se tinha uma praça... porque eu queria uma praça prá eu levá os meninos prá brinca na praça, enquanto esperava o papai chegar. (...) Então eu escolhi frente a praça".*[72]

Um fato que nos chamou atenção, na maioria das entrevistas feitas para este trabalho, é que a maior parte destes moradores só vieram conhecer a sua casa no dia em que mudaram. O que nos faz pensar que só a partir daí é que alguns deles tomaram contato com a realidade, como no caso da Bernardete:

> *"... É ... então aí, né, a decepção mesmo real veio no outro dia; porque nós mudamos num sábado, e no domingo era batizado da... de uma criança d'uns amigos nossos... que a gente era os padrinhos que foi chamado assim com tanta ênfase, com tanto carim né, prá ser os padrinhos daquela criança e o batizado era as nove horas. É...* (devagar) *nós não sabíamos da história do ônibus que corria ape-nas três-ve-zes no dia* (risos!). *Aí foi aquele auê... quando nos levantamos... que aprontamos pra saí e tal, né?... cadê o ônibus? Já tinha passado, e nós já tinha perdido, num tinha ônibus mais... e o batizado era lá na Igreja Nossa Senhora Aparecida... e então cumé* (em tom de brincadeira) *qui nois ia chegá lá? Num tinha carro também!.. E agente envez de pensá de í prá rodovia pegá uma carona, nós não pensamos nisso.. mesmo porque num tava acostumado com esse tipo de coisa... aí mia fia passô uma Kombi véia dum home que mexia com lavage prá porco lá da roça...* (risos!) *e nós pedimos e levô nós atê no Santa Mônica, ou no Tibery –* (bairros mais centrais) *num sei mais qual era.. qu'ele levô a gente... e despejô a gente e ainda co-brou e nós ficamos tudo sujo, fedido de lavage...* (rindo) *e ainda tivemos que pega um taxi* (continuando a rir) *prá ir é claro, fedeno lavage, prá igreja batizá a criança... Com isso eu fiquei louca! Aí eu fiquei biruta mesmo! Porque eu descobri que o ônibus passava três vezes ao dia... (...) manhã; tarde e noite. (...). Então começô daí: primeiro a poeira, segundo o ônibus, e a gente foi descobrindo o problema da energia que acabava, que num tinha; da água qu'a gente tinha que pegá nos baldes*

[72] IDEM.

> *lá no clube* – (sede campestre União dos Viajantes) *que tinha poço artesiano; é que foi descobri que num tinha rede de esgoto".*[73]

Perceber estas questões, levantadas por Bernardete, foi a partir daí, o ponto crucial da dinâmica presente na trajetória destes moradores onde cada um do seu jeito próprio foi descobrindo que havia problemas comuns a todos apontando para uma busca de solução coletiva:

> *"Eu num sei cumé qu'eu explico isso... que a gente ia no peito na raça... porque eu num entendia de merda nenhuma.. de política, num entendia, num sabia o que era partido político, o quê que era política, e nem o quê que era políticagem, eu aprendi* (devagar) *foi no peito mesmo né,.. e então logo nos primeiros dias a primeira coisa qu'eu fiz foi conversá com algumas pessoas e que esse grupo foi aumentano".*[74]

Esta identificação dos problemas comuns também se faz sentir na entrevista de Olivia quando *"buscou"* na sua memória os passos traçados para conseguirem realizar os objetivos: ... ***"marcavam reunião"*** com o poder público; *depois "senta*vam-se *conversavam antes"* ... para um terceiro momento efetuar o ato... ***"chegava e reivindicava o que a gente precisava"***. Portanto, este grupo detectava o problema, socializam e racionalizam as suas idéias criando, assim, mecanismos sutis de confrontação da comunidade com o poder público:

> *"Os próprios moradores, ... uniram né? E ia de cinco em cinco a mais ... formavam grupos...* (do qual) *eu pertencia. Era eu , a Bernardete, a Cida do Romeu; eu lembro bem quando nóis formos reivindicar a escola, ...o seu Mauro antigo morador da rua onze e os meninos ...organizou esse grupo ...e fomas lá embaixo, né reivindicá. Primeiro marcava reunião, né com o pessoal e esperava lá, uma hora, duas horas ... esperava prá ser atendida. A gente sentava e conversava antes; e chegava e reivindicava o que a gente*

---

[73] IBIDEM.
[74] ID IBIDEM.

precisava: a escola, o posto de saúde, igreja a gente também não tinha na época".[75]

Uma das propostas deste trabalho, é justamente resgatar as *"estratégias"* elaboradas pela comunidade para exigir que o poder público cumprisse a sua parte, uma vez que estes moradores pagavam impostos, isto é, estavam cumprindo o seu dever. O mais interessante é perceber que aos poucos uns e outros vão tomando consciência do que deveria ter no bairro, capaz de garantir-lhes uma sobrevivência mais digna. Ora nos avanços, ora nos recuos foram aprendendo uns com os outros a construírem o seu próprio caminho.[76] Ao mesmo, tempo vale a pena lembrar, que este aprendizado poderá ocorrer diferentemente nos indivíduos, interagindo diversificadamente em cada um. Diante das falas já exibidas, as lembranças de Suzilei ilustram parte do que queremos dizer:

"... Quando eu mudei prá cá, a angústia era tanta com tanta terra e com tanta poeira e com tanta falta d'água falta de energia que sinceramente eu não pensava em saí prá rua e brigá pra... tenta saná os problemas não! Eu queria saná os da minha casa primeiro ... (risos!). *Eu achava que se eu pusesse a minha casa em ordem, lá fora as coisas se ... é ... melhorava, sei lá! Sei que eu limpava tudo... eu limpava e prendia a Bianca* (filha) *dentro de casa, porque num podia saí na rua por que num tinha onde pisá... era tudo barro... a Bianca tadinha tomava três banhos por dia: na hora do almoço, mais tarde e de noite prá dormi ... porque táva tudo cheio de terra... era tééééérrrrra mesmo!* (risos) ... *Desesperada eu descia todo dia ... (...) ... eu pegava a Bianca, carregava ela até no ponto, eu carregava um sapato dentro da minha bolsa ...* (rindo!).*Chegava lá embaixo* (na cidade) *tirava o sapato sujo punha dentro d'uma sacolinha* (rindo até não poder mais) *e calçava o outro".*[77]

---

[75] Olívia Lima dos Santos, 47 anos. Moradora do Conjunto Alvorada "II". Entrevista concedida em 23/10/96.

[76] THOMPSON, E. P. Op. Cit., p.p. 09 - 12.

[77] Suzilei Ferreira Duarte, 47 anos. Moradora do Conjunto Alvorada "II". Entrevista concedida em 21/08/99.

Morando no mesmo lugar, percebendo aquilo que lhes incomodavam e falando na entrevista de uma mesma época, Bernardete, Suzilei e Olívia viveram a mesma situação, tomando porém rumos diferentes: enquanto Suzilei inconscientemente "descia" para fugir dos problemas que a afligia, as outras duas percebiam a situação por um outro viés relatado por Bernardete:

> *"...Pois é ... eu naquela...*(época) *sabe? Eu num tinha nada claro na cabeça, como eu já falei ... (...) Eu num entendia de nada ... (...) ... mais quando eu vi que num tinha escola, num tinha ... a ...(...) praça qu'eu queria que os meninos brincassem num existia, né? ... então eu cumecei a conversar na rua ... aí eu entendia que ... se eu queria aquilo pros meus filhos, num adiantava eu ficá dentro de casa por que eu num ia conseguí só pro meus filhos. Tinha que querê prá todo mundo que morasse aqui(...)".*[78]

Conforme Olívia relatou, formaram um grupo de moradores unidos pelo mesmo objetivo e procuraram o poder público para colocarem as suas reivindicações:

> *"... Então eu saí conversano e achei uma porção de pessoas e êsse grupo foi crescendo ... e a maioria tinha crianças ...* (rindo) *e nós saía com os meninos tudo: eu saía com os três; a Olívia com o André e a Andréia; tinha o Sô Mauro mais a mulher dele mas só o Sô Mauro ia ... ele era um senhor de idade né? E tinha a Maria Helena da cinco (rua) com as crianças. Tinha a Aparecida de óculos lá da rua 9 que ia; qu'ela tinha dois meninos nessa época o Warley e a Aline... quem mais?* (relembrando) *Ah! Era tanta gente, não me recordo mais assim de todas pessoas ... Reunimos aquela turminha e a gente saía todos os dias né?* (rindo) *(...) e ia lá prá prefeitura ...(...) Então a nossa primeira briga foi a escola que não tinha! Ela ia ser construída mai não naquele ano ... Então nós batia na porta da Terezinha Magalhães (Secretária da Cultura), todo dia né... tava lá aquela turma... (risos) Foi ino ela encheu o saco! De tanto qu'ela 'encheu o saco', que já tava assim quase no meio do ano e começô a*

[78] Bernardete Maria dos Santos Arantes, entrevista citada.

> *construi essa tal de escola. Aí era assim: ela mandava nós lá pro Dorivaldo*[79] *(...) ...explicando 'um num sei o quê' que era ele que tinha que construí... Eu sei que acabô fazendo o 'cubículo' que é o que nós temos até hoje aí... melhorô um pôco só. Parecendo mais um galpão do que qualquer outra coisa, é ...então... a gente conseguiu que construísse a escola – Escola Estadual Lourdes de Carvalho – e aí quando de repente põe o nome da escola duma pessoa que a gente nunca viu na vida...* "[80]

É possível que o descontentamento de Bernardete quanto à escolha do nome para escola, tenha se dado primeiro pelo fato do grupo ter lutado, pressionando o poder público para que a mesma fosse construída de forma mais rápida, sentiam-se, portanto parte dela. Frente a essa inserção, rebelaram-se à colocação de um nome que não lhes lembrava nada. Sentiram-se duplamente enganados pelo poder público:

> *"...Lourdes de Carvalho...*(trata-se da Escola Estadual do bairro)*...diz que é mãe do fulano lá que era deputado que tinha prometido verba prá escola mas que nunca chegô...* "[81]

Lemos este *"desabafo"* como um tênue despertar para o uso da manipulação comumente presente num embate político, propiciando portanto, um aprendizado que não tem *"receita"*. Este é quase sempre construído no cotidiano dos sujeito sociais envolvidos na caminhada; o delicado terreno do *"despertar consciência"* também se faz presente no depoimento de Suzilei. Até então, voltada para dentro de si, para a sua casa e para sua família, sentiu-se sensibilizada frente a decoração natalina feita por um grupo da comunidade na praça local do Conjunto Alvorada. Ao tomar contato com esta ação comunitária *"mudou"* a sua forma de pensar; ou seja, o pensamento individual aos poucos foi cedendo terreno para o pensamento coletivo:

---

[79] Dorivaldo Alves Nascimento, diretor responsável da Construtora e Imobiliária Nascimento.
[80] Bernardete Maria dos Santos Arantes, entrevista concedida.

> *"... Eu não participei... desta atividade lá na praça... Tava ainda limpano casa* ...(risos!). *Só que fiquei interessada no trabalho. Fiquei sabeno do grupo, né, que tava mobilizando, assim prá tenta fazê melhorias no bairro ... (...) ... Fiquei sabeno que este mesmo grupo tinha enfeitado a praça ... Fiquei curiosa, queria í lá visitá! Então fui eu a Bianca* (filha) *e o Ademar* (esposo) *... e a gente achô assim bonito, e gostamos muito. É ... existia alguém interessado em melhorá mesmo o bairro; já era um bom sinal ... pôxa! É Natal, significa que nós não passamo o Natal em branco... a gente tem pelo menos uma árvore aqui né, na praça. Aí me despertô interesse em reuni com esse grupo prá podê tentá... ajudá a melhorá. Aí ... já me despertô aquele... (buscando se expressar) aquele... cumé qu'eu falo? Assim aquele senso de quanto mais pessoas que se unissem poderia conseguir mais coisas... (...). foi onde eu falei assim: eu quero ajudá... a gente tem que vê o calçamento... aí fui veno então um tantão de coisa que se agente tivesse unido, agente podia conquistá...(...) Me despertô este interesse. Veja bem; na época eu tinha aquele senso assim... o senso crítico qu'eu tinha era aquilo que me incomodava, por exemplo, quando eu saía na rua e via os lixos, eu ficava desesperada... (...) ... Bom então foi isso aí, eu despertei o meu interesse assim...(...) Eu entendi que se eu limpasse a minha casa... num ia resolvê o problema porque quando eu saía do bairro eu ficava revoltada com tanto lixo em volta, e aí era mosca, barata, até cobra a gente achava dentro do quintal, nê? Foi aí qu'eu falei: pôxa vida, num adianta eu só limpá a minha casa não; aqui de fora também tem que tá ...* (limpo) *... mais ou menos organizado..."*[82]

Entretanto, é necessário lembrar que esta descoberta do indivíduo quanto a importância do seu papel no campo coletivo, não ocorre uniformemente para todos. Passa primeiro por uma percepção individual, numa ação endógena, agindo de dentro para fora. Ao mesmo tempo que, por não ser uniforme, poderá suscitar entre outras, reações adversas à conscientização comunitária, numa demonstração de sentimentos contrários ao mesmo vetor. Daí extrairmos a compreensão de que o processo histórico é permeado de lutas, valores, contradições, conflitos e vitórias.

---

[81] IDEM.

Nas falas a seguir vamos perceber algumas reações desencadeadas diferentemente face ao mesmo vetor, fluindo pensamentos ou estimulando outros comportamento do ser humano:

> *"... Então nós queríamos enfeitá a praça. Mais, enfeitá como? ... (...) ... aí nós conversamos e fomos atrás da Universidade* (UFU)*... e eles ficaram muito feliz da gente procurá eles e veio a Nancy* (professora)[83] *de artes plástica prá escutá agente ... (...) ... ela ficô espiculano o quê que agente queria fazê. Cada um tímidamente foi falando algumas coisas ... e deu no que deu. Falei da árvore de latinhas...* (latinhas descartáveis) *(...) eu sonhava com os 'sininhos' nas latinhas (...) juntamo a mulecada do bairro e todo mundo, as mulheres, as crianças ajudô a furar as latinhas e pegô... amarrô pedrinha dentro dessas latinhas... (...) ... Pintamos essas latinhas porque aí nós ganhamos tinta, sisal e tela... nem sei quem é que deu...(...) eu sei que conseguimos estes materiais e a gente fêz a árvore de sisal pegano a... luminária, (...) da praça... mas então tivemos um trabalhão né? Porque a gente fazia... as tranças de sisal...(...) Os tranças de sisal que começava presa lá em cima e abria a roda, e de cima embaixo de sisal agente pôs as latinhas pintadas... é cada uma d'uma cor...(...) com os sininhos dentro...(...) e todas brilhano méi balançando que aí a hora que o vento dava fazia aquele som liiiiiindo né e o sol bateno...(...) Fizemo também é o presépio de roupa velha, de telinha (...) e das cordas que todo mundo ajudô fazê* (com) *as tranças a gente escreveu ... porque tem na praça a quadra de esporte, dum lado* (tem) *aquele telão, do outro lado, o outro telão. Num telão a gente escreveu um Feliz Natal! e do outro lado Próspero Ano Novo... (...) ... ah. Fêz a estrela lá na quadra no telão e ficô lindo demais ! ...(...) Só que depois foi a maior paixão porque logo que passô o Natal, num era dia de tirá ainda, agente, tava até pensando de guardar o material pro próximo ano e armá de novo ... e eles foram lá ... quer dizê os home barbado (...) porque num é as crianças que faz as artes, não é os rapazinhos... é os mais velho... não tão velho assim ... Rancô, e estragô, queimô tudo... Eu fiquei ... briguei demais com todo mundo... De começo uma coisa qu'eu criei muita encrenca dentro do bairro porque eu sempre achei e continuo achando até hoje... é como eu falei a gente vai é... aprendeno a vivê que a gente fala o necessário e não tudo o que pensa que precisa sê dito, mas até hoje eu*

---

[82] Suzilei Ferreira Duarte, entrevista citada.

[83] Nancy Batista Coutinho. Ex- professora do Departamento de Artes/UFU na década de 80.

> *acho que... as coisas públicas é de todo mundo num é de um só... Então ninguém tem o direito de estragá nada... que é, público e aquilo era público, era nosso!"*[84]

Após as falas de Suzilei que nos coloca de frente com o seu *"crescimento"* agora voltado para um *"pensar coletivo"*, e, mediante a denúncia de Bernardete revelando-nos um certo *"descontentamento"* de algumas pessoas da comunidade frente a ação comunitária, achamos interessante elencar o seguinte artigo vinculado em um jornal de época; na tentativa de percebermos um outro lado da História da qual a imprensa desempenhou um papel preponderante:

> *"O Conjunto Alvorada vive desde o início da semana um espírito natalino bem brasileiro. Com a ajuda da Prefeitura Municipal e da decoradora Nancy Batista Coutinho, da Universidade Federal de Uberlândia, os moradores do local enfeitaram a praça do Alvorada onde está havendo uma série de atividades.*
> *Hoje, haverá um culto evangélico na praça e terá a presença de todos os habitantes do lugar. Ontem houve a apresentação de uma peça teatral e amanhã será a vez do Papai Noel e da Banda de Música de Uberlândia, além de recital dos professores William Arantes e Ezio Faria; e ainda um missa na capela do lugar. O presépio na praça tem sua montagem iniciada hoje."*[85]

Ao propormos este dois exemplos de fontes documentais, sem querermos adentrar no mérito da questão, estamos atentando-nos para o fato de que parte dos documentos escritos, possivelmente apontaria-nos uma história pontual dos moradores não dando conta, portanto, de explicitar as experiências de vida dos sujeitos sociais[86], as suas relações, sensibilidades, angústias, frustrações tão ricamente percebidas nas entrevistas que compõem a nossa

---

[84] Bernardete Maria dos Santos Arantes, entrevista citada.
[85] "Conjunto Alvorada enfeitado no Natal com atividades", **Jornal Primeira Hora**, Dezembro de 1983.
[86] Cf. SOUZA, João Carlos, **Na luta por habitação a construção de novos valores**, EDUC, São Paulo, 1995, p. 18

compreensão da história como processo.[87]

Movidos pela necessidade de se adaptarem às dificuldades encontradas no que tange à casa própria aliadas principalmente à distância e ao desprovimento dos serviços coletivos ofertados à comunidade, moradores do Conjunto Alvorada tiveram na *"união"* uma alternativa para suprirem as deficiências presentes no seu cotidiano, compreendendo desde as necessidades básicas: a falta do remédio, do pão, do leite, à ausência de meios acessíveis ao lazer (cinema, festa, shows), até mesmo o transporte coletivo para garantir o acesso ao trabalho.

Desta forma, as falas transcritas vem justamente mostrar que essas experiências possibilitou-lhes momentos de questionamentos, abalando valores, fortalecendo outros e principalmente criando novas representações[88] capaz de lhes satisfazerem:

> *"...Nós quase que fomos um dos primeiros moradores... nem ônibus num tinha (...) aí com o passar do tempo... apareceu um ônibus que transportava 03 vezes por dia, os trabalhadores e tal... passô desse horário, néca! A gente ficava no ponto até no outro dia!...(...) É... era assim no início... Era só a gente: os vizinhos eram solidários: aqueles que tinham carro ... é se prontificavam em levar agente... né ... no caso do pessoal que trabalhava que não tinha ... (...) ... uns levava os outros. Era uma comunidade mais fraterna, né? A gente conhecia todo mundo ... E todo mundo se ajudava ... Precisava de um medicamento... aquele que saía mais tarde a gente pedia. Era assim uns trazia pros outros ... e assim a gente ficô muito tempo..."*[89]

Percebe-se nessas falas a construção de uma solidariedade permeando as relações diante das dificuldades encontradas pela ausência do transporte coletivo; do comércio, enquanto Lourdes nos remete para a questão do lazer:

---

[87] THOMPSON, E. P. op. cit., p. 51
[88] Cf. CHARTIER, Roger, Apud SOIHET, Raquel, op. cit., p. 72.
[89] Maria Glória de Moura, entrevista citada.

> *"... Aqui era muito gostoso... cê saía ali fora cê pudia atravessá sô a rua que você pegava gabiroba e cajuzim, cajuzim do mato*[90] *... (...) ... aquele cheirim de mato... né, era muito bom! ... (...) ...Olha! as meninas, assim as minhas adoravam sair né? ... catá gabiroba, cajuzim... às vezes elas juntavam a turminha... e fomos com elas até lá na Sucupira*[91] *prá brinca, pegá manga... Eram essas coisas... porque tava distante da cidade... num tinha lugá, lazer nenhum ...(...) Então cê tinha que improvisá alguma coisa prá meninada... e tal... era o cerrado mesmo!..."*[92]

O passeio no campo foi visto pelo moradores como sendo uma forma de lazer. Esta visão, segundo os entrevistados, era compartilhada com os parentes e amigos que vinham visitá-los. Juntamente com a procura das *"frutas do mato"* – gabiroba, cajuzinho e muricis[93] – a procura de plantas medicinais (raízes), converteu-se numa outra interessante atração.[94] Havia também algumas plantações de eucaliptos que margeavam parte das laterais do conjunto, chamados de *"reflorestamento"*, que propiciavam-nos outras maneiras de lazer: passear por entre elas, sentir-lhes o cheiro, já faziam parte da nossa rotina. Aos poucos, aprendemos a colher-lhe as folhas para aromatizar as nossas casas, assim como a usá-las no vaporizador para o tratamento de gripes ou resfriados de nossas crianças. Pela manhã, bandos de maritacas e periquitos confundiam-se nos seus galhos fazendo uma *"algazarra"* tremenda.

Criando o seu próprio lazer, estes moradores, acabaram por questionar as formas padronizadas como o cinema, teatro, shows..., cujo acesso e/ou inexistência é uma constante em bairros periféricos. Ao mesmo tempo leva-nos a pensar que essa *"ausência"* do lazer – infra-estrutura – esteja inserida na prática segregacional no que concerne ao controle e racionalização do espaço

---

[90] Frutas silvestres encontradas no cerrado. Eram fartamente encontradas próximo ao Conjunto Alvorada.

[91] Estação de tratamento de água de Uberlândia.

[92] Maria de Lourdes D. Faria, entrevista citada.

[93] Fruto silvestre.

[94] Ver - "Medicina Alternativa: plantas que curam". Alunos da Escola Estadual Lourdes de Carvalho; Conjunto Alvorada,Uberlândia(MG), **Projeto de ação integrada/UFU, Bairro Alvorada, Ipanema, Pacaembu**, 1994, p. 18.

urbano, já previamente definida pela classe dominante como desnecessário ao trabalhador de baixa renda.[95]

Por outro lado, a ausência do lazer convencional, do transporte e outros serviços coletivos não oferecidos à comunidade, obrigou-os por assim dizer, a criarem outras formas de sobrevivência e ao mesmo tempo criarem também os *"espaços de sociabilidade"* tais como: os *"chás"* nas casas dos vizinhos relatados por Olivia; os chamados momentos de descontrações, quando se juntavam nos finais de semana para tocar violão e cantar, como traduziu-nos Glória. Enquanto isto a fala de Antônia apontou-nos para outras discussões trazendo à tona um confronto de valores entre ela e o esposo:

> *"... Eu queria mesmo era tê uma casa, eu num queria morá de aluguel, ai eu achei bom!... Não importei que era longe de jeito nenhum... Acho que nem pensei nisso... Qui era qui nada!... nem qu'eu ia tê uma dificuldade danada com ônibus... (...) ... É não pensei, mas elas vieram porque o ônibus era 03 vezes ao dia: de manhã, tarde e noite mais ou menos as 6 horas (*às18 horas*). Esse era o horário do ônibus. Como eu entrava no serviço à uma hora* (13 horas*), tá (...) e saia às 9 horas* (21 horas) *(...) aí é que era a dificuldade, na hora de vim num tinha ônibus ... (...) ... Prá mim voltá, né, aí é que era difícil mesmo (...) Aí o Aíltom* (o esposo*) ia me buscá, né? Ele ia me buscá de bicicleta (risos!). aí é que tava o negócio porque ele queria qu'eu saísse do serviço, porque daquele jeito num dava certo coisa e tal; aí eu pensava (...) tenho as meninas pequenas, ele ganhava também muito pôco, ganhava pôco demais... eu falava gente! Mais eu tenho é que trabaía, então eu num posso saí do serviço... mas aí ele me buscava de bicicleta e noís chegava aqui mais ou menos onze horas por aí...(risos!). Aí vinha prú'êsses camim a fora né? ... (...) ...Era assim né... era briga e mais briga, né... que ele queria qu'eu saísse...* (risos!) *é nois vinha vino, vinha vino e ele falava assim... mas ocê tem que saí...(...) e era assim na hora de vim embora (...) tinha veiz que a gente vinha brigano de lá aqui né... agora ocê vê... o caminho era longo, né... era briga mais briga mesmo!... Num foi fácil não, ... não é qualquer pessoa que agüentava isso não (...) ... Eu achei até que o meu casamento ia acabar diante de tanta dificuldade..."*[96]

---

[95] MOREIRA, Elvécio D. op. cit., p. 109.

[96] Antonia Nicodemos da Silva Teixeira, moradora do Conjunto Alvorada "I". Entrevista

Os vários quilômetros percorridos de bicicleta por Antônia e seu esposo revelando praticamente uma *"queda de braço"*, representou uma dupla jornada a ser vencida; a distância que deveriam percorrer, e, uma *"diferença de pensamentos"* a ser resolvida por eles. Percebe-se claramente o *"desgosto"* de Aílton quanto ao trabalho fora do lar, da esposa. Enquanto isto, ao pensar no minguado orçamento familiar, ela poderia estar elaborando estratégias de resistências a esta submissão:

> *"... Mas assim, na época qu'eu entrei lá eu trabalhava na limpeza de patrimônio, que é escritório essas coisas, né? ... (...) ... Mas eu entrei lá já pensano... Já táva esperano uma vaga na copa né? Então... que ia saí a encarregada da copa, e eu ia entrá lá* (nessa vaga); *então era por isso que era a dificuldade... que ele queria qu'eu saísse, e eu sabia que ia saí um serviço melhorzim prá mim! Que aí, eu tinha jeito de ficá lá..."*[97]

Podemos pensar que o Aíltom sabia que Antônia esperava algo melhor, mas ao mesmo tempo esse "*serviço melhorzim*" significava para ele a permanência da esposa no trabalho, portanto, fora do lar; a medida em que a *"outra vaga"* saísse para ela, eliminava por assim dizer o elemento propiciador da discórdia. O verdadeiro problema viria à tona.

Na maioria das vezes a concepção da sociedade sobre o trabalho da mulher fora da residência familiar representa para alguns, *perigo,* ou seja, a possibilidade de *desvios* do caminho traçado para ela, retirando essa mulher do espaço criado pela tradição familiar, dificultando o controle a quem de *"direito"*. Pesa nesta concepção, um rompimento deste ciclo, no sentido de que o mesmo venha a suscitar novos questionamentos, ou melhor, que este rompimento passe a dificultar a submissão. Outrossim, as falas de Antônia remete-nos à polêmica discussão sobre a *"questão de gênero"*, onde mulher e homem *"tem que atender*

---

concedida em 17/10/96.
[97] IDEM.

necessariamente aos papéis construídos".[98] Neste universo, o homem é o chefe da família - pelo menos até 1988, quando a Constituição lhe retirou o título - cabendo-lhe portanto, prover, guardar e proteger. À mulher, mãe/esposa cabe administrar o lar, cuidar da prole, numa vigilância incansável para que tudo corresse bem na ausência do marido. Para Raquel Soihet, esta relação de dominação *"é uma relação histórica cultural e lingüísticamente construída – é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical irredutível, universal".*[99]

Portanto, os conflitos apontados revelam uma não-aceitação deste papel feminino vivido por Antônia. A sua atitude e perspicácia desconstrói o discurso de submissão à medida que cria estratégias para manter-se no serviço.

Esta *"resistência"* de Antônia simboliza muitas vezes as várias formas sutis presentes no universo feminino significando *"que a aceitação pelas mulheres de determinados cânones não significa, apenas, vergarem-se a um submissão alienante, mas, igualmente, construírem um recurso que lhes permita deslocar ou subverter a relação de dominação."*[100] Elas podem não ocorrer de forma abruptas e radicais, nem por isso deixam ser eficazes na contestação da ordem imposta.

Após explicitar-mos alguma das experiências vividas pelos moradores do Conjunto Alvorada, fica claro para nós a necessidade de aprofundarmos nessas discussões. Para isso, no próximo capítulo pretendermos trabalhar com a Associação de Moradores, a sua organização, e condução dos trabalhos comunitários tanto em relação ao poder público quanto o seu envolvimento com a base, ao mesmo tempo contextualizá-la nos vários movimento sociais surgidos no Brasil nesta mesma época.

---

[98] PERROT, Michele. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

[99] SOIHET, Raquel – "Enfoques Feministas e a História: desafios e perspectivas", In: ASMARA, Eni de Mesquita (er alli), **Gênero em debate**, São Paulo, EDUC, 1997, p. 70.

[100] IDEM, p. 72.

CAPÍTULO III

O SINGULAR NA PLURALIDADE

É preciso ter em mente que, a realidade vivenciada no Conjunto Alvorada nos anos 80/90, apesar de resguardadas as características peculiares, não pode ser vista como um fato isolado, ocorrendo apenas em nível local. Neste sentido, podemos apontar, que além das questões pertinentes ao processo de desenvolvimento ou crescimento dos centros urbanos, advindos da ideologia modernizadora (tais como: o avanço do sistema capitalista, a migração, o êxodo rural, a especulação imobiliária, a má distribuição de renda, a periferização...) presentes no Brasil nos finais do século XX, também se verifica uma pluralidade de movimentos sociais que emergiram neste cenário em decorrência da péssima qualidade de vida oferecida à maioria da população. Habitação, desemprego, saneamento básico, saúde e educação passaram a ser questionados com ênfase pela classe trabalhadora, tanto em São Paulo, como em outros Estados brasileiros.

Ampliando ainda mais o nosso olhar vamos perceber que vivíamos no Brasil, neste período, um sistema político *distinto*, o pós-64[101]. Passado o momento crucial do golpe militar, a duras penas as *"vozes silenciadas"* pela ditadura militar *"ensaiavam emitir os seus primeiros sons,"* compondo uma polissemia assim explicitadas por Eder Sader ,ao analisar os movimentos sociais no Estado de São Paulo: *"na década de 70 a diversidade se reproduzia enquanto tal apesar da presença de referências comuns cruzando os vários movimentos."*[102] Para o autor, esses *"movimentos sociais"* estavam marcados pela pluralidade das suas *"formas de expressão"* e ao mesmo tempo pela *"singularidade"* com que emergiam na luta não se prendendo de uma forma

---

[101] Em 31 de março de 1964 ocorreu o golpe militar no Brasil, Ver CASTRO, Sandra – "Apogeu e Crise do Populismo (1945 –1964)" In: SADER, Eder e outros, **Movimento Operário Brasileiro 1900/1979**, Belo Horizonte, Vega 1980 p. 52 – 81; MENDONÇA, Sônia Regina de. – "Dez Anos de Economia Brasileira, História, e Historiografia" (1954-1964) In: **Revista Brasileira de História**, vol. 14 n° 27, São Paulo: ANPUH/Marco Zero,1994, p. 87 - 97

[102] SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena.: experiências falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo**, 1970-1980, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 168.

geral em nenhum elemento unificador existente.

Para Sader, deve-se somar aos fatores preponderantes neste momento a atuação da Igreja Católica. Esta, tinha na *"Teologia da Libertação"* uma nova postura de adequação aos problemas da classe oprimida. Para tanto, desenvolvia estratégias coordenadas expressas nas Comunidades Eclesiais de Bases as *"Cebs; a Pastoral Operária, os Clube de Mães"*,[103] espalhados por quase todo o Brasil, abrindo assim, novos espaços para os movimentos populares. Porém, a despeito das orientações recebidas e desenvolvidas nesta correlação de *"forças políticas"* o autor entende que esses movimentos sociais primaram-se pela sua autonomia, "... *ou seja, embora tenham inclusive desenvolvido mecanismo de coordenação, articulação, unidade, eles se mantiveram como formas autônomas de expressão de diferentes coletividades, não redutíveis a alguma forma 'superior' e 'sintetizador.a'*"[104] Esses movimentos surgiram quase sempre em torno da identificação de problemas comuns a uma dada comunidade, buscando dentro da sua própria realidade vivenciada uma atuação própria, sem receitas, nem modelos.

À semelhança de São Paulo ou outros grandes centros urbanos, em Uberlândia podemos constatar também uma efervescência de movimentos populares nas décadas de 80/90. No entanto, frente aos fatores já mencionados neste trabalho, salientamos a inclusão nesta década do governo Zaire Rezende (1982 – 1988 PMDB), cujo programa de governo almejava *"construir"* uma administração *"diferente"* das existentes, até então, à sociedade uberlandense.

---

[103] Teologia da libertação. Centrada da "opção pelos pobres", a teologia da libertação refletiu uma "nova postura" da Igreja Católica frente as condições vigentes da América Latina, resultantes da "Conferências dos Bispos nas cidades de Medellin (1968) e em Puebla (1979)". Ver SADER, Eder, op. cit., p.p. 146 - 167; e MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**, São Paulo: Contexto, 1992, p. 62;onde esta atuação da Igreja abrindo espaço aos movimentos populares são comentadas por estes autores.

[104] SADER, Eder, op. cit., p. 168.

Para isso, adotou o lema *"Democracia Participativa"* conclamando a todos os seguimentos sociais – entidades patronais e populares – *" para através do diálogo permanente, participar de alternativas que correspondesse satisfatoriamente às necessidades mais prementes do município, cuja população periférica esteve relegada de benefícios só conhecidos pela área central da cidade."*[105] Desta forma ,as organizações sociais atuariam como canais abertos de participação no governo visando alcançarem os *"objetivos"* propostos.

Segundo Mara Dantas, o caráter inovador do governo Zaire Rezende não teve um *"acolhimento uníssono da sociedade"*, isto é, a classe dominante dividiu-se de acordo como os seus interesses políticos não contando portanto, *"com o apoio da classe conservadora."* A imprensa, na sua maioria tecia severas críticas ao governo, enfatizando que *"o diálogo com a população demonstrava fraqueza política do Executivo para com os confrontos municipais, restando-lhe apenas o apoio dos setores populares."*[106]

Contudo, independente das avaliações tecidas, observa-se uma crescente formação de Associações de Moradores neste período, isto é, antes de 1982 elas eram num total de onze, subindo no final da gestão Zaire Rezende para trinta e duas Associações de Moradores.

Analisar, ou ainda, dissecar o governo acima citado, não constitui para nós uma meta, todavia não podíamos deixar de citá-lo, uma vez que a AMCA viveu parte da sua trajetória neste período. No entanto, esta formação de entidades de bairros são vistas por Nizia Alvarenga, como sendo *"estreitamente vinculadas à administração municipal"* fazendo *"parte de um projeto político partidário, como um dos pilares de sustentação de um novo grupo das classes dominantes em fase de ascensão às estruturas de poder"*.[107]

---

[105] REZENDE, Zaire. "A prática da Democracia Participativa em Uberlândia/MG" In: **Democracia feita em casa**, Coordenações de Publicações, Câmara dos Deputados, Brasília, 1984, p. 341.

[106] DANTAS, Sandra Mara, op. cit., p.26.

[107] ALVARENGA, Nízia M. **As Associações de Moradores em Uberlândia: um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade**, Dissertação de Mestrado, PUC, São Paulo, 1988, p. 04.

Buscando entender a *"formação e as práticas engendradas enquanto mecanismos de transformação social"* no interior destas Associações de Moradores – AMs – diz Nizia Alvarenga: *"A partir de 1978, essa população periférica começa a se organizar em AMs,* ***por estímulos externos aos bairros***[108]*: em alguns conjuntos habitacionais surgiu por exigência do órgão financiador; outros foram por desdobramento das organizações de base da Igreja, e finalmente, por incentivo dos partidos políticos interessados em organizar suas bases eleitorais."*[109] Em outro momento, a autora enfatiza esse pensamento quando diz categórica que: *"A organização das AMs está umbilicalmente ligada à atual Administração municipal, seja em sua formação, seja por sua cooptação."*[110]

Partindo do entendimento da autora *aparentemente* não existe nenhuma escapatória quanto à *origem* destes movimentos e, quanto ao seu *atrelamento* às instâncias *maiores* que são – Igreja, Poder Público, Partidos Políticos.

Na verdade, ao analisarmos a trajetória de uma dessas AMs a Associação dos Moradores do Conjunto Alvorada – AMCA – que propriamente constitui o nosso objeto de estudo, percebemos que, num primeiro momento ,somos levados a concordar com o pensamento de Nízia Alvarenga no que tange à formação da entidade mencionada, quando incentivada por José Batista Coury, jornalista e candidato à vereador pelo PDS às eleições de 1982. Esta *intervenção* (ou incentivo) foi vista por alguns moradores entrevistados de *diferentes* maneiras:

> *"... Na primeira gestão da AMCA, quando o Coury (J. B. Coury) trouxe o estatuto de lá do jardim Brasília (local de moradia de J. B. Coury e onde o mesmo era presidente da Associação dos Moradores) falando e explicando o que era uma associação de moradores... já era a campanha política de vereadores e prá prefeito* (eleições de 1982) *e ele era do*

---

[108] Grifos nossos.
[109] ALVARENGA, Nizia M. op. cit., p. 82
[110] IDEM, p. 83.

> *PDS, partido de direitona e ele ...é.... eu tô falando isso aqui porque uma das coisas que até hoje é... acho muito bonito é a pessoa íntegra que o Coury... que ele era do partido de direita e falô prá Maucia que se ela escrevesse o nome dele no muro dela e fizesse propaganda prá êle ...* (risos) *êle pagava* (para por) *o telefone no bairro. Nós não tínhamos telefone... Nós só ia ter o telefone desde que pagasse uma taxa que prá nós era avultadíssima e nós não tínhamos dinheiro prá pagá* (a linha) *até no supermercado, (centro comercial do conj. Alvorada) que, aí vinha do supermercado até nas 'caixinhas pretas'*[111] *... Aí então podia pô o telefone. E a Maucia discutiu conosco (com os grupos) a respeito disso se escrevia, ou se não escrevia no muro dela, o quê que ela fazia...(rindo). Então acabô optando por escrevê, e aí...* (risos) *não fazê quer dizer nós ainda fomos sacana...*(rindo) *por que nós* (optamos) *não fizemos a campanha política pedida por ele...e depois é...* (risos) *ficamos com remorso...e ele não...*(ganhou). *Porque aí ele falô que se ele ganhasse as eleições, que ele ia pagâ prá por o telefone prá nós até lá no supermercado, conforme a CTBC tinha falado... prá daí distribuí nas casa... Então...* (risos) *ele só escreveu no muro dela, e nós achamos que ele não ia cumpri a promessa dele... que ele perdeu as eleições e no entato ele foi, pagô e nós tivemos o telefone cum 'caixinhas pretas' e tudo".*[112]

Este *"estímulo externo"* foi assim assimilado por Maria Helena, quando buscou em sua memória o processo de formação da associação:

> *"... Foi ... quando a política veio, a eleição do Zaire, né ? ...O Geraldo Rezende vêi e pôis isso (a formação da AMCA) na nossa cabeça.. e então foi prá frente. Com a Associação é que veio a melhoria um pouco... (...) ...a política que incentivo é ...a formação da Associação dos Moradores. Mas... eu acredito que não ficamos devendo favor porque ... eles...* (os candidatos) *num fáiz nada de graça prá gente né? Então a gente não deve favores prá eles! É assim a maneira de eu pensa ó.. ele alertô noís... Mas nós num teve comprometimento... foi um alerta... que eles deu aquele*

---

111 - Estas "caixinhas pretas" citadas por Bernardete seriam instaladas externamente em uma determinada casa, funcionariam como receptoras do "tronco" telefônico a ser puxado para o bairro a partir da CEASA. Assim sendo, poderíamos ter algumas linhas disponíveis, sendo inclusive um telefone público, de acordo com a explicação verbal do funcionário da CTBC em reuniões com os moradores.

112 - Bernardete Maria Santos Arantes, entrevista citada.

> *incentivo e a gente da comunidade formô a associação. Eu acredito que num foi só aqui.. porque aí ôtros bairros foi apareceno associação"...*[113]

Outro indício é apontado na fala do Sr. Anoel sobre a Associação:

> *"Antes da gente formá a associação já tinha um grupo ... (...) ... que se reunia, descia...* (para o centro urbano) *tentava entrá em contato com as autoridades pra tentá resolvê as dificuldades que estava encontrando... E era muito difícil consegui conversá com eles...*(Poder político) *(...) era ainda na época do Virgílio Galassi (...) .. ele num gostava... num atendia moradores; ele achava que pobre tinha que morá longe da cidade, longe do centro. (...) ... dificilmente a gente conseguia falá cum êle.... e quando falava num tinha o resultado esperado. Eu estava junto quando ele falô pra nós...(risos) isso mesmo, ele falô que pobre tinha que morá no mato... ele* (o prefeito) *falô isso prá gente... de umas poucas vezes que ele recebeu a gente. Aí nos ficamos muito.... decepcionado né, porque a gente trabalhava, pagava imposto, então era uma decepção pra nós... mas nóis num desistimos não. Aí nós passamos isso* (a fala do prefeito) *prás pessoas* (moradores) *tudo direitinho... e continuamo a lutá..."*[114]

A atitude desrespeitosa do poder público junto ao grupo, provocou uma indignação explícita na fala do Sr. Anoel. Entretanto, ele não esmoreceu. A luta continuou, pois, tinha a consciência de ser cidadão cumpridor dos seus deveres, apesar de pobre, tinha direitos e ao mesmo tempo merecia respeito.

Conforme ele mesmo relatou *"...Aí nóis passamos isso prá pessoas... tudo direitinho"* em pouco tempo alguns dos moradores, ficaram sabendo do ocorrido e juntaram a sua fúria à indignação do Sr. Anoel.

Tem um momento da fala da Bernardete que pensamos ser importante na elucidação do ponto levantado anteriormente mediante a citação da Nizia Alvarenga sobre a(s) formação(es) da associação(es) de morado(es) e a

---

[113] - Maria Helena Caixeta, moradora do Conjunto Alvorada II, entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

[114] Anoel José Alves, entrevista citada.

Entidade em questão:

> *"... É antes num tinha associação não; a gente num sabia o que era isso...* (nem) *que isso existia, muito menos por onde passô isso!... (...) ... O que tinha era vários grupos... que num tinha só o nosso... (...) ...era várias pessoas com o mesmo objetivo nosso que se juntava e ia atrás na prefeitura brigá... pela melhoria e num sabia do outro. Depois é que fomos descobrindo aos pouquinhos desses outros..."*[115]

Somando ainda, o Sr. Anoel relata:

> *"(...) A associação começô assim; que a gente cansado de lutá sozinho...*(os grupos) *a gente resolveu formá uma associação... (...) ... as pessoas* (moradores) *foi convocada prá í nesta reunião. Apareceu até bastante gente, foi muito bom! Foi na escola... (...) ... reunimos as pessoas, discutimos... e formamos uma diretoria... (...) ... Num teve assim votação de urna não. Foi uma votação assim em reunião, levantando a mão...* (risos!) *é... no dedão mesmo... prá sabê quem ia, quem não ia (...) ...Aí então o Rodolfo* (morador da etapa I) *ficô como presidente e você, né?* (Maucia- moradora etapa II) *como vice- Presidente..."*[116]

Uma vez explicitados algumas falas, por acharmos pertinentes na elucidação dos pontos levantados no parágrafo anterior, confirmamos a existência sim de um momento exterior aos moradores, concretizado na *influência* de José Batista Coury, no que concerne a formação da AMCA. Entretanto, cremos que este *"incentivo externo"* se diluiu no desejo incontido desses mesmos moradores de não permanecerem de *braços cruzados* frente aos obstáculos encontrados, persistindo na busca de soluções para os seus problemas mais comuns. Retrocedendo o nosso olhar, é possível perceber, mediante as evidências, que *algo próprio* estava sendo gestado por esses sujeitos sociais. Antes de receberem este existiu uma história, um caminho percorrido, que

---

[115] - Bernardete Maria Santos Arantes, entrevista citada.

[116] - Anoel José Alves, entrevista citada. Ver também: livro de atas da AMCA - do Centro Comunitário Alvorada; Ata de 26/09/82, livro 01.

propiciou a receptividade da orientação do candidato a vereador. Obviamente que não descartamos nele um interesse *diferente,* o de se auto beneficiar com os votos. No entanto, pensamos que o *nó da questão* seria certamente um outro, se estes moradores estivessem se mantido passivos, ou seja, não estivessem engajados no seu *"auto fazer-se"*, onde a necessidade de se aglutinarem em torno de um eixo comum se fazia presente no cotidiano.

De uma certa, forma atentamos até agora para o processo que antecedeu à formação da Associação dos Moradores (AMCA), porém, queremos ressaltar que acreditamos na História como um processo e, se de alguma forma abstraímos dela momentos estanques, é justamente na pretensão de perceber as suas nuanças, resgatando a sua historicidade na tentativa de uma melhor interpretação das relações humanas vividas; ou até mesmo, termos a pretensão de nos aproximarmos cada vez mais de uma possível *"interpretação"*.[117]

Segundo o livro de Atas n.º 1, do Centro Comunitário Alvorada, onde se registrou parte das atas da associação de moradores deste bairro, lê-se o seguinte texto:

> *"Aos 26 (vinte e seis) dias do mês de Setembro de 1982 (hum mil novecentos e oitenta e dois), às 16 horas* (dezesseis horas) *reuniram-se nesta cidade de Uberlândia MG, na Escola Estadual Dona Timich Lacerda* (Classes anexas da Escola Estadual Bueno Brandão*) situada no próprio conjunto, as pessoas ao final desta assinada, todas maiores, com o propósito de constituírem uma associação nos termos da legislação vigente, a que denominaram Associação dos Moradores do Conjunto Alvorada, com sede provisória na devida escola citada acima, sendo esta situada, no Conjunto Alvorada, nesta cidade. Tendo sido aberta pela coordenadora da comissão organizadora, senhora M.ª José. Em seguida após a exposição dos motivos que provocaram a Assembléia. 1 - Aprovação dos nomes para comporem a diretoria. 2- Reivindicação de melhorias para o respectivo conjunto, manifestaram-se os presentes, ao final desta assinados estarem acordes em fundar a Associação na forma do Estatuto a ser aprovado na*

[117] Cf. VIEIRA, M.ª do Pilar A., PEIXOTO, M.ª do Rosário da C., KHOURY, Yara M.ª Aun, op. cit. p.11.

próxima Assembléia a ser convocada especialmente para tal fim. Continuando a Sr.ª. M.ª José, determinou que apresentassem as indicações para o preenchimento dos cargos da diretoria e Conselho Fiscal e Relações Públicas presente no estatuto, a ser aprovado. A seguir a coordenadora determinou que iniciássemos a eleição dos membros para ser preenchidos nos respectivos cargos. Procedida a votação, foram os associados adiante relacionados eleitos para comporem aos seguintes cargos sociais: 1- Presidente: Rodolfo Martins de Melo; 2- Vice – Presidente: Maucia Vieira dos Reis; 3- Secretário Geral: Norma Cilene Cabral; 4 – Primeiro Secretário: Sônia Paraguassu; 5 – tesoureiro: Nisio Silvestre dos Reis; 6 – Primeiro Tesoureiro:Willian Farias Arantes; 7 – Oradores: Osvaldo de Barro; 8 – Conselho Fiscal – Membros efetivos 1 – Daniel S. Veonel; 2 – Eduardo Saores Mendonça; 3 – Hudson Luiz Silveira; 4 – Agnaldo (2) 4 – (Não consta o nome). Relação Públicas 1 – Hamilton Pereira; 2- Arnaldo Rodrigues Marins; 3 – Gilberto Claudio Vieira; 4 – Beatriz Guaritá Vieira. Prosseguindo todos foram empossados nos seus cargos e o presidente eleito Sr. Rodolfo Martins de melo prosseguiu os trabalhos declarando definitivamente constituída desta data para o futuro, a Associação dos Moradores do Conjunto Alvorada que tem por objetivo trabalhar pelo desenvolvimento e bem estar social dos moradores do Conjunto Alvorada em colaboração com outras entidades e com o povo em geral, bem como proporcionar aos associados apoio sócio cultural econômico e assistencial, dentro de suas possibilidades. Como nada mais houvesse a ser tratado, o Sr. Presidente após conceder palavra franca e ninguém dela fizesse uso, deu por encerrado os trabalhos e eu Norma Cilene Cabral, secretária geral lavrei a presente ata, que lida e achada conforme, contém a seguir as assinaturas dos associados fundadores no firme propósito de tudo fazerem para organizar a Associação e aprovando também a presente ata. Uberlândia 26 de Setembro de 1982. Próxima reunião ficou marcada para o dia 02 de Outubro de 1982 às 8:00 horas da manhã.[118]

Para alguns moradores, a formação da AMCA representou um *marco*, um fortalecimento, a consolidação das *forças sociais* (dos vários grupos) que agiam no bairro, conforme a fala da Bernardete:

[118] Ver Ata 26/09/82, livro 01,Centro Comunitário Alvorada. (Ver Anexo referente ao Estatuto).

> *"... (Nós) saímo convidando as pessoas prá participá... e eu por causa das crianças eu nem fui lá... (...) ... meu marido é que foi nessa reunião, a aí ... (...) ... foi feita né e acabô tirando* (a diretoria) *por levantá o braço, quem queria participar da diretoria da Associação. Quer dizer: aí começa uma nova história...*[119]

Apesar do entusiasmo dos moradores e da intenção dos mesmos na formação da AMCA, percebe-se um certo *"purismo"* na eleição da diretoria quando se reúnem para discussão e ao mesmo tempo a elege conforme nos traduz o Sr. Anoel: *"... foi uma votação assim no dedão... pra sabê quem ia quem num ia ...(...)... num teve uma votação assim de urna não..."*, esta "simplicidade" talvez tenha se dado pelo motivo citado por Bernardete: *"... a gente num sabia o que era isso...* (nem) *que isso existia..."* Na verdade, esta *despreocupação aparente,* segundo as pesquisas, foi cedendo lugar lentamente para o amadurecimento, à medida em que o trabalho comunitário foi se desenrolando, demostrando, portanto, um aprendizado no enfrentamento diário conforme traduz-nos os depoimentos.

Com muita tranqüilidade podemos afirmar que AMCA foi fundada inicialmente com um caráter reivindicatório, tanto, que conforme demostramos, já existiam os grupos anteriores que *desciam* para a Prefeitura buscando resolver os seus problemas. Na assembléia realizada no dia 10/10/1982 percebe-se a preocupação dos *associados* em divulgarem e promoverem a conscientização dos moradores sobre a formação da Associação.[120] Paralela a esta preocupação, registrou-se também, agora por escrito, as suas reivindicações tais como: telefone, transporte coletivo; a extensão da Av. Segismundo Pereira que consequentemente ligaria o Conjunto Alvorada ao centro urbano, uma quadra de esportes, assim como os trâmites legais exigidos na regulamentação da Entidade. Desta forma, percebe-se que o caráter reivindicatório foi a mola propulsora do

---

[119] Bernardete Maria dos Santos, entrevista citada.
[120] Ata de 10/10/82, livro 01, Centro Comunitário Alvorada.

trabalho desenvolvido por essa gente presente em um dos *convites* (Ver Anexo) divulgados na comunidade:

> *"... vamos nos unir e organizar para conseguir tudo que falta no Conjunto Alvorada, pois possuímos os mesmos direitos de outros conjuntos, só que a nós estes direitos nos foram esquecidos."*[121]

Ao longo da trajetória da Associação de Moradores, muitas das reivindicações iniciais foram conseguidas, todavia com muita luta, como aponta a fala de Glória:

> *"... Eu acho que aqui tudo foi uma luta ... né? Tudo que a gente conseguiu: uma escola melhor, o professor, o diretor, o calçamento, os quebra molas... tudo foi de uma organização da Associação... (...) ... a gente não conseguiu nada assim de mão beijada... o ônibus, o transporte era muito difícil ... (...) ... foi tudo uma questão de muita luta ..."*[122]

Porém, ao nos apontar dados sobre este caráter reivindicatório, Glória nos relata o seu próprio olhar sobre a atuação da Entidade, buscando compreender os diferentes momentos às vezes não muito claros para ela:

> *"... A Associação antiga era 100%. ... o pessoal gritô... falô... batalhô e a maioria das coisas que a gente consegui, que tem aqui no bairro é fruto da associação antiga ... (...) ... Eu num sei se era porquê daquela época precisava de tanta coisa assim... né... imediata e então a gente via o que tava acontecendo..."*[123]

A denominação de Glória sobre a *"Associação antiga era 100%"* pode ser vista como intrinsecamente ligada ao período inicial da AMCA, calcada numa necessidade imediata frente a ausência de infra-estrutura. O outro *"olhar"*

---

[121] - Convite elaborado em Assembléia do dia 10/10/82,livro 01, Centro Comunitário Alvorada.
[122] Maria Glória de Moura, entrevista citada.
[123] IDEM.

da moradora é possível que esteja fundado num período posterior a este primeiro, no qual estas necessidades primárias já estavam praticamente asseguradas conforme ela mesmo coloca:

> *"...Também não posso falá porque eu quase não participo hoje da Associação, né? Mas eu não vejo tanta coisa que ela faz hoje. Antigamente era feita muita coisa. Lutava... lutou por esses bloquetes, num tava bão não? Chamava o Zé Francisco da Secretaria de Obras... andava com ele debaixo das chuvas... tinha que vê, que tava certo, que estava errado, sabe? São coisas assim, que o pessoal viu crescer, viu surgir... o bloquete era uma fase de experimentação, né; que vinha para cá* (Conjunto Alvorada) *porque a gente era um bairro mais longe... não ia ter muito movimento e que ia fazer um teste... e se aqui ficasse bom...* (risos!) *passava para outros bairros... cobaia, né, seriam as cobaias...* (risos!) *mas como a gente tava ... é .... acostumado naquela terra, naquela poeira danada... agente achou uma beleza aqueles bloquetes... que o conjunto ficô limpiiiiiiiiiinho, né ... (...) ... O conjunto todo foi feito nas coxa, né? ...* (risos!) *foi quando num tinha infra-estrutura... A rede de esgoto até hoje é bombeada... então ... é ... num tem um nível de escoamento de água, era razoável ... esse é uma das outras coisas que a gente... foi mais pavimentada pelos bloquetes... foi por isso, porque não tinha um escoamento de água..."*[124]

Esta infra-estrutura inadequada referida por Glória foi noticiada na imprensa, cujo entrevistado era um senhor de nome *"João Cândido"* que dizia *"ter percorrido"* o local onde foi construído o conjunto Alvorada:

> *"... Há sessenta anos atrás, quando o conjunto Alvorada era apenas conhecido por 'Chapadão das Covas,'*[125] *a situação que ele está vivendo hoje já era vivida. Quem diz isto é João Cândido Pereira, um ex. – motorista de táxi de setenta anos, que quando criança percorreu toda a região.*
>
> *Ele disse ontem que dificilmente qualquer administração*

---

[124] IBIDEM.

[125] - Recordo-me quando nós tomamos conhecimento deste "nome" - Chapadão das Covas - via este mesmo artigo, ficamos extremamente curiosos com o termo. Entretanto, a despeito da minha procura, não consegui encontrar nenhum dado palpável sobre esta referência.

> *resolveria o problema porque a área não oferecia condições para escoamento de esgoto, sendo necessário para solução do caso, muita luta por parte da prefeitura. Ele enumera que o local quando chove, causa esses problemas. Na sua opinião quando construíram o conjunto, há três anos atrás, não estudaram muito a área visando o escoamento da rede de esgotos. Será um trabalho difícil diz ele mas há condições de fazer um bom escoamento.*
>
> *Usando o bom senso, conforme ele mesmo diz a administração terá que abrir escoamento que dêem vazão para os córregos da Barra Grande e da Tendinha e do outro, pelo córrego Jataí que se dirige para a região do Parque do Sabiá.*
>
> *O local* (onde está situado o Conjunto Alvorada) *é uma bacia – salienta – os córregos são de cabeceiras e alguns deságuam no Rio Araguari, portanto o problema é bem antigo, terá que ser feito, um escoamento muito dificultoso, mas permanente."*[126]

Uma vez levantada a bandeira da pavimentação das ruas e cientes das dificuldades quanto à topografia do terreno oferecendo uma queda d´ água natural mínima de 0,5%[127] que *"inviabilizaria"* uma pavimentação asfáltica, frente a este impasse, a AMCA passou a discutir com os moradores, os problemas inerentes à questão, inclusive a alternativa de pavimentação pelo *"bloquete"*, *"sugerida"* pela administração municipal. Não muito diferente do que Glória recorda, a fala de Bernardete também salienta as dificuldades encontradas neste sentido, o que motivou a mobilização no sentido de *"clarear"* as decisões das pessoas quanto a aceitação ou não do tipo de pavimentação:

> *"... Nós conseguimos o calçamento... e até hoje* (a queda d´ água) *é um dos maiores problemas do bairro. Não tem esgoto* (normal); *não tem rede pluvial, a rede de esgoto é bombeada e isto traz sérios problemas... prá essa população na questão da saúde, no que se refere a água parada que num escorre. Quando chove tem que tê uma lancha prá podê atravesá a rua, prá andá... e aí suja os pés tudo, é uma calamidade... As*

---

126 - "Há sessenta anos o lugar já apresentava problemas", **Primeira Hora**, 13/01/84, p. 05.

127 - Esta informação foi obtida pelo Secretário de Obras José Francisco em reunião com esta Entidade (AMCA).

> *nossas reuniões sempre foi muito disputada... e esta (reunião) então do calçamento foi muito mais. Tanto que foi na Escola com o Secretário de Obras Dr. José Francisco....*(neste dia) *ele esqueceu até que era batizado do filho dele né, e marcou a reunião aqui conosco. Ele veio, falô...* (explicando para nós sobre o seu esquecimento), *voltô* (prá casa dele*)... e o povo esperô não arredô o pé da escola. Ele voltô do tal batizado e continuou a discussão. Então a população naquela época aceitô o bloquete... porque se pusesse o asfalto depois ia tê que quebrá tudo... já prevendo mesmo esta questão que nós temos aí até hoje..* (pois) *o local tinha que tê sido aterrado antes de fazer as casas. Eles* (a construtora*) tiveram várias questões com o habites. Num sei se alguém ainda tem* (documentos*) é... mostrando os engenheiros que foram mandados embora, né, por não querê fornecer os habites.*[128] *Assim os moradores teve, que aceitá fazê o calçamento com bloquetes ao invés do asfalto. A idéia era que o bloquete facilitaria o escoamento da água pelo meio dos bloquetes. ...(...).. Essa queda d'água inexistente no Alvorada, continua sendo um grande problema nosso... porquê si pra tê um esgoto normal e uma rede pluvial normal, vai té que fazê uma galeria ao longo da rodovia e é caro, muito caro!*[129] *Eu fico pensando até quando nós vamos ficá assim... porque hoje nós já temos tantos bairros... inclusive as fazendas aqui perto, onde era as fazendas já estão com propostas de loteamento....*"[130]

Está assembléia[131] referida por Bernardete, aconteceu exclusivamente para a discussão do *"bloquete"* na qual os moradores levantaram diversos questionamentos: como era feito o bloquete? qual o material que era usado para fazê-lo? Por que sairia *"mais barato"* do que o asfalto, se o cimento também era muito caro? Qual o *"modelo"*? ... A sua durabilidade? ... O preço? ... As formas de pagamento? ... Algumas respostas

---

[128] - Essa informação foi dada verbalmente pelo Dr. José Francisco numa das reuniões da Secretaria de Obras e os moradores. Na época fomos atrás destes papeis, mas não os encontramos. Estávamos orientados pelo Advogado Sérgio a entrarmos na justiça para obrigar a construtora a sanar o seu "erro" para conosco. Ver Ata do dia 19/05/84.

[129] - A pavimentação asfáltica, segundo informações colhidas, ficaria extremamente onerosa devido ao problema encontrado, e de acordo com a Lei Orgânica Municipal - Cap. V, do Parcelamento do Solo, art. 137,inciso V, parágrafo 3°, p. 50 - o custo seria repassado aos moradores.

[130] Bernardete Maria dos Santos Arantes, entrevista citada.

[131] - Ver livro 01, Ata do dia 27/05/84, Centro Comunitário Alvorada.

foram obtidas ali mesmo: *"para que os mesmos ficassem mais baratos"*, a secretaria de obra, *"compraria"* a máquina para fazê-lo e estocaria o cimento. Quanto ao custo seria dividido para todos os moradores, sendo que cada caso seria discutido individualmente e respeitando principalmente as condições financeiras de cada um.

Outra questão que ficou acertada entre os presentes era que a pavimentação seria por "empreita", desde que na mão-de-obra fossem aproveitados os moradores desempregados do bairro. A comunidade acabou por aceitar o *"bloquete"* como solução provisória.

Entretanto, para viabilizar este *"acordo"*, a prefeitura não contava com alguns problema que surgiram posteriormente: primeiro com a *"máquina"*, quanto a demora para adquiri-la, e quanto a eficiência da mesma. A produção era lenta e desigual. Isso fez com que demorassem para cumprir o acordo e só depois de muita cobrança da Associação de Moradores, a *"novela"* da pavimentação começou.

Realmente esta questão não acabou por aí. Nem bem comemorávamos o seu início, percebemos que as ruas escolhidas para efetuar a pavimentação, coincidentemente eram as ruas usadas pelo precário ônibus coletivo, e mais, onde estava sendo construído o Centro de Saúde e outras áreas institucionais preservadas para construções públicas futuras: a Creche e o Centro Comunitário. Porém, o que mais indignou a comunidade foi a má qualidade dos *"bloquetes"*. Muitos deles estavam *"cascudos"* (grossos), portando uma superfície irregular, outros se *"esfarelavam"* em nossas mãos, enquanto que alguns outros não apresentavam problemas, estavam sólidos, lisos, *"bonitos"*. A população *"desconfida"* que estava sendo passada para trás, juntou-se à comissão e foi para as ruas fiscalizar o serviço, o material. Conforme Glória já relatou, chamaram a Secretaria de Obras para manifestarem o seu *"descontentamento"*. Numa dessas reuniões, *"convidaram"* Dr. José Francisco – Secretário – para percorrer com os moradores, as ruas supostamente concluídas verificando bem de perto o tipo do bloquete que estava sendo usado.

A figura esguia e séria do secretário de obras – José Francisco – aparecia exibindo-se comicamente o seu *"balet"* debaixo dos guarda-chuvas dos moradores, ao mesmo tempo que cobravam dele *"se era pra ser modelo, tinha que ficar muito bom"*!. Neste sentido, é possível pensar também que os moradores talvez pudessem estar usando nesta forma de cobrança, um meio de atacar o *"estardalhaço"* feito pela imprensa que noticiava largamente a *"pavimentação por bloquete no Alvorada"* como sendo *"um grande feito"*, ou até mesmo um *"presente"* da administração Zaire Rezende.[132]

Ao tomarmos conhecimento desses artigos, citados neste período, verificamos que somente dois deles revelavam parcialmente alguns itens que deixavam a comunidade insatisfeita diante do que estava acontecendo. Enquanto que os outros, na sua maioria, se esforçavam por passar a idéia de uma conformidade *"cega"* dos moradores, ignorando as resistências presentes na tentativa de anular o embate político da AMCA com o poder público frente ao que estava posto, como podemos verificar:

> *"... **Inicialmente serão calçadas 08 ruas e a mão-de-obra foi contratada junto aos moradores do bairro.***
> *O trabalho é semelhante aquele utilizado com o calçamento de pedras. **A população esta satisfeita porque elimina a poeira, mas se preocupa com a falta de redes e galerias pluviais, o que pode causar futuros problemas com relação à infra-estrutura.** A queda d'água será feita por queda natural a céu aberto.*[133]

---

[132] - Ver "Ata de reunião dos moradores do Conjunto Alvorada, membros da Associação, e o prefeito Zaire Rezende - 16/08/84. Assunto: má qualidade e orçamento do bloquete - livro 01 - AMCA; Manchete de jornais da época: "Máquina de bloquetes já funciona em ritmo de produção normal", **Primeira Hora**, 02/02/84,p. 04; "Fábrica de bloquetes está em funcionamento há 02 meses"; "Bloquete, fábrica produz 14 mil peças diárias; "Bloquetes no Alvorada", **Primeira Hora**, 06/06/84; "Bloquete é bem recebido no Alvorada e continua a todo vapor", **Primeira Hora**, 02/08/84; "Alvorada vai ganhar calçamento de bloquete", **Correio de Uberlândia**, 02/09/83, "Zaire Rezende entrega praça e promete calçamento do bairro Alvorada", **Correio de Uberlândia**, 02/09/83; "Zaire acompanhou fabricação de bloquetes no distrito industrial", **Correio de Uberlândia** 28/04/84; "Prefeitura usa 'bloquete' para calçar as ruas do Alvorada", **Correio de Uberlândia**, 11/07/84; "Bloquete continua no conj. Alvorada", **Correio de Uberlândia**, 20/07/84; "Bloquetes no Alvorada I e IV" e "Recuperação de acesso ao Sabiá", **Correio de Uberlândia**, 13/06/85; "Pavimentação do Alvorada, outro presente da administração do Zaire Rezende", **Correio de Uberlândia**, 03/09/85.

[133] - "Prefeitura usa bloquete para calçar as ruas do Alvorada", **Correio de Uberlândia**,

Este último artigo, com certeza, reforçou na comunidade a desconfiança anteriormente mencionada, fomentando a sua mobilização para assegurar que todas as ruas do conjunto fossem pavimentadas.

Coincidência ou não, logo a seguir, saiu outro artigo no mesmo jornal, no qual o secretário se incumbia de "*desmentir*" o artigo anterior:

> *"...Correm rumores de que apenas 08 ruas do conjunto receberiam o benefício, o que foi prontamente desmentido pelo secretário José Francisco dos Santos! 'todo bairro toda aquela parte que recebe benefício ,será concluída até dia 31-08 e depois nós iremos fazer a parte de baixo. Assim todo o conjunto alvorada será pavimentado com bloquetes, ainda este ano".* [134]

Sem dúvida nenhuma, havia uma "*promoção*" da administração Zaire Rezende sobre a pavimentação citada, no sentido de beneficiarem-se politicamente, reforçando a imagem de um "*governo voltado para o bem estar do homem*", calcada na participação. No entanto, cremos que esta auto promoção não passou despercebida pelos moradores, uma vez que foram para as ruas fiscalizar o serviço, e até mesmo, mudaram, de certa forma, o rumo tomado pelo poder público. Fizeram uso do próprio ufanismo, criaram mecanismos de envolvimento, garantindo assim, o cumprimento do acordo.

Mesmo assim, apesar da inquietação da comunidade, provocada pelo calçamento, a Prefeitura não se deu por satisfeita, pois, quando os moradores foram chamados para dividirem os custos financeiros, perceberam que eles – o poder público – haviam mudado o "*acordo*", desconsiderando em determinados pontos o que estava sendo discutido entre as partes. Desta feita, outros movimentos foram gerados no sentido de assegurarem a proposta inicial, exaustivamente acordadas sobre a delicada questão financeira. Convites e orientações foram levados de casa em casa, chamando os moradores para novas

---

11/07/84, p. 12. (Grifos nossos).

[134] "Bloquetes continuam no Conjunto Alvorada", **Correio de Uberlândia**, 29/07/84, p. 12.

discussões. (Ver Anexo). Finalmente concluiu-se a pavimentação no Conjunto Alvorada; sua inauguração se deu no dia 1° de Setembro de 1985.[135]

A luta continuava. A construção do Centro de Saúde também foi muito significativa para os moradores. Sua importância pode ser percebida no depoimento de Lourdes:

> *"... Hoje a primeira coisa que considero melhor foi o" postim"* (centro de saúde*). O 'postim' como a gente fala, né, foi uma coisa assim... uma benção na época...(...)... Êle veio através de pedidos*[136]*, né... eu mesmo num lembro assim prá fala direitinho... só que quando veio é qu'eu vi aquilo...* (a construção*) eu num punha fé; prá mim eu num acreditava que ia tê alguma coisa aqui sabe? Eu pensava: esse lugá* (o Conjunto Alvorada) *é esquecido, num vai tê nada pra nóis aqui de certo, mas... quando eu cheguei lá que vi que tava construindo... que inaugurô... aí eu fiz questão de i lá prá mim vê né* (risos!) *Falei: nossa que beleza, 'tá funcionando mesmo', né, aí eu acreditei..."*[137]

Essa "*descrença*" de Lourdes certamente se dava pelas dificuldades encontradas e vividas pelos moradores; o isolamento, a distância, o aspecto rural, tudo isso fazia do local uma comunidade pequena. Visto pela ótica da "*quantidade*", talvez não influenciassem muito em outros processos tais como o aspecto eleitoral ou qualquer investimento que demandasse dinheiro ou lucro.

No entanto, esta "*quantidade*" pode ter sido, um das propiciadoras da nossa luta conforme a compreensão de Bernardete:

> *"... A gente pensa que a prefeitura é que tem que fazê tudo ...(...)... na verdade tem coisa que é a comunidade que faz e tem outras que é obrigação da prefeitura "mesmo"* (fala acentuada) *...(...)... quer dizer as coisas num tem só porque tem que tê não; se a gente num vai atrás não, e, num lutá por elas não consegue... como foi o caso do Centro de Saúde; primeiro que foi uma luta enorme da Associação prá*

---

135 - "Pavimentação do Alvorada", **Correio de Uberlândia**, 31/08/85. Ver Ata dos dias 09/01/85, 09/01/86 e 06/02/86, livro 01, Centro Comunitário Alvorada.

136 - Ver Ata do dia 09/08/84, Centro Comunitário Alvorada.

137 Maria de Lourdes D. Faria, entrevista citada.

> *conseguí que tivesse o Centro de Saúde no bairro; porque ía tê o Centro de Saúde mas não era aqui... diziam que a nossa demanda era pequena e coisa e tal...*"[138]

Quando a entrevistada diz "*que foi uma luta enorme da Associação prá consegui que tivesse o Centro de Saúde no bairro; porque ia tê (...) mas não era aqui...*" essas "*informações*" normalmente eram obtidas sempre por "*debaixo do pano*" ou em outros encontros é que ficavam "*por dentro*" das propostas do governo para determinado o local e não no Alvorada. À medida em que descobriam o jogo político, punham-se a investigar a "verdade" e as respostas eram sempre as mesmas: "*a distância, a demanda.*" Entretanto, quando a AMCA soube da indisposição da Prefeitura em relação à não construção do Centro de Saúde Alvorada, foi atrás e assim no 1° semestre de 1984, tiveram o lançamento da pedra fundamental. (Ver Anexo).

É importante ressaltar que o acompanhamento da construção do Centro de Saúde Alvorada, não se deu sozinho, pois "*este benefício*" estava ocorrendo em outros bairros ao mesmo tempo (Alvorada, Santa Luzia e Liberdade). Sabendo disso, as AMs dos respectivos bairros uniram-se e buscaram a Secretaria da Saúde para acompanharem passo a passo a construção e principalmente, as discussões relacionadas ao processo seletivo dos futuros funcionários. Neste trabalho, apontaram critérios e elegeram fiscais dos bairros para garantirem as resoluções dos problemas.

No entanto, ao revermos a Ata do dia 09/08/1984 referente a este "*acompanhamento*" nos deparamos com o seguinte texto, que sem dúvida nenhuma dá margem a outra interpretação:

> *"Ata da reunião dos presidentes* ***das Associação dos Moradores*** *de Uberlândia, membros da Secretaria de Ação Social e membros da Secretaria Municipal de Saúde ...(...)... O motivo* ***da reunião seria a inscrição dos moradores para cargos de auxiliares de saúde.*** *Dr. Flávio*[139] *nos colocou que*

[138] Bernardete Maria dos Santos Arantes, entrevista citada.
[139] Dr. Flávio Goulart, Secretário da Saúde.

> ***haveria funcionários contratados pelo Estado e Prefeitura. Dr. João[140] nos deu os_principais requisitos para a inscrição:*** *Desempregado.* ***Participar de Associação.*** *Idade mínima 18 anos. Documentos da casa, talão de luz; certificados de enfermagem ou auxiliares de saúde etc. Senhora Nizia[141] nos colocou que os membros das 'secretárias' participariam das inscrições e membros das Associações...".*[142]

Entretanto a fala da Bernardete aponta que:

> *"... E aí foi nos bairros que nasceu os critérios de quem ia participá... e como. Um dos requisitos era: morar no bairro; ter muitos filhos (*maior quantidade de filhos*); renda familiar menor; estar desempregado, além da capacitação é obvio...".*[143]

Assim o depoimento oral contradiz o item escrito no texto anterior: ***"Dr._João nos deu os principais requisitos para a inscrição..."***. Ao nosso ver, o texto escrito inverte os sujeito sociais; no lugar onde brota a expressão das AMs, a história oficial permanece na pessoa de Dr. João, diretor do Centro Regional de Saúde. Neste sentido, a fala de Bernardete recupera os autores, esclarecendo um outro item também muito importante sobre a condição de "*participar da associação*":

> *"... A 2° luta foi prá consegui... que nós* (líderes) *pudéssemos estar... é pleiteando a vaga eu lembro que por nós sermos "muito ativos"* (risos!) *não podia trabalhá... Por quê? Porque a gente trabalhava pelo bairro num podia trabalhá no Centro de Saúde? Aí minha filha foi toda uma discussão, até que veio o José Maria, veio a Nilza Alves... a Secretaria em peso... é um punhado de gente de lá* (Prefeitura Municipal) *e o outro punhado* (de gente) *de cá... e discutimos feio com eles e acabô que nós não aceitamos. Achávamos que poderia participá sim uma vez que*

---

[140] Dr. João Eduardo Mascia, Diretor do Centro Regional de Saúde de Uberlândia.
[141] Níza Ribeiro da Luz, Secretária da Ação Social e do Trabalho.
[142] Ata do dia 09/08/84, Centro Comunitário do Alvorada. (Grifos Nossos).
[143] Bernardete Maria dos Santos Arantes, entrevista citada.

> *estivéssemos dentro dos critérios seletivos... uma vez que éramos capacitados profissionalmente na saúde...* "[144]

Pensamos que, estas últimas citações oportunamente levaram-nos a refletir um pouco mais sobre a problemática das fontes documentais. Obviamente todas elas apresentam as suas peculiaridades ou fragilidades. Se não levarmos em conta o diálogo com as evidências, correremos riscos desviando-nos talvez de uma interpretação coerente do processo histórico.

Assim, quando se lê na ata sugerida que um dos critérios de seleção era "*participar da associação*", estava se referindo às pessoas que morassem no bairro e que participavam dos movimentos desde que não fossem liderança do bairro.

Outro momento cruciante, presente na memória dos entrevistados, foi a "*manifestação*" da BR 452. Conforme já dissemos, esta Rodovia Federal corta o Alvorada ao meio. Por lá passam freqüentemente caminhões, carretas, ônibus, veículos de passeio, motos... mantendo assim um tráfego intenso, "*pesado*"; o que termina por colocar a vida dos moradores em risco. A presença desta via no espaço físico do bairro é entendido como um "*erro*" pela moradora Maria Helena:

> *" Eu acho assim sabe, que quando eles construíram o Alvorada (...) foi um erro deles (*construtora*) porque eles não podia tê construído o Alvorada entre a BR, porque ela já existia, né? (...) O erro deles foi muito grande fazeno isto porque a BR táva no meio. Ou eles construía tudo de lá (...) ou tudo prá cá. Isto trouxe muito transtorno prá comunidade né (...) eu acho muito perigoso (...)".* [145]

---

[144] IDEM.
[145] Maria Helena Caixeta, entrevista citada.

O fantasma deste perigo também foi reforçado por Glória:

> *" ...E o asfalto ali, que num tinha os quebra molas (...) as crianças que passavam para a escola era aquela dificuldade danada (...). Eu acho que esta BR no meu entender eu acho que até teria que ter uma passarela, que toda a vida foi um sonho né? (...) Num todo, o conjunto foi feito desorganizado, né, porque fez ele 'num lado' e depois 'um pedaço do outro lado' e depois 'outro pedaço' (*Etapas I, II, III e IV*). Eu acho que a Prefeitura, os órgãos não deveria ter aceitado isso. Porque é uma rodovia de muito movimento prá atravessá, cortar um Conjunto".*[146]

Convictos de que a BR ameaçava a vida das pessoas que por ali transitavam, os moradores inicialmente, uniram-se em grupos e, depois, formando a AMCA, não mediram esforços e passaram a exigir das autoridades providências, no sentido de dar mais segurança a todos que dela fizessem uso. Os apelos variavam quanto a sinalização: uns pediam a colocação de semáforos, outros pediam a construção de uma passarela ou de uma passagem subterrânea... Enfim, solicitavam providências, a fim de que alguma coisa fosse feita para se evitar os riscos, os perigos. No entanto, o poder público nada fez.

Desta forma, face mais um acidente ocorrido, os moradores resolveram interromper a BR no dia 23 de maio de 1984 às 12 horas, na tentativa de buscar uma solução, Glória assim relata:

> *"Na verdade foi muito problemática esta rodovia (...) até desencadilhou uma paralisação em virtude de mais um acidente. (...) E aí a comunidade resolveu fechá a BR, (...) sem passá nada, nada. Foi uma coisa assim espontânea, num tinha polícia, num tinha nada (...) fechamo e pronto! Eu estava na paralisação (...) fechô ali até que veio alguém encarregado de assumir conosco que faria uma passarela, né, depois. Antes faria um quebra mola (...). E foi assim umas três horas de agonia, ali, no asfalto (...) fechamo tudo ali (...)*

[146] Maria Glória de Moura, entrevista citada.

e a gente falava né? (...). Eu acho que foi pacífico (...) parece que eu num lembro de apedrejamento (...) (pausa*) Não, não teve! Foi muito pacífico. Num tinha assim organização de polícia, de nada (...) de órgão superior (...) mas nós até que a gente sabia se organizá, né?* (risos!)"[147]

O acidente na BR ocorreu no dia 22 de maio de 1984, onde a menor Lília, de 9 anos residente no Alvorada "I", foi atropelada e socorrida no Hospital de Clínicas da UFU, segundo a sua mãe. No momento do acidente, a vítima estava acompanhada de sua avó paterna, D. Alzira, que ao presenciar a cena, sentiu-se mal, tendo também de ser socorrida. Ambas estavam acompanhadas por uma vizinha na hora do ocorrido.[148]

Este atropelamento representou a "*gota d'água*", revoltando profundamente os moradores. Foi tido como um "*descaso*" da Prefeitura Municipal diante dos muitos pedidos e alertas dos moradores, exigindo segurança naquela travessia.

Diante disso, algumas "*mães*", lideradas por Beatriz Guaritá Vieira[149], pensaram inicialmente em interditar a BR e procuraram então a Associação dos Moradores. E assim o fizeram. Imediatamente, reuniram-se e elaboraram estratégias para a manifestação, explicadas nas falas a seguir:

"(...) depois de mais uma vítima na rodovia, aí combinamos (...) no outro dia eu peguei o microfone (...) não, o megafone do Frei Celestino (...) e saí andando rua por rua no bairro, convidamo o povo prá fechá a rodovia (...). Eu achava qui tava sozinha (...) quando eu olhei para trás era aquela multidão atrás de mim (...) aí eu empolguei e fomos chamando os outros prá meio dia em ponto fechá a rodovia (...). e aí nós combinamos a organização (...) a imprensa, que atenderia (...) a Maucia ficô com a imprensa; nisso, aí entrô

[147] IDEM.
[148] Ata da AMCA, 25/maio/1984, livro 01, folhas 17 e 18 – Centro Comunitário Alvorada; Ver: "Moradores do Alvorada bloqueiam a Rodovia", **Jornal Correio de Uberlândia**, 24/maio/1984, p. 11.
[149] Foi moradora do Alvorada "II". Participou ativamente das mobilizações do bairro, mudou-se do Conjunto Alvorada no final de 80.

> *a Vilma*[150] (moradora e professora do pré-escolar) *que foi uma peça importante assim como outras pessoas (...). (entrou) a escola (...) e eu mais do que nunca fui chamando o povo (....) né? O Zezé* (José Donizete), *lá do outro lado, foi um dos que mais me ajudô (...). Pegamos ramos, pedronas, pau, pneus e fechamos todos os lados (...) e o povo foi chegano, foi chegano também os que estava lá em baixo (centro da cidade) trabalhando (...). Sei que nós conseguimos tirá as pessoas de dentro de casa e fomos todo mundo prá rua! (...) Foi muito bonito (...), né? Foi parano o ônibus de viagem, os carros, caminhões (...) e quando nós vimos* (risos!) *tava 'boniiiiiito' né (...) aquele tantão aí começamo a ficá com medo aí veio a polícia; táva o povo da secretaria (...) veio tudo prá cá (...) até o povo da comunicação (...), é do gabinete, o Orestes* (Orestes Gonçalves) *(...), tinha a Nilza* (Nilza Alves de Oliveira), *o Tomé* (Tomé de Freitas), *a Terezinha* (Terezinha Lelis), *o Zé Maria* (José Maria Toledo).[151] *Eles ficaram encabulados de nós 'inventá' de fazê aquilo (...)* [risos]. "[152]

De acordo com a análise da Ata, citada anteriormente, os manifestantes organizaram uma comissão, que os representassem nas negociações com o órgão competente. Esta comissão foi composta de quatro moradores: a Sônia (professora do Pré-particular, residente no Alvorada "III"); a Vilma (professora do Pré-escolar municipal, residente no Alvorada "III"), a Neusa Santos (professora da 3ª série da Escola Estadual Lourdes de Carvalho, moradora do Alvorada "I") e o Sr. João (João José Borges, butequeiro morador do Alvorada "II"). Porém, diante da exigência dos manifestantes, enquanto a comissão deslocou-se para o centro da cidade, levando as reivindicações propostas, outros moradores permaneceriam na BR, em atitude de vigília,

---

[150] Foi moradora do Conjunto Alvorada "II". Participou ativamente da AMCA, foi professora do Pré-escolar Municipal desde a sua inauguração; acadêmica do curso de Pedagogia da UFU. Era dona do "mimeógrafo" usado pela AMCA para as correspondências e divulgações. Vale a pena lembrar que Vilma, por ser aluna da Universidade, passava informações para nós os moradores, como por exemplo sobre a dialética de Hegel. Dizia que as nossas reuniões era uma "dialética" onde um falava, e o outro opinava, tirando por sua vez uma nova conclusão. Ficávamos no mínimo curiosos e nos perguntávamos o que poderia significar tudo aquilo.

[151] Estas três últimas pessoas eram funcionárias da Secretaria de Serviço Social da Prefeitura de Uberlândia.

[152] Bernardete Maria Santos Arantes, entrevista citada.

aguardando a chegada da comissão. Obviamente esta decisão do movimento desagradou mais uma vez o poder público, ali representado, que inutilmente tentava negociar a retirada dos manifestantes.

A fala de Elbiana, que criança na época, trás a lembrança dos momentos vividos:

> *" (...) Teve uma vez uma passeata, que a gente parou aqui a BR, sabe, para colocar quebra-molas; foi uma manifestação de um dia e teve muito agito. A gente foi brincá (...), foi jogá bola na pista (...)* [risos], *mas foi bom que conseguiu (...). Juntaram a comunidade em peso nessa hora, todo mundo se uniu, e fizeram todo aquele movimento. Eles começaram assim a ir de casa em casa, a chamar (...) eu lembro, chamando a população para ver se tomavam alguma providência... ".*[153]

A manifestação dos moradores só encerrou com a chegada da comissão, mediante a concordância dos seguintes itens: colocação de dez placas sinalizadoras, construção imediata de sonorizadores, seguidos de quebra-molas, tendo o final da semana como prazo máximo para sua conclusão, caso contrário, retomariam a interdição ou quebrariam o asfalto e ainda a exigiam que a Polícia Federal permanecesse 24 horas no local até finalizarem a construção dos quebra-molas.[154]

Muitas reflexões poderão ser feitas a partir das manifestações. Uma delas é o papel das mulheres, segundo Cristovam, ex-presidente da AMCA:

> *"As mulheres do Alvorada foram fundamentais na realização dos movimentos. E por incrível que pareça o que a gente percebe é que os grandes movimentos é realizado por mulheres, né, como foi o caso do trevo... até... eu morava aqui* (ainda) *mas já contava aquela história... o quebra molas que já havia aquele movimento todo..."*[155]

---

[153] Elbiana Delfina de Souza, 23 anos, moradora. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.
[154] Cf. Ata do dia 25/maio/1984, livro 01, Centro Comunitário Alvorada.
[155] Cristovam Geraldo Duarte, ex-morador do Alvorada "II", ex-presidente da AMCA (93/95), entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

Estas "*adesões*" eram acolhidas com satisfação pelos manifestantes, que rapidamente incumbiam-se de relatar a ocorrência. Ao passo que a não adesão, também era exaustivamente lembrada. Dentre outros comentários, alguns ganharam força, como por exemplo, o fato de alguns moradores do sexo masculino postarem-se do outro lado da pista, de braços cruzados, com uma expressão facial carregada, demonstrando um "*possível*" descontentamento com a manifestação. Da mesma forma, veicularam informações de que alguns homens deram "*graças a Deus*" por estarem trabalhando e assim, se pouparam "*daquela falta de serviço*", das "*desocupadas*".

Enfim, estas falas foram percebidas nos desabafos posteriores que algumas mulheres fizeram, quando se sentiram discriminadas pelos esposos. Interessante observar que a intensidade dos comentários acima citados, salientam também a permanência de outros homens moradores, que justamente com suas famílias participaram ativamente do movimento. No entanto, o fato da manifestação ter sido feita num dia "*útil*", a mesma foi considerada por muito, sendo apenas um movimento de mulheres, jovens e crianças. Apesar de não ter sido esta a intenção.

Navegando pela minha memória, lembro que ao deixarmos a pista, nos postávamos em grupos "*aqui e acolá*". Parecia que nós não tínhamos pernas para chegarmos às nossas casas, havendo, portanto, uma necessidade espantosa de falarmos sobre as "*sensações,*" vívidas e sentidas em determinadas horas; se foi daquele jeito ou se não foi; o "*assim, assim*" que causou um "*frio na barriga*". A terrível sensação do "*e agora, o quê fazer?*" Lembrávamos da figura "*baixinha, gorda e uniformizada*" do Tenente Watson (Polícia Federal) que "*suava em bicas*", esforçando-se para negociar conosco. E a expectativa? Havia uma expectativa dolorosa "*do que viria depois*" e sentíamos medo. Aí, entendemos que uma mistura de sentimentos invadiam cada uma de nós, a tensão vivida naquele asfalto cedia lugar a exaustão, a angústia, o medo, ao

mesmo tempo nos mantínhamos convictos de que havíamos feito a coisa certa. Neste momento, duas "*certezas*" invadiam a nossa mente: a possibilidade de tudo ter sido em vão; e a sensação de que havíamos envelhecido dez anos em apenas algumas horas. Porém, se as promessas se concretizassem representaria uma dupla vitória: para com o movimento e com todos aqueles que não nos apoiaram. Felizmente, a pequena Lília, recuperou-se rápido e voltou para casa.

No final da semana, conforme o prometido, de cabeça erguida inauguramos os quebra-molas, juntamente com a passagem simbólica de todos os alunos das escolas. A partir daí, ganhamos o codinome de "*povo cri-cri*", aos poucos ou às "*duras penas*", estava sendo forjada uma identidade:

> *"(...) Antigamente que o pessoal do Alvorada ia na Prefeitura, ah! era um auê (...) ninguém queria receber (...), dizia que nós éramos um 'povinho' muito 'cri-cri'. Que nós exigia demais. Diziam que não tinha nenhum bairro que exigisse daquele tanto".*[156]

Vale a pena registrar, que nas reuniões que os membros da AMCA compareceram após as manifestações, eram sempre cumprimentados a viva voz pela "*ousadia*". Devagar fomos introjetando em nós mesmos que o Alvorada tornou-se "*conhecido*". Concomitantemente em algumas conversas, muitas delas de "*pé-de-ouvido*", foram surgindo também, alguns questionamentos, querendo saber "*de que partido político nós éramos*", ou "*que partido o fulano ou o ciclano freqüentava*", "*quem é que havia estado lá na hora nos ajudando*", e coisas do gênero.

Descaracterizando a possibilidade da inocência desses questionamentos, podemos pensar que tentavam desvalorizar o movimento, fomentando a desconfiança de que havia alguém por "*de trás*" de tudo aquilo.

com isso, não reconheciam a capacidade de organização da comunidade, do seu "*auto fazer-se*".[157] Essas dúvidas foram veiculadas, também em sessão da Câmara Municipal quando da manifestação a vereadora Nilza Alves de Oliveira, do Partido Comunista Brasileiro (PCB), fez uma intervenção ponderando o acontecimento, que segundo ela:

> *"O pessoal se mobilizou e impediu a passagem de veículos durante aproximadamente cinco horas. Toda a população colocou uma série de problemas por ela enfrentados e pensa que nós vereadores deveríamos nos interessar mais a fim de resolvê-los. Amir Cherulli pediu aparte para dizer que na rodovia existe uma pintura indicando a passagem de pedestres, mas aquilo é só uma advertência, porque a rodovia é preferencial.* ***O vereador quis saber qual a reivindicação feita pela vereadora Nilza. Nilza disse que não é ela que reivindica. A própria Associação de bairro tem trabalhado_algum tempo nesse sentido.*** *O que eu vejo são uma série de problema inerentes ao próprio bairro como a questão da pavimentação".*[158]

No mesmo sentido dos questionamentos feitos antes da apresentação deste texto, talvez o equívoco do vereador Almir Cherulli também não tenha se dado envolto numa "*ingenuidade*", pois, provavelmente sabia que a vereadora Nilza freqüentava não só algumas reuniões da AMCA, como também as nossas casas, deixando entrever um "*não dito*", implícito na infeliz expressão. Essa fala do vereador, aliada aos outros comentários, revelam aos nossos olhos uma ênfase do discurso dominante que teima em não reconhecer o potencial de uma comunidade, de resistir ao seu "*feitiço*".

Para isso, recorremos novamente à História Oral, no sentido de desmistificar ou de "*provar*" o contrário, apontando o outro lado deste discurso, enfatizando a participação da comunidade, quando esta percebe a necessidade de agir, de organizar, como nos aponta as falas a seguir:

---

[156] Maria Glória de Moura, entrevista citada.
[157] THOMPSON, E. P. op. cit., p.p. 9 - 11.
[158] "Câmara Municipal de Uberlândia", **Correio de Uberlândia**, 30/05/84. (Grifos nossos).

> *"... Sempre que a coisa pegava houve uma participação maciça da comunidade e por outro lado também, ela nos momentos decisivos... é a hora que falô 'agora tem que enfrentá, tem que chegá no ponto (...) ela também não deixou a desejar..."*[159]

Ao que acrescenta o depoimento de Bernardete:

> *"... Na minha experiência e companhia limitada* (referindo-se aos manifestantes), *ninguém sabia o que isso significava* (risos!). *A gente num entendia de política (...) num entendia de nada até então. A gente só sabia que daquele jeito num podia continuá (...). Mesmo assim (...) aí, né, falaram que foi eles* (pessoas de fora da comunidade) *que mandaram nós fazê* (interdição da BR), *e num foi. Foi uma necessidade nossa mesma. Uma organização dum dia pro outro em prol de "Lia"* (Lilia), *que tinha sido acidentada na rodovia, tava no hospital. A gente tinha claro o quê a gente queria, disso nós tinha certeza (...) e como é que queria! Agora, o quê que isso significava para os outros (...) né, as autoridades isso a gente num sabia não, politicamente o quê que isso significava (...). Hoje eu tenho consciência desses significados e sei também que infelizmente o 'pessoal lá de baixo'* (o poder) *não são políticos, num desenvolvem a política, eles fazem a politicagem (....)".*[160]

Depois de tudo isto, ou seja, da manifestação, do enfrentamento principalmente com a família, da pressão, dos comentários, é que ficamos sabendo "*que fechamos uma BR Federal*", no sentido, de "*não ser pouca coisa*", ou como se o fato de ser "*Federal*", não matasse gente ou até mesmo, isentando-se por isso de qualquer culpa. Face a isto, é que começamos a compreender a dimensão de tal ato, ou seja, outras palavras como "*repercussão política*" foram povoando a nossa mente e anexando-se ao nosso vocabulário. Aí pareceu-nos que nos "*encolhíamos*". De novo, sensações de medo, e de fortalecimento se fundiram.

---

[159] Cristovam Geraldo Duarte, entrevista citada.
[160] Bernardete Maria dos Santos Arantes, entrevista citada.

As pesquisas apontaram que, a luta da comunidade continuou no sentido de sanar de vez toda a ameaça que pairava sobre ela, normalmente registradas em quase todas as Atas da Entidade. Entretanto, a despeito de toda movimentação com os quebra-molas e outras modificações feitas posteriormente, a BR continuou sendo sinônimo de perigo. Após muitas mortes[161], numa ação conjunta do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) e Prefeitura Municipal nos anos 90, construíram (por partes) no local, um trevo em rotatória, cuidando também do paisagismo e da iluminação. [162]

[161] Moradores do Conjunto alvorada que faleceram no local, e que hoje é um trevo em rotatória: Márcia Rodrigues Ramos em 08/08/83, 25 anos (suicídio); Hugo Alves dos Santos em 30/04/90, 40 anos; Fábio José de Lima Chagas, 10 anos; Antonio Solano; Rosana Santiago Paranhos Mundim, 35 anos ; Paulo César Vasconcelos, 37 anos. Acidentados: Ivana Lemos Borges, 10 anos (1988); Maria Abadia Cardoso, 39 anos (07/07/1986); Ângela Barbosa Cintra, 13 anos; Aristeu Cesário da Silva, 70 anos (01/07/86); Lilia Cristina Teixeira, 9 anos, (1984).

[162] As Atas da AMCA formam um total de 241 reuniões com as suas respectivas "Atas"; desde 26/09/1982 (fundação) até 07 de julho de 1995 (Ver Anexo número de eleições realizadas) livros números 01, 02, 03 da AMCA – Centro Comunitário Alvorada. Cf. Extinção de "Pontos Negros' começa no Alvorada" – Jornal Correio de Uberlândia, 27/abril/1989, p. 03.

CAPÍTULO IV

A ORGANIZAÇÃO E AS LUTAS INTERNAS DA AMCA

No início deste trabalho, relatamos a formação da AMCA, detalhando inclusive o processo de eleição das diretorias que foram escolhidas de forma direta nas assembléias. Mas, apesar de terem sido convocadas para este fim, comportavam um número de no máximo 50 pessoas.

Entretanto, verificamos que a partir dos finais de 85, surgiu a proposta de se fazer a eleição da diretoria nos "*moldes do voto secreto*" que foi prontamente aceito pelos presentes. Face a esta "*mudança*" de pensamento, podemos observar que despertava no grupo uma preocupação com a representatividade, com a legalidade do processo eleitoral que viria superar o suposto "*purismo*" presente nos processos anteriores. Na tentativa de organizar o evento, a AMs foi tomando contato com alguns procedimentos inerentes ao processo, tais como: Comissão Eleitoral, composição da mesa com suas respectivas contribuições, a formação e inscrição das chapas; enfim, toda a organização interna que demanda um pleito eleitoral.

Segundo a Ata do dia 30/05/85[163], para esta eleição concorreram duas chapas: Chapa Forte e Chapa Renascer. A primeira foi encabeçada por Maria de Lourdes Rodrigues, moradora do Alvorada "II" para presidente, juntamente com o Sr. Valdir Gomes para vice-presidente, morador do Alvorada "II". A Chapa Renascer foi composta por Maria Aparecida Portilho,[164] moradora do Alvorada "I", para presidente, trazendo como vice-presidente a moradora do Alvorada "II", Beatriz Guaritá Vieira.

Compostas as chapas, passaram a trabalhar no sentido de fazer a divulgação, de conscientizar os moradores à comparecer no local no dia da votação e da importância daquele ato. Suzilei fala da sua experiência como participante de uma delas:

> "*... Então, foi quando eu participei pela primeira vez... da associação de moradores e que também foi... seria a primeira eleição assim de urna* (voto secreto) *que a comunidade ia ter... colocando o seu votinho lá na urna*

[163] Ata da AMCA 30-05-85, Livro 01. Centro Comunitário Alvorada.
[164] D. Maria Aparecida Portilho, já falecida.

> *mesmo, por que nesta época tinha duas chapas.... a que eu entreí era encabeçada pela Lourdes* (Maria de Lourdes Rodrigues) *e a outra era a Sr.ª. Aparecida Portilho e a Guaritá* (Maria Aparecida Portilho e Beatriz Guaritá Vieira) *(...). Então entrei na chapa... fomos organisá e tudo... organisamos né... fizemos campanha* (na rua), *gravamos, né, uma musiquinha*[165] *fizemos até comício...* (risos!) *inventamos a centopéia*[166] *e resultou num movimento "forte" no sentido de mostrá para os moradores que a eleição para a diretoria era muito importante. Tanto que despertô realmente a comunidade prá voltá, teve realmente uma participação muito boa. Eu me lembro bem que até então... votando assim no dedão a gente num tinha uma participação tão ativa... e assim conseguimos levá muita gente prá podê votá. E aí nossa chapa ganhô que era a Chapa Forte...*[167]

Sobre as *"inovações"* criadas por moradores no decorrer deste processo, citadas por Suzilei, constaram também uma fita cassete gravada (música/convite) para efeito de divulgação do evento, em carro de som em todo o bairro. (Ver Anexo).

Esta eleição ocorreu dia 14/04/1985. Contou com a presença de 549 eleitores/moradores. A vencedora foi a Chapa FORTE. O sucesso deste evento foi veiculado na imprensa como sendo "*fruto da maturidade*" colhido mediante a união e a conscientização do Alvorada.[168]

---

[165] Ver em anexo.

[166] Para fazermos a "*centopéia*" emendávamos restos de pano, lençóis velhos, cobertas... formando então uma "cauda" bem comprida. Esta cauda "*saia*" das costas de algumas pessoas que iam puxando, enquanto que outros passavam por baixo da cauda, com as pernas descobertas. Desse jeito parecia uma grande lagarta, andando pelas ruas do Alvorada, trazendo o nome "*Chapa FORTE*" em letras garrafais, recortadas de jornal. Foi um sucesso.

[167] Essa fita foi gravada pelos candidatos da Chapa FORTE e o grupo que a apoiava. Tinha o objetivo de divulgar AMCA, o nome da chapa e incentivar os moradores para comparecerem no dia da votação. Fizeram uma letra voltada para o momento "*tomando emprestado*" a música da "*A jardineira,*" cantada em ritmo carnavalesco. Os instrumentos musicais que acompanhavam as "*vozes*" era uma "*sanfona*" tocada pelo Sr. Armando Rodrigues, esposo, da Maria de Loudes Rodrigues (Presidente da chapa) e o violão tocado pelo Sr. William Farias Arantes morador do Alvorada "II". A fita, foi gravada na residência da Suzilei com instrumentos e recursos próprios do grupo, guardada pelo Ademar cedida gentilmente para este trabalho (Em Anexo).

[168] Ver: "Os frutos da Maturidade" In.: **Jornal Participação** - Ano I, n° 08, maio, 1985.

Através da leitura das Atas e alguns documentos cedidos por moradores na urdidura deste trabalho, verificamos que ocorreu, a partir daí, outros novos processos eleitorais, visando cumprir o Estatuto da Entidade. Em quase todos, eles observamos a preocupação dos candidatos em envolver os moradores tanto nos preparativos como no comparecimento dos mesmos no local da votação.

Na fala de Glória a seguir podemos perceber alguns "*detalhes*" destes processos, e até como ela percebeu este trabalho:

> *"... Ah! ... teve... teve umas briguinhas bem acirradas né? ... tipo política mesmo... né? Aquelas chapas uma queria ... outra queria a disputa; aí se uma ganhava a outra* (chapa) *ficava cobrando ganhou tem que fazer* (o que prometeu)... *é cobrava... num era assim? Era uma "rilia" mesmo... que até ficava com raiva ...(...)... acho que o pessoal venceu... é o pessoal brigava... reliava... fazia boca de urna... assim passivo* (sem brigas) *né...?*[169]

Entretanto, além destas *"rilias"* descritas por Glória, as pesquisas, na sua maioria, apontavam para a presença de conflitos maiores que extrapolaram o seu local de origem, marcando profundamente um momento especial na trajetória da AMCA. Suzilei, recorda em parte, o *"suposto"* início:

> *"... E aí... a nossa chapa ganhô que era a Chapa FORTE, presidente a Maria de Lourdes e aí começamos a reunir novamente pra gente começá a fazer os trabalhos* (propostos) *...então a gente se reuniu e começamos a chamar a comunidade prá realizá a festa junina e a Maria de Lourdes sempre descia só ... e agente achava que num devia descer sozinho* (para ir às secretarias) *que sempre chamasse* (alguém) *até porque agente achava que fosse uma forma do poder num ficá concentrado só no presidente, era ... repartir as responsabilidades, né? Então sempre devia descer alguém junto ...(...)... aí começamo a perceber que ela descia e usava o nome da Entidade ...(...)... lá prá baixo e num aparecia, e a gente num sabia..."*[170]

---

[169] Glória Maria de Moura. entrevista citada.
[170] Suzilei Ferreira Duarte, entrevista citada.

Analisando as atas referentes ao *"conflito Lourdes,"* podemos perceber uma multiplicidade de informações desencontradas envolvendo a Secretaria Municipal, a Presidente Maria de Lourdes, o restante da diretoria e os moradores. Esta "*desinformação*" criou um certo mal-estar entre eles, à medida em que ficavam sabendo do que ocorria. Trazendo também, consequentemente, segundo os entrevistados, o retardamento da inauguração da Creche Comunitária e da arborização do bairro. O que podem ser verificados pelo texto a seguir:

> *"...Esta reunião teve início às 745 hs* (sic) *onde o assunto em pauta é a diretoria resolver umas séries de problemas que está acontecendo. Nós eu Fátima*[171]*, e Suzilei fomos na Assistência Social falar ou melhor tirá as dúvidas sobre a creche. A Lourdes presidente estava passando informações erradas sobre a creche e outras informações não nos foi comunicado. E tudo é o contrário, a Terezinha* (da ação social) *nos informou que a creche poderá ser aberta a qualquer momento, isto é quando nós a diretoria e mães arrumarem o local e utensílios, para a creche..."*[172]

Além desses "*desencontros*" de informações, verificamos também que existia uma "*indecisão*" de Loudes em ocupar de fato o cargo de presidente, à medida em que marcava reunião com a diretoria e não comparecia e quando foi responsabilizada por este "*conjunto de atitudes*" preferiu pedir "*afastamento*" do cargo sem nenhuma alegação. Isto se deu na Assembléia do dia 22/07/85 na qual se discutia a formação do Estatuto da Creche e a escolha das futuras funcionárias:

> *"A presidente Maria de Lourdes comunicou à assembléia o seu afastamento por 30 dias, tomando a presidência o Sr. Anoel..."*[173]

---

[171] Fátima Brito, secretária da AMCA, ex-moradora, reside hoje na Paraíba.
[172] Ata de 18/12/85, Livro 01, Centro Comunitário Alvorada. Ver também Ata de 04/01/86, Livro 01, Centro Comunitário Alvorada.
[173] IDEM.

De acordo com a fala de Suzilei, este pedido não foi cumprido pela sua própria autora, que seguia de longe os passos da diretoria:

> *"Aí, o Sr. Anoel que era o vice tomou a frente dos trabalhos... mais quando ela viu que tudo estava andando, e que começamos a recuperá o tempo perdido ela sentiu assim que tava perdeno o poder a medida que o grupo caminhava... então queria voltá antes de vencê os 45 dias* (30 dias de afastamento pedido) ... *aconteceu que a gente já estava cheio daquela 'lenga lenga'; **de manhã ela queria, de tarde não, de noite queria... e assim começô a criar um atrito e pronto! E ela foi enfiano os pés pelas mãos** né? ... começô a pertubá... a jogá uns contra os outros... e foi então quando ela voltou e a gente já não aceitô e aí óos falamos assim prá ela...(...)... ou ela mudaria no sentido de trabalhá e... com o grupo... ou então agente ia chamá a comunidade de novo e vamo falá tudo pra ela. É a comunidade é quem vai decidi se ôce fica ou não na direção dos trabalhos. E assim foi feito. Passamos prá todo mundo o que tava aconteceno, inclusive o uso indevido da Entidade, né, o dinheiro*(da festa junina que ela havia tomado emprestado da AMCA)[174], *ou seja, usando em proveito próprio. Inclusive ela dispensô a arborização do bairro, dizendo que a comunidade num queria, mas aí como a Secretaria achô estranho procurô entrá em contato conosco por outras vias; porque nós já estáva perdeno... o projeto da* (arborização) *que a gente tava fazendo desde a gestão passada. Pra nós da comunidade a gente num sabia* (que a Lourdes havia dispensado o projeto) *pra eles lá da secretaria ela havia dispendado... Quando nós descobrimos isso a gente foi atrás né?... Esse projeto a gente resgatô... as árvores, a maioria de "Santa Bárbara",*[175] *que tem na periferia do Conjunto hoje tão bonitas... é fruto disso. Depois com isso tivemos a certeza de que ela tava travano o nosso trabalho, o nosso crescimento, enquanto comunidade,... e isso foi passado prá comunidade, numa assembléia, falamos tudo o que aconteceu. Aí, o que deu? A comunidade não quis mais ela, num aceitô mesmo!... e* (risos!) *aí foi aquele quebra-pau danado, ela* (Lourdes) *num aceitô de jeito nenhum... me parece, num recordo bem, que na mesma assembléia fizemos a votação, e caçamos o mandato dela... foi feito o "impeachemant" dela...* (risos!)."[176]

---

[174] Ata dos dias 07/01/86 e 19/01/86, livro 01, Centro Comunitário Alvorada.
[175] Árvores frondosas.

O desabafo da moradora Suzilei, dá uma amostra do que foi o conflito "*Lourdes*" no Alvorada. Ao que tudo indica, havia uma compreensão entre os demais membros da diretoria em descentralizar o *"poder"*, centrado na figura solitária da Presidenta. Este *"poder"*, feria a disposição dos diretores em realizar um trabalho em conjunto. Questionavam também, a irresponsabilidade do uso indevido da Entidade que deveria estar voltada para as necessidades da comunidade, cuidando para que as decisões tiradas em Assembléia fossem cumpridas.

Achamos importante descrever alguns trechos das Atas que se referem ao conflito, no sentido de propiciar uma maior compreensão do mesmo:

> *"...A reunião foi aberta pelo presidente em exercício Sr. Anoel que colocou os assuntos a discutir. Primeiramente a arborização, cujo projeto foi demonstrado à assembléia. O projeto consta da arborização das laterais do conjunto onde nas áreas mais vagas serão plantadas árvores frutíferas. Foi esclarecido que estando o projeto em atraso por motivos de falta de comunicação entre a presidente Lourdes e demais membros, o projeto deverá ser implantado o mais rápido possível. Então terá que ser decidido hoje o dia preferido para a plantação das árvores..."*[177]
> *E ainda "... Esta é a terceira reunião que a diretoria faz e a presidente não compareceu..."*[178]

Continuando o problema:

> *"Ata da diretoria dos moradores ainda presentes José Maria e Lopes da Ação Social. No dia sete do um do oitenta e seis iniciou-se às oito horas e quarenta minutos a reunião que ainda como a anterior, haverá esclarecimentos entre presidente e membros (...)... o problema é o seguinte: após a reunião anterior algumas folhas com abaixo assinados que pedem a demissão da até então presidente Maria de Lourdes (...) a Lourdes relata que já está afastada da diretoria a dois meses e que poderia já ter se demitido. Havia uma reunião*

---

[176] Suzilei Ferreira Duarte, entrevista citada.
[177] Ata 18-12-85 AMCA, Livro 01, Centro Comunitário Alvorada.
[178] Ata 26-12-85 AMCA, Livro 01, Centro Comunitário Alvorada.

marcada para ontem que foi suspendida pelo motivo desse equívoco que está acontecendo com a diretoria. A Efigênia esclareceu que as pessoas não sabem se a Lourdes é ou não presidente da Associação (...) ficou marcado para quinta-feira um acerto de caixa entre Lourdes e o Tesoureiro Ademar juntamente com o sr. Anoel. Ficou marcado para quinta-feira às 08:00 horas quando a Lourdes entregará a carta de demissão..."[179]

"No dia 09/01/86 (nove de janeiro de hum mil e novecentos e oitenta e seis) às 08:35 (oito horas e trinta e cinco minutos) *a reunião na qual a ex-presidente entregaria sua carta de demissão e ainda se esclarecerá a respeito do 'bloquetes'. A reunião foi aberta com a leitura da ata anterior, e como a ex-presidente não compareceu com sua documentação para a respectiva demissão, fomos direto ao bloquete..."*[180]

"... Aos dezoito dias do mês de janeiro às nove horas teve início a reunião cujo assunto em pauta seria a resolução do caso Lourdes. A mesma se relata que marcou uma reunião com a diretoria para marcar uma assembléia para domingo às 4 hs (quatro horas). *O sr Anoel diz que "não haverá assembléia e nem qualquer outro dia digo tipo de reunião para resolver o caso Lourdes, porque ele não participará mais de reunião para resolver isso. A reunião se tulmutuou. Um fala, o outro fala junto, ora todos falam junto, não deu prá entender nada. Um acusa, outro defende. No fim ficou decidido que haverá uma assembléia geral cujo assunto único será a decisão do caso Lourdes às 4 horas de Domingo (dia 19 de janeiro).*[181]

"... Aos dezesseis dias do mês de janeiro de oitenta e seis teve início às 04:30 a reunião cujo assunto seria a decisão do caso Lourdes fica ou saí. A reunião foi aberta pelo presidente sr. Anoel que passou a palavra para a Lourdes. A Lourdes relatou que não se demitirá da presidência ...(...)... Depois a palavra foi passada para o Ademar que esclareceu o ponto de vista da diretoria, caso a Lourdes fique a diretoria se demite. Ficou decidido que passará para a votação se a Lourdes fica ou saí. A seguir as assinaturas da votação..."[182]

---

[179] Ata 07-01-86, Livro 01, Centro Comunitário Alvorada.
[180] Ata 09-01-86, Livro 01, Centro Comunitário Alvorada.
[181] Ata 18-01-86, Livro 01, Centro Comunitário Alvorada.
[182] IDEM.

No final das assinaturas a própria Maria de Lourdes escreve:

> "... *Por decisão da assembléia neste momento...* (o que se vê a seguir é uma tentativa de rasura e destruição de parte da folha) *demissão... participarei de reunião ou seja qualquer movimento no bairro. O qual só não passarei toda a documentação para a diretoria. Assinado...* " (segue a auto-assinatura) "*Maria de Lourdes Rodrigues. Presidente – Presidente – Uberlândia 19 de janeiro de 1986.*" *Obs. A ex-presidente não entregou a documentação estando devendo ainda* (a quantia de) *$126.000,00 para a associação e diz que só paga na delegacia.*"[183]

Apesar de todo o desgaste causado pelo "*Conflito Lourdes*", as discussões não terminaram por aí. Lourdes realmente cumpriu a sua ameaça de levar a diretoria para a delegacia. Sem dúvida nenhuma, este período foi muitíssimo conturbado, causando uma desarticulação da AMCA com a sua base. Esse embate extrapolou o Alvorada, fomentou a imprensa, angariou adeptos de todos os lados.

Para Suzilei, as conseqüências desse conflito recaiu diretamente sobre o bairro. Deduz que o mesmo não tenha se dado inocentemente, deixando implícito nele outros objetivos; como por exemplo, o de minar o trabalho comunitário que estava fluindo no Conjunto Alvorada:

> "... *Isso tudo deu polícia, deu processo... foi um inferno e um tremendo desgaste na comunidade. O trabalho* (comunitário) *parou com isso tudo, né, e acho até que cumpriu o objetivo de quem queria desarticular a comunidade, travô o andamento de tudo, discrençô o povo; agente já tinha conseguido muitas reivindicações importantes, né, e em pouco tempo. Nós tínhamos envolvido bastante a comunidade... que tava carente de recursos... ela conseguiu parte do seu objetivo e com o crescimento que agente havia conseguido... né...? logo a gente viu ela envolvida com o Leonídio B[illegible]s... Irany, o Irany Gonçalves foi o advogado*

[183] Ata 19-01-86, Livro 01. Centro [illegible]nitário Alvorada. Ver: Panfleto em anexo *(inpeachemant)* de Lourdes e divulgado no

> *dela...*(risos) *mas que só atiçava e num assumia nada no Fórum e na delegacia... é... o Misack Lacerda do Programa "Balancê" e depois veio o tal do Batista Pereira e assim por diante. Então quer dizê... aquele tanto de gente lá de baixo* (da cidade) *que tava cum ela... tava conseguino desarticular a comunidade...*[184]

Destarte, a despeito de toda a desarticulação dos moradores causada pelo desentendimento descrito e suas conseqüências, a AMs foi orientada para convocar outra eleição, ou seja, de antecede-la na tentativa talvez de sanar estes equívocos. E assim foi feito. Convocou-se novas eleições para o dia 13/04/86.

Segundo a Ata do dia 06/04/86, que antecedeu à eleição, houveram inscrições de 02 chapas: Chapa Real encabeçada pelo Sr. Celso Viana para presidente e o Sr. Ademar seria vice-presidente; a Chapa Haley, trazia como presidente Maria de Lourdes Rodrigues, tendo como vice-presidente o Sr. Ademir Pereira Mendonça.[185]

Podemos perceber que esta eleição suscitou grandes expectativas, uma delas era saber qual seria a resposta dos moradores frente aos conflitos, e em que medida os mesmos foram assimilados por eles. O comparecimento dos eleitores "*balizaram*" por fim o trabalho comunitário. Apesar do desgaste, 411 eleitores\moradores compareceram às urnas. A vitória foi da "*Chapa Real*" com 321 votos.

Segundo as fontes documentais principalmente as Atas da AMCA e o panfleto intitulado "*Comunicado*", o "*conflito Lourdes*" arrastou-se por mais de quatro anos - finais de 1985 / início de 1989 - (Em Anexo) , isto é, se considerarmos apenas o seu aspecto cronológico. De acordo com Suzilei, caracterizou-se como sendo um período difícil, trazendo em si um desgaste muito grande para a comunidade, incluindo algumas possíveis perdas no sentido reivindicatório já citado anteriormente; e para a algumas pessoas dirigentes da

---

[184] Suzilei Ferreira Duarte, entrevista citada.
[185] Ata 06-04-86 AMCA, Livro 01, Centro Comunitário Alvorada.

AMCA, trouxe o desagradável envolvimento com a polícia, o Juiz, que aparentemente destoa do trabalho comunitário. No entanto, esta área cinzenta (ou negativa...) acabou por trazer, no nosso entendimento, um outro lado da moeda, a positividade. Não no sentido de justificar o ato em si, mas no afã de recuperar um aprendizado em cima disso tudo, principalmente no enfrentamento com a justiça.

Para esclarecer o que falamos, tomaremos como exemplo o próprio depoimento de Suzilei quando lembra o acontecido: *"... isso tudo deu polícia, deu processo ... foi um inferno..."*[186]

O fato de algumas pessoas se verem às voltas, com a polícia exigiu no mínimo uma resposta, apoiada na lei, acompanhado de advogado no envolvimento das figuras principais do acusado e do acusador, "*obrigou*" ao mesmo tempo, que alguém se responsabilizasse por tais atos ou conseqüências; que, no caso, recaiu necessariamente sobre as pessoas da diretoria. Por ser algo não muito agradável, poderia correr o risco de "*ficarem sozinhos com o abacaxi nas mãos*". Assim, o que verificamos é que se deu ao contrário. Estes membros da diretoria contaram com o "*grupo de apoio*", formado por moradores, que lhes deram sustentação quando da construção da "*Chapa FORTE*", anteriormente citados, acabando assim por formar um grande grupo,[187] empenhado em resolver esta questão. Segundo Bernardete:

> *"... Quando a gente tinha alguma coisa muito polêmica, nós passávamos a noite discutino ... passava dias; fazia as reuniões e agente continuava a discutir e só parava na maioria das vezes quando chegava num consenso. Era incrível como a gente tinha necessidade de falá... de buscá... solução...*[188]

---

[186] Suzilei Ferreira Duarte, entrevista citada.

[187] Famílias do: Sr. Anoel com a esposa Ezina (tia Elza) e filhos; William Farias Arantes e sua esposa Bernardete e seus três filhos; Nisio Silvestre dos Reis, sua esposa Maucia e filhos; Ademar Pereira Duarte, sua esposa Suzilei e filha; Celso Viana, sua esposa Valéria e filhos; José Lopes de Abreu, sua esposa Analda e filhos; Silas, sua esposa Fátima e filhos; Fátima Brito e filhos; Pedro Reis; Néria Claudino; Benedito Vieira; Luismar Oliveira; Efigênia Dilma; Marilda "da creche"; Silvino, sua esposa Raimunde e filhas; Vilma Tavares. De acordo com a pesquisa estas pessoas foram persistentes no acompanhamento dos processos judiciários.

As "*discussões noite a dentro*", no momento do conflito, foram recheadas de termos, até então novos para muitos de nós, envolvendo leis, segurança. Fomos pegos de surpresa, com a obrigatoriedade do "Edital de Eleição" que desconhecíamos, da necessidade de se escrever uma Ata registrando tudo e obedecendo os termos corretos e ainda ocupando os espaços em branco para que não houvesse interferências. Aliados a "*estas informações*" estaria também a obrigatoriedade da Ata ser lida e assinada por todos os presentes. Todos esses "*cuidados*" deveriam ser tomados para que a devida Ata tivesse reconhecimento Jurídico. Este aprendizado poderá ser facilmente comprovado mediante um olhar comparativo entre os livros de Ata, de número 01 (que teve o seu encerramento devido ao conflito) e livro número 02 posterior. Descobrimos por essas vias o direito de resposta no mesmo jornal, a chamada retratação..., enfim, uma série de detalhes passaram a ocupar a nossa mente.

Diante das dificuldades relatadas, cremos que manter esta união neste momento só foi possível, mediante a existência de uma prática anterior de discussões prolongadas, em momentos diferentes, revelados por Bernardete:

> *"... Eu lembro um dia que nós passamos muito tempo... horas, noite discutino... pro Ademar dar resposta no outro dia se agente aceitava ou não a proposta do PMDB de dar tantos caminhões de areia... e outras coisas mais prá construção do Centro Comunitário... e em troca disso... teria o nosso apoio na campanha dele... Apesar de ser algo que nós mais queria é... acabá a construção do Centro Comunitário... agente disse "não"; pensávamos assim estar garantino a nossa autonomia ...(...). Ele* (Ademar) *como líder, sofreu demais da conta...* (risos!) *na unha desse povo* (candidatos). *Era um desgaste emocional muito grande, mais ao mesmo tempo fazia a gente feliz... aproximava a gente... criava amizade e respeito em sabê que ninguém* (de nós) *aceitô o Ademar ir de casa em casa no Alvorada, apresentando os tais...* (candidatos) *e assim foram vários embates... Não se deixou curvar".*[189]

---

[188] Bernardete Maria dos Santos Arantes, entrevista citada.
[189] IDEM.

Além deste grupo de pessoas ter "*segurado as pontas*", observamos que a vinda do "*Projeto Circo*",[190] em finais de 86, mostrou-se altamente benéfico neste momento de contradições visíveis ,pois, segundo as avaliações da equipe engajada no projeto, "*conseguiu levar moradores de todos as idades para dentro do circo*", assim como o Clube de Mães, a AMCA e outros grupos (grupos de jovens Styll Young, grupo de jovens Star, que se dedicavam à produção de shows musicais, danças), seja para cursos profissionalizantes, seja para palestras, teatros, shows, desfiles de moda, gincanas, avaliações. Ao mesmo tempo, proporcionou trocas de experiências, conhecimento, oportunidade de conhecer novas pessoas e de fazer novas amizades.

O "*Projeto Circo*" foi visto por Valéria como sendo "***muito bão para os moradores***":

> "*(...) Eu lembro que a gente trabalhô muito em cima disso ai* (Projeto Circo) ... *muitos cursos na época. Foi a primeira e única vez qu'ele teve aqui, né? A presença dele aqui foi muito bão para os moradores. Eu me lembro que na época todo mundo gostava (...) tanto criança, jovem, adulto, idoso, todo mundo gostô. Tinha coisa prá cada um fazê. Tinha curso, tinha tudo. Tinha diversão no final de semana, tinha disfili de modas, tinha muitas coisas boa, principalmente os bailes, né...?*[191]

As avaliações semanais do trabalho "*circense,*" normalmente foram gravadas e transcritas por funcionários da Secretaria de Cultura. Através delas, podemos verificar também o envolvimento da Escola Estadual Lourdes de Carvalho, que traz na fala da "*Supervisora da escola do bairro*" o seguinte

---

[190] Projeto Circo – Foi viabilizado pela Secretaria da Cultura visando cumprir meta do governo Zaire Rezende (82/88) que se dizia comprometido com a " *valorização do ser humano*" enquanto "*objeto e sujeito do desenvolvimento social*" REZENDE, Zaire "A prática da Democracia Participativa em Uberlândia/MG". In : Democracia feita em casa. Coordenação de Publicações, Câmara dos Deputados. "O Projeto circo se caracterizou por ser itinerante, permanecendo nos bairros por 03 meses. Trazia em si a proposta de ***"descobrir os valores culturais do bairro"***. Trabalhava em equipe composta por funcionários da Secretaria da Cultura e com as organizações existentes no bairro, e moradores. No Conjunto Alvorada a sua permanência se deu nos finais de 1986.

[191] Valéria Chegury Viana, moradora do Alvorada "II". Esteve ausente do bairro por alguns

depoimento:

> *"Como funcionária da escola do bairro, como membro do corpo docente da escola, o que a gente observou com as palestras que foram realizadas aqui. com os teatros, com as danças (...) e a gente que fez um trabalho diário com adolescente na escola, e que tem muita vivência de anos de sala de aula e de escola (...) nós observamos que o nosso aluno, que antes falava muito sobre sexo (...) de uma forma errada ou, às vezes, quando a gente chegava para a escola só tinha rodinha nas esquinas, e era um papo assim que a gente via que não era bem pro adolescente que a gente queria formá aqui (...). quando o Projeto Circo chegou até o Alvorada, a gente participou da abertura das palestras e, depois a delegada não liberou que a gente suspendesse as aulas todas as palestras; a gente mandou então representantes dos alunos prá acompanhar pelo menos os temas discutidos e reforçar mais na escola. O assunto do jovem mudou. Na escola eles discutiam desfile, o teatro que ia ter, a dança do domingo, os cursos que estavam fazendo, os jogos, a parte esportiva que o circo desenvolveu, a parte cultural (...) e a gente percebeu que o assunto deles mudou (...). É preciso que isso não acabe. Nós devemos comunidade/escola e a Associação, que fez um trabalho maravilhoso, junto com a equipe da cultura e da prefeitura, que continuasse (...) não por essa lona ter ido embora (...), mas que aqui na sede da Associação, continuasse os trabalhos, continuasse a desenvolver e a descobrir o que essa juventude tem dentro de si pra dar (...).*[192]

Ao propormos trabalhar com a memória/história dos moradores do Conjunto Alvorada, não podemos deixar de tecer comentários sobre o "*Movimento de Consciência e Prática Política (MCPP)*", cuja idéia principal nasceu na discussão da pouca participação dos moradores, na dinâmica da AMCA, assim explicitadas por Cristovam:

---

anos, retornou a pouco tempo.

[192] Fala da "Supervisora da Escola do bairro", na reunião de avaliação do "*Projeto Circo*" , Bairro Alvorada, Secretaria de Cultura, p.p. 11-12.

> *"(...) A idéia principal era a necessidade de trazê pra comunidade (...) é fazê com que a comunidade participasse do processo político, da consciência, da prática e política. A gente sabia que a comunidade de certa forma já tinha uma certa consciência política, mas esta consciência ainda táva de certa forma latente, e a idéia era colocá isso* (a discussão da consciência, prática e política) *de uma forma que a coisa explodisse prá que todo mundo viesse realmente consolidá essa questão da consciência política no Alvorada (...). Era um sonho muito grande, né? (...) Aí então passô alguns meses (...)* [pensando] *num foi assim uma coisa da noite pro dia que surgiu. E aí a gente já tava mais familiarizado com a idéia do que que a gente queria. E a proposta básica o quê que era? Era convidá a comunidade a participá (...) principalmente aquelas pessoas que de certa forma já tinha o interesse (...) né? A coisa era como uma gota d'água, ela deveria ir crescendo em ondas (...) né e ir pegano aquelas pessoas mais interessadas e daí fazeno convite e uns convidando os outros (...) a idéia era atingir realmente de uma forma global o bairro (...). Quais era os assuntos básicos que nóis precisava discutir? (...) Nós temos que discutir é: saúde, educação, segurança... todos os problemas que o país tem, temos no Estado, temos no município, então é também problema do bairro".*[193]

O MCPP entendia que o "*bairro*" estava inserido num contexto maior, por isso, mesmo os "*problemas*" detectados no local não era uma questão só dos moradores, pertenciam a uma esfera maior. Havendo, portanto, uma necessidade de conhecer bem as suas *"possíveis origens"*, de buscar as *"suas causas"*. Desta forma, manifestavam aparentemente uma certa compreensão de que esses "*problemas*" estivessem calcados numa *"questão política"*, ou seja, relacionados também com a escolha do candidato e do acompanhamento do seu trabalho por parte do eleitor. Conforme relata Bernardete:

> *"(...) Na discussão do momento, entendemos que não bastava a gente votá pro fulano e num companhá depois (...) então fizemos a proposta de conhecermos vários candidatos, e um dos candidatos foi o Gilmar Machado, prá colocar prá nós o que ele tava fazeno e o que estávamos precisando (...) ou*

[193] Cristovam Geraldo Duarte, entrevista citada.

> *seja, acompanhá palmo a palmo a vida do cara* [candidato] *(...). Foi assim que nasceu o MCPP. A gente enchia o Centro Comunitário, convidava um político e fazia debate; veio o Zaire, o Geraldo Rezende, o Odelmo..., até o Procurador da União esteve aqui [sic]. Também num era o Homero Santos não (...) foi antes dele. Veio também a assessoria da União [sic] que eu não me recordo (...). Qual era o nome dele? [pausa]. A comunidade comparecia e a gente discutia as questões inerentes aquele fulano, àquele político e tal (...)"*[194].

Dentro das discussões proposta pelo MCPP, a saúde ganhou um destaque, ou seja, desembocou num trabalho concreto possível de ser verificado na fala de Cristovam:

> *" (...) Aí, falou: vamos começar então pelo problema da saúde (...) só que a gente precisava de acessoria em cima disso, né? (...) A gente não tinha conhecimento necessário prá desenvolver todo esse trabalho. Foi aonde a gente convidou a Dr.ª Leila Bittar*[195]*, né (...)? Que foi uma das primeiras pessoas a trabalhar conosco nesta questão da saúde. Só que (...) o que que acontece? Uma coisa vai puchando a outra; e desencadeou juntamente a esse processo que a gente vinha discutindo na saúde, coincidiu com o fato da (...) de que seria feito a 9ª Conferência Nacional de Saúde*[196] *e (...) ia ser mais uma conferência que ia passar batido (...) ia ser feito assim a grosso modo pela elite da cidade e ninguém ia ficar sabendo de nada (...) Aí nosso trabalho tendenciou para esse lado da 9ª Conferência. Reunimos nessa época 24 bairros (ver anexos) e criamos o SOS Saúde. E desse SOS Saúde nós intimamos a Prefeitura que se ela não fizesse a Conferência (...) nós* [do SOS Saúde] *a faríamos (...). E resultado: a Prefeitura ficou acuada e foram espertos falou: 'não! Nós podemos sim. (...) Eu me lembro que nós fizemos a Conferência paralela* [a Pré-Conferência Municipal] *no Hotel Presidente (...) né (...) e*

---

[194] Bernardete Maria dos Santos Arantes, entrevista citada.
[195] Leila Bittar Mooukachar Ramos, docente de "Medicina Social" da Universidade Federal de Uberlândia.
[196] Cf. "SOS Saúde servirá como fórum para novos debates", **Correio do Triângulo**, Uberlândia, 03/agosto/1991.

> *contou com a participação de muita gente ligada à saúde. (...) Esteve lá aquela turma toda e a Bernardete (...) a Leila e eu. Convidamos muitos médicos (...) o pessoal ligado à saúde, as outras associações, foram 24 bairros na época (...) que nos apoiaram e que fizeram parte desse movimento do SOS Saúde e tiraram um nome prá representá na Conferência* [Municipal] *propriamente dita. (...) Como representante dos usuários de Uberlândia".*[197]

A discussão sobre saúde promovida pelo MCPP, aqui no Alvorada ganhou adeptos e *"criou asas"* como fundante do "SOS Saúde". Este movimento específico percebeu a *"morosidade"* do poder público em convocar a "*Conferência Municipal da Saúde"* e de certa forma pressionou a Prefeitura para realizá-la. Este evento foi a "*I Conferência Municipal de Uberlândia*". Ainda no sentido de garantir a presença de diferentes representantes nesta Conferência Municipal, o movimento realizou uma *"Pré-Conferência"*, denominada por eles como sendo *"Conferência Paralela"*. (Em Anexo)

No sentido de clarificar a ação do "*SOS Saúde*" em Uberlândia que mediante a fala de Cristovam, desaguou na realização da "*Conferência Municipal da Saúde*," achamos pertinente fazermos algumas colocações mesmo breves, sobre a história da saúde.

Segundo Carvalho, a história das políticas (públicas) de saúde no Brasil, ficou conhecida ao longo dos últimos cinqüenta anos por vários nomes: INPS, INAMPS, SUDS.[198] Hoje a atenção à saúde, pelo setor público, se dá através do SUS (Sistema Único de Saúde), significando para alguns, uma "*conquista*" da sociedade brasileira, pois a Constituição de 1988 coloca o cidadão com todo direito à saúde.[199] As leis 8080 e 8142 de 1990[200] determinaram as

---

[197] Cristovam Geraldo Duarte, entrevista citada.

[198] CARVALHO, Antonio Ivo de. **Conselhos de Saúde no Brasil**, Rio de Janeiro, FASE/IBAM, 1995, Dissertação de Mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1994.

[199] Cf. Artigo 168 da Constituição Brasileira de 1988.

[200] Estas leis estão ancoradas nos artigos 196, 197, e 198 da **Constituição Brasileira** de 1988, seção II; Da saúde.

regras para a implantação do SUS em todo território nacional, entendido como uma rede de serviços regionalizados e hierarquizados (do mais simples para o mais complexo), além da descentralização (mais próximos dos municípios e consequentemente dos indivíduos).

De acordo com a análise do autor, todo o processo de construção do SUS foi apoiado pelas Conferências de Saúde em nível Nacional, Estadual e Municipal. As leis que o sustentam são entendidas como *"frutos das discussões ocorridas nestes eventos"*, sendo o mais importante deles a "*VIII Conferência Nacional de Saúde*" de 1986 que praticamente "*deu*" as normas para a criação do SUS na Constituição de 1988. Segundo Carvalho, "*A VIII Conferência foi um evento duplamente inédito. Inédito na história das políticas de saúde porque não se tem notícia de que o Poder Executivo brasileiro tenha jamais convocado a sociedade civil organizada para debater políticas ou programas de governo, menos ainda no estágio ou momento de sua formulação, na escala em que o fez naquele momento. Todas as sete Conferências de saúde anteriores pautaram-se por um caráter eminentemente técnico e pela baixíssima representatividade social, marcada pela participação praticamente restrita a gestores e técnicos governamentais.*[201]

Em Uberlândia especificamente, o SUS possibilitou integrar a Secretaria Municipal da Saúde à Universidade Federal de Uberlândia, estabelecendo uma parceria com a *"Fundação Maçônica Manoel dos Santos"*, *"visando"* um comprometimento com a saúde dos seus cidadãos através da municipalização.

Para isso a cidade foi dividida, em cinco distritos sanitários (norte, sul, leste, oeste e centro), seguindo os princípios da descentralização, na tentativa de aproximar os usuários dos serviços de saúde mais próximos de suas casas. Os Conselhos de Saúde Distritais e Municipais *"colocam"* o usuário junto aos prestadores de saúde e profissionais, buscando fazer disso uma ação voltada para

---

[201] CARVALHO, Antonio Ivo de. **Conselhos de Saúde no Brasil**, Rio de Janeiro: FASE/IBAM, 1995, Dissertação de Mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação

as reais necessidades da população.

Em Uberlândia realizou-se nos dias 11, 12 e 13 de novembro de 1999 a "*3ª Conferência Municipal*" e as chamadas *"Pré-conferências"* se deram no início de novembro, nas suas respectivas zonas distritais.[202]

Entendemos sinceramente que o MCPP representou até certo ponto, um dos momentos atípicos na trajetória da AMCA, até porque, superou concretamente o caráter reivindicatório que lhe gerou. Ao mesmo tempo, é preciso deixar claro que apesar do MCPP ter sido fomentado no seu tempo próprio, claro que partilhamos a idéia do mesmo ter sido resultante de um processo de busca, de experiência, de erros e acertos destes moradores, como descreve Cristovam:

> *" ... Bom, então o quê que acontece, se o povo (os moradores) num vinha nóis ia até eles, com o sistema tradicional que o pessoal já usava a questão dos panfletos; usamos muito o panfleto, sempre damos continuidade e, uma opinião que eu tenho (...) eu acredito e isso é fácil de provar junto a outros bairros, que o bairro Alvorada é um dos bairros mais politizados de Uberlândia, sabe? (...) E isso se dá porque se tem a continuidade do trabalho (...). O bairro Alvorada ele tem dado muita sorte, e neste sentido a população do bairro tem ganhado porque as diretorias das Associação que é o órgão gestor de opinião é que vai criar todo esse trabalho junto a comunidade, tem dado prosseguimento. Nós pegamos um trabalho que vinha desde lá de trás; continuamos e hoje (...) duas gestões depois do meu mandato (...) eu fico feliz em vê que o pessoal está dando continuidade ao trabalho, sabe? (...) Isso é muito bom pro Alvorada (...). As vezes até o pessoal me perguntava porque que o Alvorada tem esta característica de luta (...) e até falo (...) engraçado o Alvorada tem de fato esta característica..."*[203]

Por isso mesmo, alimentamos a crença de que o extrapolamento do trabalho comunitário, desenvolvido no Alvorada esteja inserido na

---

Oswaldo Cruz, 1994. p. 53.

[202] Informações colhidas no Centro de Saúde Alvorada.

[203] Cristovam G Duarte, entrevista citada.

"*continuidade*" das propostas, relatado por Cristovam, onde existiu uma busca de conhecimento tanto dentro do próprio bairro, como por exemplo o "*Projeto Circo*" já citado anteriormente como fora do conjunto. Neste sentido, podemos falar da intensa procura da AMCA a outras instituições tais como: UFU, SESI, SENAC...,[204] (Em Anexo) participações e realizações de seminários tanto por partidos políticos como por sindicatos, enfim, tudo isso veio lentamente engrossar o aprendizado ora para umas pessoas, ora para outras.

Da mesma forma, não podemos deixar de citar que este aprendizado foi muitas vezes repartido, amealhado em sólidas discussões levadas pelo "*grupão*" assim expresso pelo Sr. Anoel:

> "*Realmente ficô muita amizade, um grupo que até hoje tem muita amizade; a gente reunia direto*". Ao que se pode acrescentar a fala de Bernardete: "*agora nessa discussão de noite adentro nós num discutia num era só coisas do bairro não... o interessante é que nós juntava as famílias (...) a gente fazia uma terapia de grupo familiar...*"[205]

Recordamos ainda, que nestes "*encontros*", dividíamos o cafezinho quentinho na casa da Efigênia, a galinhada tarde da noite na casa da Analda do senhor José, o biscoito de polvilho frito na casa da Bernardete, a sopa quentinha do Nisio, a pamonha na casa do senhor Anoel, o pão de queijo na casa da Suzelei, da Fátima,do Silvino, da Marilda da creche, da Valéria. Dos recitais de violão erudito que o William fazia para nós, valendo ressaltar que muitas conversas, a partir daí, fluíram sobre música erudita e popular. Dos bate papos com os amigos, militante do Partido Comunista (PCB) Terezinha, Tomé, Nilza, Zé Maria[206], Estécio, nos inteiramos acerca do vinha a ser o Capitalismo e o

---

[204] Administração de Cursos, como por exemplo, o projeto "Experiência e Perspectivas do Bairro Alvorada"; GRECO. João Francisco Natal, CALVO, Célia Rocha. AMEIDA, Paulo Roberto. In.: **Cadernos de História**, LEAH/UFU, ano 3, n°3, jan/dez, 1992, p. 89. Na inauguração do Centro Comunitário Alvorada houve um envolvimento importante com o Departamento de Música através da Professora Edimar Ferreti entre outros. - SENAC/SESI Cf. "Moradores ganham diplomas", **Correio do Triângulo**, agosto, 1993.

[205] Anoel José Alves, entrevista citada.

[206] Jose Maria Toledo, já falecido.

Socialismo. Dos momentos agradáveis, em que ouvíamos a Dona Olívia Calábria[207], que muitas vezes sentou-se nas *"nossas cozinhas"* e pacientemente nos contou a sua história de vida como mulher e como simpatizante da esquerda. De tantos Natais que passamos juntos causando "*ciúmes*" nas nossas famílias *"lá da cidade"*. Das nossas simulações de enfrentamento com o poder público que consistia num ensaio prévio dramatizando o momento; dos forrós realizados na praça cujo sanfoneiro muitas vezes foi o Vanderlam e sua banda; e assim, penso que, a fala da Bernardete resume as nossas recordações:

> *" (...) é tanta coisa que aconteceu (...) e era tão bão, mas a gente acaba se perdendo nelas. (...) Acho que as pessoas não sabem o tanto que é rico, o tanto que é bão (...) a gente participá dessas coisas de dentro do bairro; acho que ajuda a gente a não ficá doido* (risos) *ajuda a gente a ajudar os outros e a si mesmo. Conhece muita gente (...) melhora a cultura porque aumenta os conhecimentos (...).*[208]

Para finalizarmos o nosso trabalho, vale a pena denunciar que as últimas conquistas: o trevo (na BR 452) com o seu paisagismo e iluminação, juntamente com a ligação do Conjunto Alvorada ao centro urbano, via avenida Segismundo Pereira, toda essa luta da AMCA, foi *silenciada* pelo poder público. Isto é, aproveitando o desejo dos moradores em ver tudo isto construído, o vereador Antonio Carrijo tornou-se um eloquente mediador e autor destes projetos. Uma vez realizados, o vereador e então Secretário de Serviços Urbanos, foi de casa em casa cumprimentando pessoalmente os moradores pelo "*sucesso*" dos projetos. Ao mesmo tempo que estendia sua mão para cumprimentá-los, oferecia-lhes um panfleto cujos méritos eram apenas dele e da Prefeitura Municipal, ou seja, desmerecendo toda a luta dos moradores:

> *"Você pediu e a Prefeitura atendeu.*
> *A Prefeitura Municipal de Uberlândia, através da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, vem comunicar aos*

---

[207] Ver RODRIGUES, Jane de F Silva. - **Perfis Femininos: simbologia e representação na sociedade uberlandense: 1920 - 1958**, Tese de Doutorado, USP, 1995.
[208] Bernardete Maria dos Santos Arantes, entrevista citada.

> *moradores e usuários da avenida Segismundo Pereira* (ligação dos bairros Santa Mônica, Alvorada e Morumbi) *que brevemente iniciará a execução das obras de implantação de rede de energia elétrica e iluminação pública, melhoria pleiteada pelos amigos destes bairros".*[209]

Hoje, o trevo *"do Alvorada"* está bonito e disciplinado, no qual, motoristas que chegam em Uberlândia ou que saem, seguem contornando as suas respectivas mãos, concomitantemente, os motoristas que se dirigem aos bairros Alvorada, Morumbi e Santa Mônica, tem as suas preferências. A ala central do trevo é destinada aos pedestres oferecendo-lhes uma determinada margem de segurança.

No entanto, o transeunte menos desavizado ao passar por ali, jamais vai saber que naquele local vidas foram ceifados, outras mutiladas, marcadas. O verde da grama, o colorido das flores, as folhas dos coqueiros brilhando ao sol, ao serem beijadas pelas gotículas de água oriunda do moderno sistema de irrigação ali instalado, aliados às placas comemorativas, compõem por fim, uma paisagem no mínimo intrigante. Ao mesmo tempo que prende a atenção, se auto incumbe de silenciar a luta travada entre moradores e poder público por mais de uma década.

Assim sendo, podemos mais uma vez refletir sobre o papel da História Oral, no sentido, de propiciar aos sujeitos sociais o resgate das suas lutas, fazer fluir os seus avanços e recuos, os seus medos, as suas sensibilidades, frustrações e vitórias; assim como desvendar os seus significados frente ao que lhe é imposto. Desta forma, acreditamos ser possível dismitificar a *"História Oficial"*, descrita nas placas comemorativas, mostrando ao mesmo tempo que a História é feita por todos os homens, independente de sexo, etnia, idade, raça... e não por alguns seres privilegiados pelo poder.[210]

---

[209] Documento assinado por Virgílio Galassi (Prefeito Municipal) e por Antonio Carrijo (Secretário de Serviços Urbanos).

[210] MONTENEGRO, Antonio Torres, op. cit., p. 27; VIEIRA, M. P. A., PEIXOTO, M. R. C., KHOURY, Y. M. A., op. cit., p. 17.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, podemos perceber um dinamismo singular no dia-a-dia destes moradores, trazendo consigo uma efervescência de idéias, de movimentos, onde algumas se concretizaram, outras não.

Por isso mesmo, essa pluralidade na tecitura do trabalho acabou por nos limitar na sua descrição. Alguns movimentos estão colocados e debatidos no corpo do trabalho, ao passo que outros foram apenas mencionados, e, certamente tantas outros não foram nem citados como por exemplo: *a campanha do lixo, o grêmio recreativo, os representantes de quarteirões, a paralisação do ônibus coletivo (feita principalmente pelas mulheres que recebiam naquele momento o ticket do leite), a inauguração do Centro Comunitário Alvorada, a tentativa de se formar o conselho local de saúde...* e assim por diante.

Obviamente, não tivemos a pretensão de *"silenciá-las"* ou que talvez não tenham sido vistas como *"importantes"*, muito pelo contrário. Pensamos que a existência de todas elas é que constituíram uma singularidade na trajetória da AMCA. No entanto, face ao exposto, tivemos a dura tarefa de selecioná-las visando alcançar o objetivo proposto, sem contudo esvaziar a riqueza de idéias presentes no imaginário dos moradores entrevistados e na atuação da Entidade que os representam.

Adentrar neste *"imaginário"* dos entrevistados, tornou-se para nós uma experiência por demais interessante, à medida que foram re-alimentando a nossa expectativa de resgate do cotidiano dos protagonistas desta história.

Muito podemos extrair delas, inclusive a proposta de um *"Alvorada melhor"*, traduzidos para nós em algumas falas, como por exemplo: o *"...sonho de um Alvorada sem drogas, contemplado com um atendimento de saúde dignos de seus moradores"*. Enquanto que Glória propõe:

> *"uma reintegração dos moradores (re)inventando a união dos mesmo para se jogar um bingo, semelhante a uma família..."* nutrindo também a esperança de ver o *"Alvorada encontrar-se com a cidade"*.[211]

[211] Maria Glória de Moura, entrevista citada.

O Sr. Aoel compartilha com Glória o sonho da *(re)união*, que:

> *"a gente precisa voltá àquelas reuniões, né? (...) Até hoje a gente tem muita amizade (...) e sente muita falta disso, né? Por mais amizade que tem parece que o espaço, o tempo foi diminuindo (...). Gostaria que voltasse (o tempo) prá gente jogá um truco (...) comê uma galinhada, dançá, né?"*[212]

O senhor Moacir acha que tem *"que ter uma mudança no país"* e que cada um de nós é responsável por isso:

> *" (...) se cada um de nós fizesse a parte que nos cabe fazer, não estaria num país pobre não! Um país que produz de tudo e tem de tudo (...) e eu não tenho o que comer? Isso não é democracia não minha amiga! Isso aí é uma piada. Acho que enquanto nóis fica aí é enchendo lingüiça aí com carne dos outros (...) isso aí num vai em lugar nenhum não (...). Eu acho que nós temos que ter uma mudança".*[213]

Cristovam vê uma *"latência"* presente na comunidade do Alvorada. Não acredita que o MCPP morreu. A (re)discussão do MCPP seria uma alternativa de crescimento. É só uma questão de recomeçar pois:

> *"o Alvorada está latente politicamente pelo que a gente percebeu e as novas lideranças? Esse tanto de jovens que tem no Alvorada hoje, é claro como um e mais um é dois que tem lideranças né? E essa formação de consciência é muito importante (...) tá precisando às vezes de um empurrão(...)"*[214]

Talvez possamos concordar com a "latência" apercebida por Cristovam quando no decorrer da pesquisa nos deparamos com o *"FUTURO –*

---

212 Anoel José Alves, entrevista citada.
213 Moacir Soares Silva, entrevista citada.
214 Cristovam Geraldo Duarte, entrevista concedida.

Pré-vestibular Alternativo"[215]. Os professores do *"cursinho"* são jovens universitários, voluntários que acreditam poder ajudar outros jovens a entrar na Universidade. Coincidência ou não os coordenadores[216] residem no Alvorada, na sua maioria são filhos de ex-presidentes da AMCA.

Esta ação dos *"nossos"* meninos é visto por Valéria como fruto do trabalho comunitário desenvolvido pelos seus pais no bairro:

> *"...Isso eu atribuo a nós mesmos, a nossa luta, porque eles participaram muito da nossa luta no bairro. A gente num tinha com quem deixa (...) tinha que levá. Eles passavam o tempo todo escutando aqui né? As brigas, o embate e tudo mais(...) Eu achei muito bonito eles mesmo enxergá que o bairro precisava disso ai (...) num perguntaram prá ninguém. (...) Eles estão estudando, né e ensinando e aprendendo".*[217]

Mediante o exposto podemos pensar que o *"cursinho"* surgiu como uma nova forma do pensar coletivo possível no bairro, diante dos desgastes dos movimentos sociais que imersos nas suas complexidades já não se revelam mais os mesmos, não conseguindo sensibilizar os seus seguidores.

Pensamos que uma das eficácias do trabalho comunitário desenvolvido no Conjunto Alvorada esteja na possibilidade de formação de atitudes, estabelecendo uma cumplicidade, criando laços de solidariedade, mudando os hábitos e ao mesmo tempo propiciando uma consciência no indivíduo quanto ao seu papel na sociedade. O que nos traduz a fala da Suzilei:

> *"a Associação foi o primeiro veículo que me tirô de dentro de casa (...). Fiz muitos cursos (...) eu cresci (...). hoje eu trabalho fora (de casa)"*[218]

---

[215] Como o próprio nome indica é um curso preparatório para o vestibular, sem custos mensais constando apenas de uma contribuição mínima em dinheiro para a elaboração do material a ser usando: apostilas, giz... Funcionam nas dependências da Escola Estadual Lourdes de Carvalho (bairro Alvorada). Conta neste segundo semestre de 1999 com 60 alunos. Suas atividades irão completar um ano.

[216] Anderson (medicina), Felipe (engenharia elétrica), Manoel (engenharia elétrica), Franklin (administração), Cristiano (veterinária), Alex (engenharia elétrica), Adriano (que deseja ingressar nos cursos de História) Graciano (música)...

[217] Valéria Chegury Viana, entrevista citada.

[218] Suzilei Ferreira Duarte, entrevista concedida.

Nos acrescenta ainda mais quando nos relata *"que as palestras"* sobre o mundo feminino a despertou para um outro tipo e leitura sobre a adolescência, sobre psicologia. Despertando-a para esse lado da submissão da mulher dentro e fora do lar. Com orgulho ela sustenta: *"hoje eu sou independente"*.

As pesquisas nos revelam *"muito anseio"* por parte dos entrevistados no que tange à necessidade de *"se fazer alguma coisa"* denunciando concomitantemente que existe um terreno polemizado, fecundo a espera deste trabalho, assim como delineou propostas tais como o combate às drogas; as necessidades urgentes de uma integração com a escola, de se criar algo que envolva os jovens, as crianças, os idosos. Por incrível que pareça a distância e o isolamento que tanto marcou a luta deste moradores é apontado agora como um fator predisponente de um trabalho voltado para um *"tornar-se família."*.

Esperamos sinceramente ter contribuído para o debate da história como processo, onde todos os homens mulheres, crianças, jovens e idosos estejam de fato inseridos.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. - **História Oral: a experiência do CPDOC**, Rio de Janeiro, FGV, 1989.

ALEM, João Marcos – "Representações coletivas e História política de Uberlândia, In: **Revista História & Perspectiva**, n.º 4, janeiro/junho, 1991, p.p. 79 - 102.

ALVARENGA, Nízia M. **As Associações de Moradores em Uberlândia: um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade**, Dissertação de Mestrado,PUC, São Paulo, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. - **A Cultura Popular na Idade Média e o Renascimento**, HUCITEC, São Paulo, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 2ª edição, São Paulo, EDUSP, 1987.

BOTTOMORE, Tom – **Dicionário do Pensamento Marxista**, Jorge Fahar Editor, Rio de Janeiro,1993.

BURKE, Peter. - **A escrita da História: novas perspectivas** (org.), UNESP, São Paulo, 1992.

CARVALHO, Antonio Ivo de. **Conselhos de Saúde no Brasil**, Rio de Janeiro, FASE/IBAM, 1995, Dissertação de Mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1994.

CASTRO, Sandra . "Apogeu e Crise do Populismo (1945 –1964)" In.: SADER, Eder e outros, **Movimento Operário Brasileiro 1900/1979**, Belo Horizonte, Vega, 1980, p.p. 52-81.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**, Rio de Janeiro, Vozes, 1974.

Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

DANTAS, Sandra Mara - **Uberlândia – Terra Fértil para novas semeaduras:**

a experiência da Democracia Participativa (1983 – 1988), Monografia, UFU, Dezembro, 1996.

FENELON, Dea R. - "O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo?" In.: **Revista História & Perspectiva**, n° 06, UFU, 1992. p.p. 05 - 25.

_____ - "Trabalho, Cultura e História Social: perspectivas de investigação" In.: **História e Historiografia: contribuição ao debate**, São Paulo, PUC, 1984.

GRECO. João Francisco Natal, CALVO, Célia Rocha. AMEIDA, Paulo Roberto, - "Experiência e Perspectivas do Bairro Alvorada" In.: **Cadernos de História,** ano 3, n° 03, jan./dez, LEAH/ UFU,1992.

HALBWACS, Maurice. - **A Memória Coletiva**, São Paulo, Vertice, 1990.

HALL, Michael M. - História Oral: os perigos da inocência In: **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**, São Paulo.

LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA (MG), junho,1990.

MACHADO, Maria Clara T. - **A disciplinarização da Pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada – (Uberlândia – 1965 – 1980),** Tese de mestrado, USP, 1990.

_____ - "Cultura Popular - em busca de um referencial conceitual" In.: **Cadernos de História**, Uberlândia, jan./dez., vol. 5, 1994.

_____ - "História Oral: uma co-produção responsável" In.: **Revista Espaço Feminino**, Uberlândia, UFU, vol. 3, n° 3, 2° semestre de 1996.

MENDONÇA, Sônia Regina de. – "Dez Anos de Economia Brasileira, História, e Historiografia" (1954-1964) In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 14, n° 27, 1994 p. 87-97.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**, São Paulo: Contexto, 1992.

MOREIRA, Helvécio Domingos – **Formação e desenvolvimento dos bairro periféricos em Uberlândia**, Monografia, UFU, 1991.

NORA, Pierre - Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In.: **Projeto História**, São Paulo, dezembro, 1993.

PERROT, Michele. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

PEZZUTI, Pedro. **Município de Uberabinha: história, administração, finanças e economia** (1922), Officinas Livraria Kosmos, (xerox).

PLANO DIRETOR DE UBERLÂNDIA 1991- 2006, Prefeitura Municipal de Uberlândia, Secretaria de Planejamento.

POLLAK, Michael - "Memória, Esquecimento, Silêncio" In.: **Estudos Históricos**, CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, n°3, 1989.

PORTELLI, Alessandro - "O Que Faz a História Oral Diferente" In.: **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC, n° 14, fevereiro, 1997.

RÉBÉRIOX, Madeleene - "Lugares da Memória Operária" In.: **O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania**, São Paulo, DPH, 1992.

REZENDE, Zaire. "A prática da Democracia Participativa em Uberlândia/MG" In: **Democracia feita em casa**, Coordenações de Publicações, Câmara dos Deputados, Brasília, 1984.

RODRIGUES, Jane de Fátima. "Nas Sendas do Progresso: trabalho e disciplina - Uberlândia, um percurso histórico". In: **Cadernos de história Especial**. vol. 4, n° 4, janeiro, 1993.

RODRIGUES, Jane de Fátima. - **Trabalho, Ordem e Progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviço 1924 – 1964**,Tese de Mestrado, USP, 1989.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena.: experiências falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo - 1970/1980**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

SAMUEL, Raphael - "Documentação, História Local e História Oral" In.: **Revista Brasileira de História**, vol. 9, n° 19, set/89 - fev./90.

SOARES, Beatriz Ribeiro – **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**, Dissertação de Mestrado, USP, 1988.

SOIHET, Raquel – "Enfoques Feministas e a História: desafios e perspectivas", In: ASMARA, Eni de Mesquita (et alli), **Gênero em debate**, São Paulo, EDUC, 1997.

SOIHET, Raquel. "Enfoques Feministas e a História: desafios e perspectivas" Apud SAMARA, Eni de Mesquita, In.: **Gênero em Debate**, São Paulo, EDUC, 1997, p.p. 55 - 82.

SOUZA, João Carlos, **Na luta por habitação a construção de novos valores**, EDUC, São Paulo, 1995.

THOMPSON, E. P. - **A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser),** Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

_____ - **A formação da Classe Operária Inglesa**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, vol. II, 2ª edição, 1987.

_____ - **Senhores e caçadores: a origem da lei negra (1924)**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Paul – **1935 A Voz do Passado: história oral**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TUCHMAN, Bárbara. **A Prática da História**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, KHOURY, Iara Maria Aun, **A Pesquisa em História,** Ática, 2ª edição, PUC, São Paulo.

WILLIAMS, Raymond. - Marxismo e Literatura, Zahar editores, Rio de Janeiro, 1979.

REVISTAS

REVISTA VEJA, 18/nov./1987,Editora Abril, n.º 1002, p.p. 66 - 73.

REVISTA VIDA INDUSTRIAL, vol. 42, n.º 7, Belo Horizonte, FIEMG, julho, 1991.

GUIA TURÍTICO UBERLÂNDIA PORTAL DO CERRADO, Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1995.

CARTILHA "MEDICINA ALTERNATIVA: PLANTAS QUE CURAM" - Alunos da Escola Estadual Lourdes de Carvalho; Conjunto Alvorada, Uberlândia (MG), Projeto de ação integrada/UFU, Bairro Alvorada, Ipanema, Pacaembu, 1994.

JORNAIS

CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, Minas Gerais, 1980 - 1995.

PRIMEIRA HORA, Uberlândia, Minas Gerais, dezembro de 1983 à 1989.

O TRIÂNGULO, Uberlândia, Minas Gerais , 1985 - 1989.

O MUNICÍPIO, Uberlândia, Minas Gerais, 1980 - 1995.

PARTICIPAÇÃO, Uberlândia, Minas Gerais, 1983 - 1989.

ATAS

Atas da Associação de Moradores do Conjunto Alvorada a partir de 1982 a 1995.

ENTREVISTADOS

Ademar Pereira Duarte, casado, 1 filha, marceneiro, 1° Grau incompleto, natural de Goiás, morador do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1999.

Anoel José Alves, 63 anos, casado, motorista, 3 filhos, nível escolar elementar, natural de São Paulo, morador do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

Antonia Joana de Jesus, 52 anos, viúva, aposentada, 3 filhos, natural de Pernambuco, moradora do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1999.

Antonia Nicodemos da Silva Teixeira, casada, 2 filhos, 1° Grau incompleto, natural de Indianópolis (MG), moradora do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

Bernardete Maria dos Santos Arantes, 47 anos, casada, Técnica em Enfermagem, funcionária Publica, 3 filhos, moradora do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1999.

Cristovam Geraldo Duarte, desquitado, 3° Grau incompleto (licenciatura em Física/UFU), ex-funcionário da Construtora Centro Oeste (aposentado por problemas de saúde), ex-morador do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

Efigênia Dilma de Oliveira Santos, viúva, cozinheira, 2 filhos, natural de Paranaiguara (GO), moradora do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1999.

Elbiana Delfino de Souza - 23 anos, solteira, moradora do Conjunto Alvorada, acadêmica do curso de Geografia/UFU, funcionária pública municipal. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

Luzia Lucas Pereira, 65 anos, casada, funcionária pública municipal aposentada, moradora do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

Maria de Lourdes Dias Farias, 47 anos, casada, dona de casa, 3 filhos, 2° Grau incompleto, natural de Goiania (GO), moradora do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

Maria Glória de Moura, 44 anos, casada, 2 filhos, natural de Monte Alegre (MG), moradora do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1999.

Maria Helena Caixeta - 48 anos, desquitada, costureira, 5 filhos, 4ª série primária, moradora do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

Maria Terezinha Carrara Lelis, ex-coordenadora do programa de implantação de creches comunitárias e das unidades de atendimento ao menor da Secretaria do Trabalho e Ação Social - gestão Zaire Rezende (1982 - 1988).

Moacir Soares Silva, 43 anos, casado, marceneiro, 3 filhos, 1° Grau completo, morador do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

Nísio Silvestre dos Reis, casado, 3 filhos, auxiliar de enfermagem/UFU, natural de Belo Horizonte (MG), morador do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

Olivia Lima dos Santos, casada, 3 filhos, funcionária pública municipal, natural de São Paulo, moradora do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

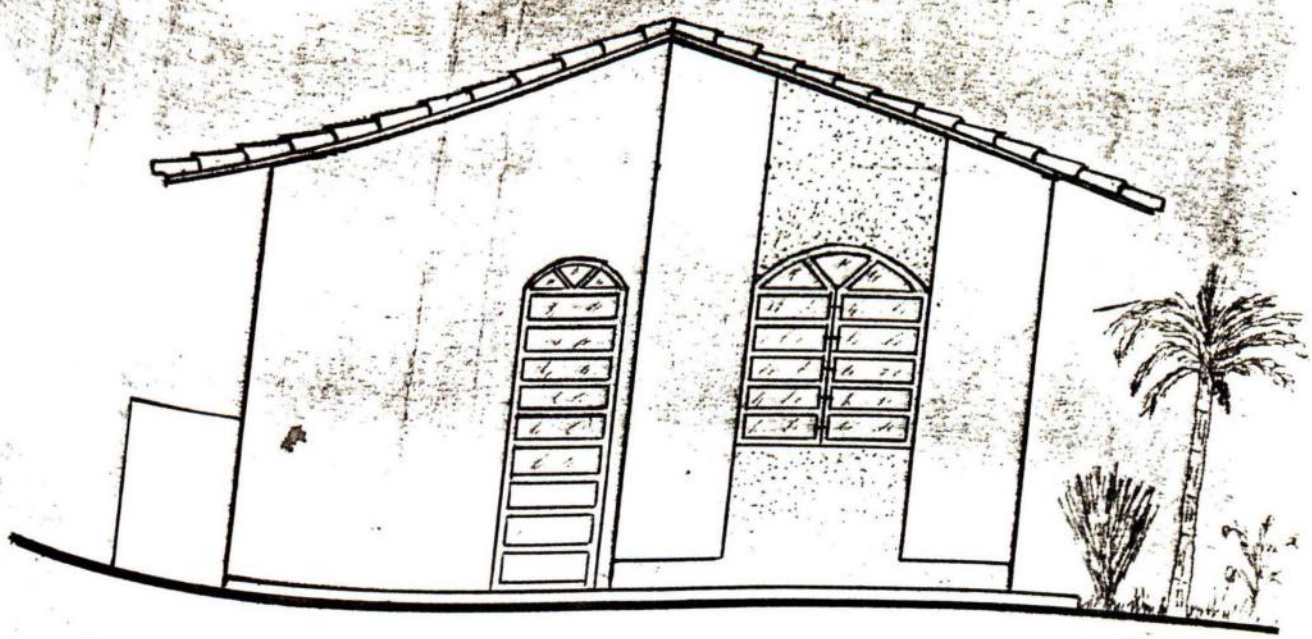
Rodolfo Martins Melo, casado, vendedor ambulante, 1 filha, natural de São Paulo, morador do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1996.

Suzilei Ferreira Duarte, 47 anos, casada, vendedora de folheados, 1° Grau incompleto, 1 filha, moradora do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1999.

Valéria Aparecida Gheguri Viana, casada, 3 filhos, 2° Grau, manicure, moradora do Conjunto Alvorada. Entrevista concedida no 2° semestre de 1999.

ANEXOS

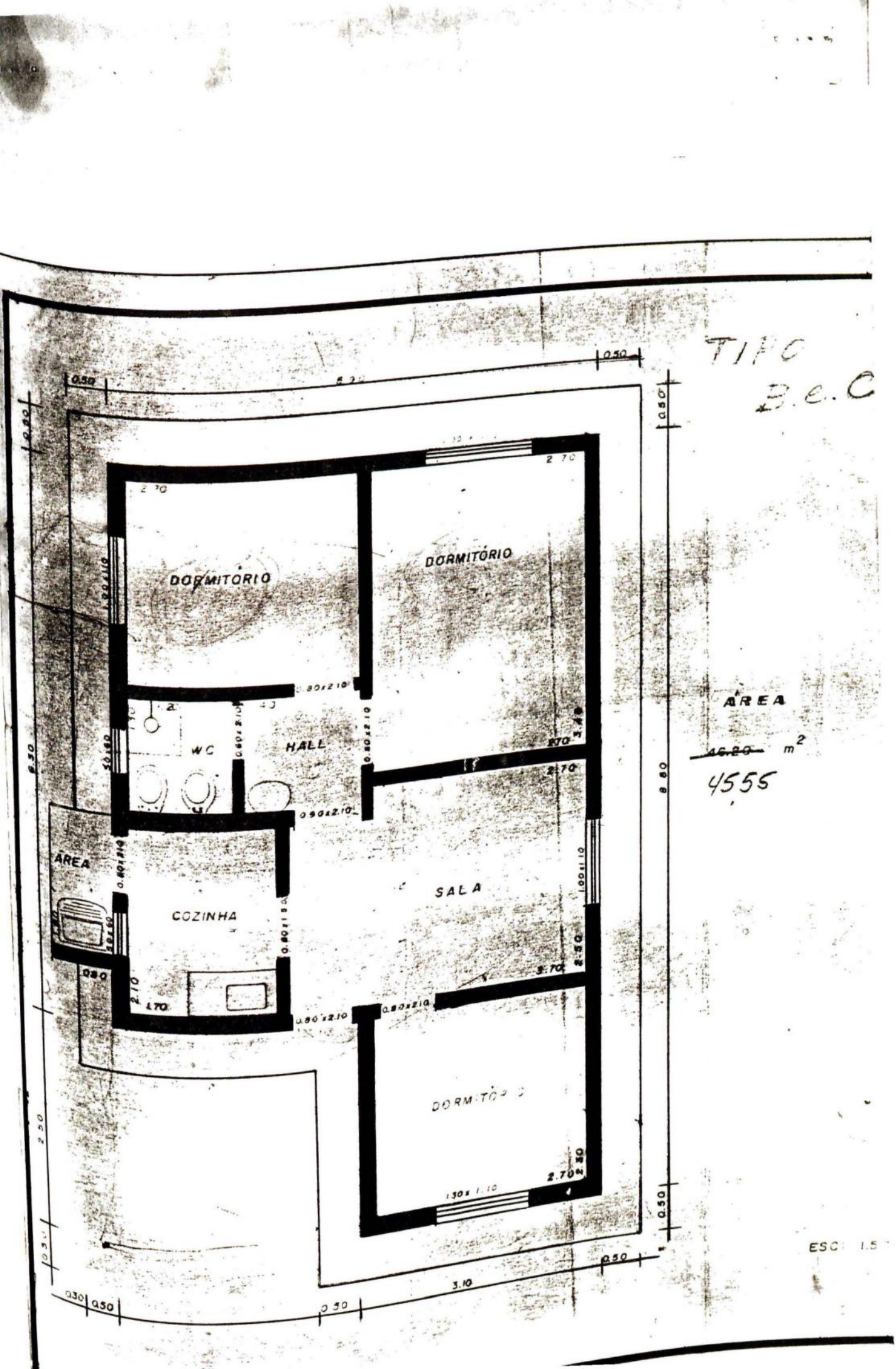
CAPÍTULO II

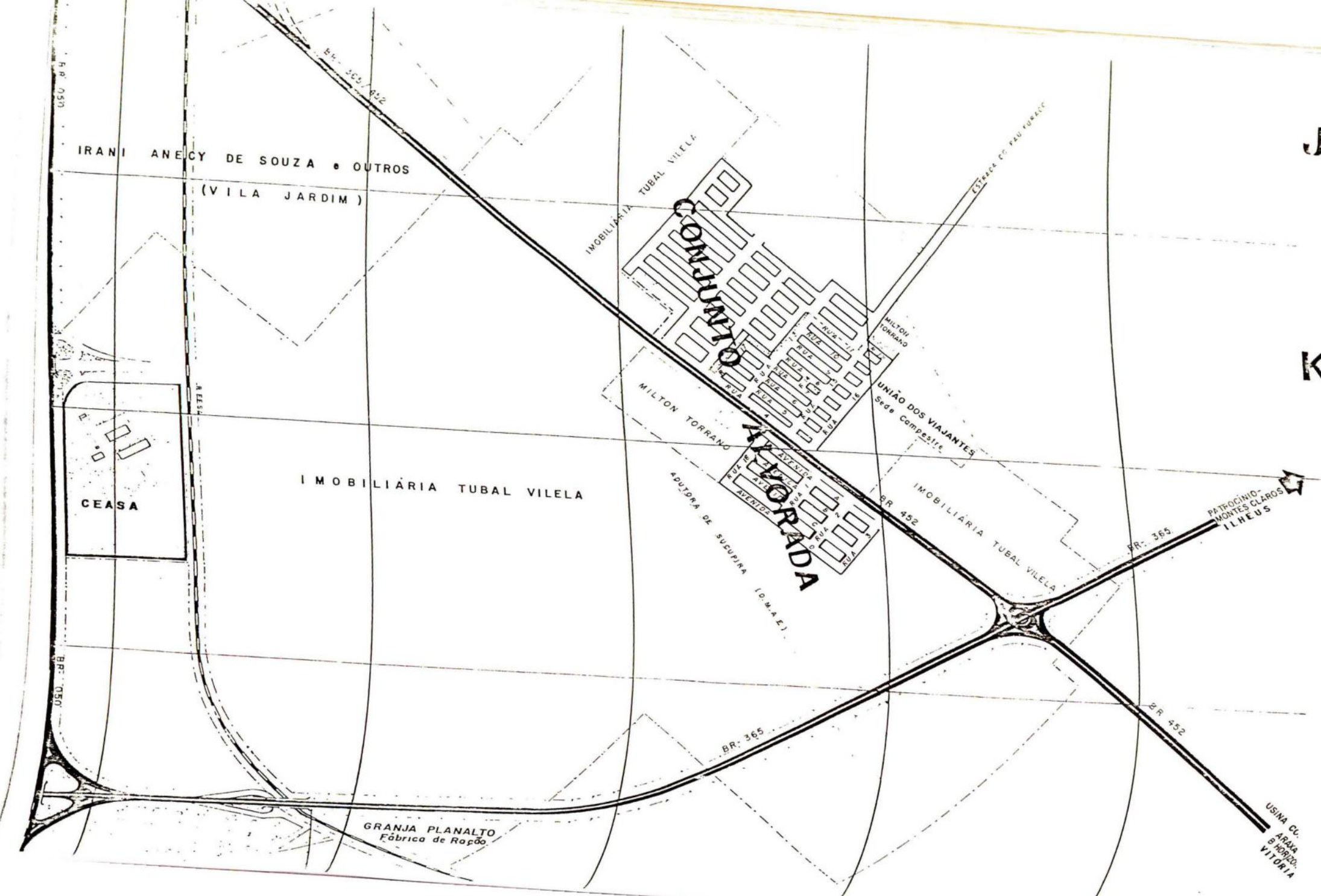


FACHADA

JACOUF

Quadra 12
Lote nº 22


TIPO
B.e.C
DORMITÓRIO
DORMITÓRIO
WC
HALL
SALA
COZINHA
ÁREA
DORMITÓRIO
2.70
0.80x2.10
0.90x2.10
0.60x2.10
0.50x0.80
0.80x1.50
1.00x1.10
1.30x1.10
ÁREA
46.80 m²
4555
ESC 1:5
0.50
0.30
3.10
2.50
8.80


IRANI ANECY DE SOUZA e OUTROS
(VILA JARDIM)
IMOBILIÁRIA TUBAL VILELA
CONJUNTO
ATAÚLFO ALVORADA
MILTON TORRANO
UNIÃO DOS VIAJANTES
Sede Campestre
IMOBILIÁRIA TUBAL VILELA
CEASA
IMOBILIÁRIA TUBAL VILELA
APUTORA DE SUCUPIRA (I.N.A.E.)
BR 452
BR 365
PATROCÍNIO-MONTES CLAROS
ILHEUS
BR 452
BR 365
BR 050
GRANJA PLANALTO
Fábrica de Ração
BR 452
USINA CO...
ARAXÁ
BELO HORIZO...
VITÓRIA

NOSSO LAR
CONSTRUTORA E IMOBILIARIA NASCIMENTO LTDA.
C.G.C.M.F. 19.927.961/0001-74
Rua Ivaldo Alves do Nascimento, 1055 - Fone, 235-3832
Bairro Operário — Uberlândia - Minas Gerais

Recebemos o 2º pagamento referente a 5.113.76 Janeiro

RECIBO Nº 497

Recebemos do Sr(a): Ademar Pereira Duarte, residente à Rua/Av.: R. Ivaldo A. Nasc. nº 1360 Bairro — em Uberlândia, CPF: — Doc. Ident. —, a importancia supra de Cr$ 531360 (—)

Conj. Resid. Alvorada 2ª

Por ser verdade firmamos o presente recibo de acordo com a lei.

Uberlândia(mg) 11 de Março de 1980

Construtora e Imobiliaria Nascimento Ltda.

NOSSO LAR
CONSTRUTORA E IMOBILIARIA NASCIMENTO LTDA.
C.G.C.M.F. 19.927.961/0001-74
Rua Ivaldo Alves do Nascimento, 1055 - Fone, 235-3832
Bairro Operário — Uberlândia - Minas Gerais

RECIBO Nº 333

Valor Cr$: 5.000,00

Recebemos do Sr(a): Ademar Pereira Duarte, residente à Rua/Av.: R. Ivaldo A. Nascimento nº 1360 Bairro Brasil em Uberlândia, CPF: Doc. Ident., a importancia supra de Cr$ 5.000,00 (Cinco mil cruzeiros)

Conj. Residencial Alvorada 2º

Por ser verdade firmamos o presente recibo de acordo com a lei.

Uberlândia(mg) 28 de Janeiro de 1980

Construtora e Imobiliaria Nascimento Ltda.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Vencimento em 25 de janeiro de 1980

Nº [redacted] Cr$ 5.000,00

A [redacted]

pagará por esta única via de Nota Promissória

a [redacted] C.P.F. C.G.C. Nº [redacted]

ou a sua ordem a quantia de [redacted] em moeda corrente deste país

Pagável em [redacted] de [redacted] de 19 .

Emitente: Adelmar Pereira Duarte

Endereço: R. Ibraldo A. Nascimento, 1360 Adelmar Pereira Duarte

C.P.F. C.G.C. Nº [redacted]

Cód. 10.061

Contra Recibo Nº 337 Jelson

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Vencimento em 25 de fevereiro de 19 80

Nº [redacted] Cr$ 5.312,60

A [redacted]

pagará por esta única via de Nota Promissória

a [redacted] C.P.F. C.G.C. Nº [redacted]

ou a sua ordem a quantia de Cinco mil, trezentos e treze cruzeiros e sessenta centavos em moeda corrente deste país

Pagável em [redacted] de [redacted] de 19 .

Emitente: Adelmar Pereira Duarte

Endereço: R. Ibraldo A. Nascimento, 1360 Adelmar Pereira Duarte

C.P.F. C.G.C. Nº [redacted]

Cód. 10.061

Recibo 497 Jelson

Vdia, 3 DE Setembro DE 1981

O Snr. Adenor Pereira Duarte

RUA R. Waldo Alves do Norte Nº 1360

INSCR. _____ C.G.C. _____

Deposito para
despesa financeira
decorrente com
Alvorada II - 70000
"Final"

CONSTRUTORA E IMOBILIARIA NASCIMENTO LTDA.

Luiz Pinto de Medeiros
SÓCIO GERENTE

TOTAL 70000

Vdia 4 DE Maio DE 1981

O Snr. Adenor Pereira Duarte

RUA Waldo R. Norte Nº 1360

INSCR. _____ C.G.C. _____

Deposito para
despesa financeira
decorrente com
Alvorada II 50000

CONSTRUTORA E IMOBILIARIA NASCIMENTO LTDA.

Luiz Pinto de Medeiros
SÓCIO GERENTE

TOTAL 50000

CAPÍTULO III

CARTÓRIO DE REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
Oficial
WILMA MARQUEZ BORGES
Oficial Substituto
WANDA MARQUEZ FONTES
UBERLÂNDIA - MINAS GERAIS

EXTRATO DO ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO CONJUNTO ALVORADA

DOS OBJETOS - Art. 1º

A associações dos Moradores do Conjunto Alvorada, fundada em 25 de setembro de 1982, em Uberlândia, onde tem sede e foro, é uma sociedade civil de caráter não econômico e lucrativo, e duração indeterminada, que tem por finalidade trabalhar pelo desenvolvimento e bem estar social do Conjunto Alvorada e adjascências, em colaboração com outras entidades e com o povo em geral bem como proporcionar aos associados apoio socio cultural, econômico e assistencial, dentro de suas possibilidades.

DOS SÓCIOS - Art. 2º

Poderão fazer parte do quadro social todas as pessoas fisicas, de idoneidade moral que desejarem, sem distinção de raça, crença religiosa, profissão ou posição partidária colaborar com as realizações da Associações dos Moradores do Conjunto Alvorada, observados os dispositivos legais vigentes.

DA ADMINISTRAÇÃO GERAL - Art. 3º

Para sua administração e direção, a Associação contará com os seguintes orgãos: a) Assembléia Geral, b) Diretoria, c) Conselho Fiscal. Parágrafo Único - Todos os cargos de Diretoria e do Conselho Fiscal serão exercidos gratuitamente, salvo deliberação diversa da Assembléia Geral.

cob [illegible] Uberlân.

DA ASSEMBLÉIA GERAL - Art. 4º

A Assembléia Geral é soberana em suas resoluções e compõe-se de todas as categorias de sócios previstos por planos da Diretoria sendo elimitado o número de sócios. A Diretoria poderá estabelecer diversos tipos de contribuição, admitindo-se inclusive categoria que preveja, pra casos especiais, a inscrição e permanência de associados gratuitamente. § 1º - A Assembléia Geral de Constituição se realizará com um número de 12 (doze) associados no mínimo. § 2º - O número legal para realização da Assembléia Geral, ordinária ou extraordinária, será de: a) em primeira convocação, com pelo menos 2/3(dois terços) dos sócios; b) em segunda convocação, decorridos 30(trinta) minutos após a primeira convocação, em qualquer número de sócios regularmente inscritas, na Associação. § 3º - As Assembléia serão convocadas através dos meios de comunicação que melhor façam chegar aos Associados e respectiva convocação.

ART. 5º

Compete à Assembleia Geral: a) reunir-se ordinariamente uma vez por ano para tomar conhecimento da situação da entidade, através de exame do relatório anual do Conselho Fiscal e da aprovação dos atos da Diretoria; b) Reunir-se extraordinariamente sempre que necessário; c) aprovar e reformar este estatuto e elaborar regimento interno ou outras normas de organização; d) eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal; e) autorizar quaisquer atas ou contratos tais como: cessão, doação, compra e venda de interesse da Associação, que envolvem direitos cujo valor for superior a 10

(dez) vezes o valor de salário de referência; f) deliberar sobre os ca sos omissos no Estatuto e normas complementares. Parágrafo Único - A pós as Assembleias, cujos trabalhos de direção serão conduzidos pelo Presidente, será lavrada ata pelo Secretário Geral que após lê-la co lherá as assinaturas dos associados, se a julgarem conforme.

Art. 6º

A investidura dos cargos previstos no art. 7º deste Es tatuto se fará mediante convocação da Assembléia Geral, que se reunirá para realização das eleições. Na Assembléia de fundação promover-se-á a primeira eleição: § 1º - as eleições far-se-ão sempre por voto secre to. § 2º - o mandato da Diretoria é de 1(um) ano, admirindo-se a recon dução.

DA ADMINISTRAÇÃO E FISCALIZAÇÃO - Art. 7º

Os órgãos de Associação têem a seguinte Constituição: a) Presidente; b) Vice-Presidente; c) Secretário Geral; d) 1º Secretário; e) Tesoureiro Geral; f) Tesoureiro; g) orador; h) tantos diretores quan tos forem os departamentos criados, por decisão do Presidente, após a reunião com a maioria simples dos demais membros e aprovação destes, com homologação da Assembléia Geral subsequente; i) Conselho Fiscal, composto de 4(quatro) membros efetivos e 4(quatro) suplentes. Parágra fo Único - Ao Presidente caberá, quando for o caso, o voto de desempate observador o disposto no art. 8º, alínea "b".

Art. 8º

Compete ao Presidente; a) Convocar as Assembléias Gera is e presidi-las; b) convocar e presidir as reuniões da Diretoria, exer cendo o direito de voto apenas em caso de empate; c) praticar todos os atos administrativos da entidade, ressalvada a competência da Assembléia Geral; d) representar a sociedade ativa e passivamente em juízo ou fora dele; e) assinar com o Tesoureiro os cheques, ordens de pagamento e outros documentos de igual natureza; f) fazer executar as finali impostas pela Diretoria; g) assinar com o Secretário Geral, os t los de propriedade, diplomas, carteiras sociais, oficios e outros do cumentos de igual natureza.

Art. 9º

Compete ao Vice-Presidente: a) substituir o Presidente en suas faltas e impedimentos, e prestar toda colaboração ao mesmo; b) exercer as funções temporárias ou permanentes que lhe conferir o Presi dente.

Art. 10º

Compete ao Secretário Geral: a) Substituir o Vice-Presi dente em seus impedimentos; b) ter a seu cargo a Secretaria Geral entidade, conservando em dia o movimento geral constante das atas reuniões da Diretoria e da Assembléia Geral, dos livros de matrículas e compromissos dos sócios, dos registros de ofícios e demais anotações necessárias; c) lavrar e ler atas das reuniões da Diretoria e da Assembléia Geral.

Art. 11º

Compete a 1º Secretário: a) substituir o Secretário- Ge ral em seus impedimentos; b) ter a seu cargo o fichário e arquivo; c) esclarecer sempre aos associados a respeito de seis direitos e deveres

Art. 12º

Compete ao Tesoureiro Geral: a) ter sob sua guarda e responsabilidade os valores e t-itulos de qualquer espécie, pertencen-

tes à Associação; b) pagar as despesas autorizadas pela Diretoria exigi do sempre o recibo em duas vias ou mais, quando necessário; c) apresentar à Diretoria, na primeira reunião de cada mês, o balancete relativo ao mês anterior, para que o mesmo consta da ata dos trabalhos; d) assinar com o Presidente cheques, ordens de pagamento e outros documentos de igual natureza; e) organizar o balanço anual e a demonstração das contas de receitas e despesas; f) conservar em depósito bancário os saldos da Associação, em estabelecimento bancário designado pela Diretoria

Art. 13º

Compete ao 1º Tesoureiro: a) substituir o Tesoureiro Geral em seus impedimentos; b) colaborar com o mesmo no que lhe for atribuído; c) receber as contribuições dos sócios e esclarecer a eles sempre sobre seus direitos e deveres.

Art. 14º

Ao Conselho Fiscal compete: a) examinar documentos e aprovar balancetes elaboradas pela Tesouraria, apresentando à Diretoria Parecer sobre os mesmos; b) examinar a escrituração, contas e relatórios da Diretoria, apresentando sempre o devido parecer; c) requerer à Diretoria convocação imediata de reunião caso ocorram motivos que a justifiquem; d) incorporar-se em renião conjunta com a Diretoria convocada pelo Conselho Fiscal ou pelo Presidente da entidade, sob a presidência deste.

DO PATRIMÔNIO - Art. 15º

O Patrimônio da Associação é ilimitado constituindo-se de: a) contribuição dos sócios; b) subvenção dos poderes políticos e de particulares; c) produto de trabalhos augeridos através de serviços educacionais, festas, promoções sociais, entre outras; d) móveis, utensílios, ferramentas e bens de um modo geral.

Art. 16º

Nenhum bem pertencente à Associação poderá ser hipotecado, doado, contratado ou cedido a qualquer título sem sa manifestação da Assembléia Geral reunida extraordinariamente.

Art. 17º

Os fundos bancários serão depositados em Conta Corrente no estabelecimento a que se refere o art. 12º, aliena "f", sendo os cheques assinados pelo Presidente e Tesoureiro Geral.

DA DISSOLUÇÃO DA ASSOCIAÇÃO - Art. 18º

A Associação não poderá ser dissolvida, emcampada ou incorporada a outra entidade, a não ser por resolução tomada em Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada e com a masioria dos sócios em situação regular perante a entidade, ou seja, 2/3 em primeira convocação e com qualquer número de sócios regulares em segunda convocação.

Art. 19º

Em caso de extinção da entidade, pagas todas as dívidas, o seu patrimônio será destinado a instituição congênere com inscrição e funcionamento regualr.

DISPOSIÇÕES GERAIS - Art. 20º

Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações contraídas pela sociedade.

Art. 21º

O presente Estatuto entra em vigor na data de seu registro que se fará imediatamente após a realização da Asselmbléia que o apro

Estatuto aprovado na Assembléia Geral da Associação no dia 26 de Setembro de 1982. Como nada mais houvesse a ser tratada, o Sr. Presidente, após conceder palavra franca e ninguém dela fizesse uso, deu por encerrada os trabalhos e eu, Norma Cilene Cabral, Secretária Geral, lavrei a presente ata que, lida e achada conforme vai assinada por todos os presentes que aprovam retificando os termos do Estatuto aprovado, dispondo-se a contribuir para a organização da Associação.

Uberlândia, 26 de Setembro de 1982

RODOLFO MARTINS DE MELO
Presidente

MAUCIA VIEIRA DOS REIS
Vice-Presidente

NORMA CILENE CABRAL
Secretária Geral

REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS

Apresentado hoje para registro e apontado sob nº 6143 Protocolo, Livro A nº 06
Registrado no Livro A nº 4 fls 3 a 4
sob nº 1829
Uberlândia, 15 de abril de 19
Oficial

WANDA MARQUES
UBERLÂNDIA - MINAS GERAIS

EXTRATO DA ALTERAÇÃO ESTATUTÁRIA DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO CONJUNTO ALVORADA

Alteração do Estatuto aprovada na Assembléia Geral do dia 05 de dezembro de 1.987 e ratificada pela Assembléia Geral de 09 de julho de 1.988, inclusive, prorrogando o mandato da atual Diretoria até 30 de abril de 1.989:

1º - O artigo 6º passa a ser:

"Artº 6º - A investidura dos cargos previstos no artº 7º deste Estatuto se fará mediante convocação da Assembléia Geral, que se reunirá para realização das eleições. Na Assembléia de fundação promover-se-á a primeira eleição.

§ 1º - As eleições far-se-ão sempre por voto secreto.

§ 2º - O mandato da Diretoria é de 02 (dois) anos, admitindo-se a recondução.

2º - Continuam em vigor as demais estatutárias que foram ratificadas.

Uberlândia, 09 de julho de 1.988

- Ademar Pereira Duarte -
Presidente

Ass. dos Moradores do Conj. Alvorada

Participação

Está formada a nossa Associação com o Estatuto em fase de registro e a primeira Diretoria já em trabalho efetivo.

Precisamos de todos para formar uma efetiva força total de trabalho em prol da solução de nossas dificuldades.

A União faz a força assim como a organização faz isso.

Vamos nós unir, e organizar para conseguirmos tudo que falta do conjunto Alvorada, pois possuimos os mesmos direitos de outros conjuntos, só que a nos esses direitos nos foram esquecidos sua reclamação para a realidade

Inscreva-se e faça parte de uma entidade que só será forte se todos dela fizerem parte.

Nossa sêde provissória está localizada na Rua 11 nº 149, onde agradecemos a visita e colaboração para a luta futura.

Atenciosamente,

Rodolfo Martins de Melo

Presidente

Assoc. de M. do Conjto Alvorada

BLOQUETE

Você está de acordo com o preço do bloquete?

Sr.Morador,

Estamos lembrando a todos os proprietários que o preço que está sendo cobrado pelo bloquete, não é o preço que foi combinado.

Nas reuniões do ano passado, a respeito do calçamento a Prefeitura nos prometeu que:

- O total ficaria entre 450.000.00 (quatrocentos e cinquenta mil) à 650.000.00 (seiscentos e cinquenta mil), a frente simples ou seja 40m². Sabe por que? o cimento estava numa baixa total, e foi nos garantido que o mesmo seria estocado;

- Prometeram também, que todo caso seria discutido, e o pagamento seria de acordo com a nossa situação, e não de acordo com a Lei.

Pedimos a você que pense:

a) ficamos sem rede pluvial;
b) fomos os primeiros a aceitar o calçament
com bloquete).

Continuamos a pedir a você, dono da casa, que entre em contato com a Associação dos Moradores para juntos discutirmos.

Não vá a Prefeitura para fechar contrato:

Por enquanto procure se informar. Voltamos a repetir: maiores informações procure a Diretoria da Associação dos Moradores e a Comissão de Divulgação:

Ilza - Conjunto 3
Davi do Buteco
Marta - Rua 10
Bernardete e Luizmar - frente a praça
Maucia no postinho.

Aguardem reunião. Lembrem-se é importante ficarmos unidos e que não jogue este bilhete fora, ele contém informações que poderão abaixar o preço do calçamento.

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

(35)

INFORMAÇÃO À COMUNIDADE



UBERLÂNDIA, 09 DE Abril DE 1984 Nº 001

CONVITE

O prefeito **ZAIRE REZENDE**, dando cumprimento ao seu **PLANO DE GOVERNO**, convida os moradores dos bairros: Alvorada; Santa Luzia, Santa Rosa e Liberdade e bairros próximos, para o **INÍCIO OFICIAL DAS OBRAS,** dos respectivos Centros de Saúde, conforme o programa a seguir:

– DIA 15.04.84 – DOMINGO –

09:00 – Centro de Saúde do Bairro Alvorada, à Rua 15 com [illegible] 06

10:00 – Centro de Saúde do Bairro Santa Luzia, às Avenidas 07 e 02, com Rua H

11:00 – Centro de Saúde do Bairro Liberdade, à Rua Santa Catarina, com Av. Albertino Rodrigues.

A SAÚDE É UM DIREITO DE TODOS

DEMOCRACIA PARTICIPATIVA
Administração Zaire Rezende

CAPÍTULO IV

Transcrição da fita grava pelos moradores que apoiaram a "Chapa FORTE", usada para divulgação, em carro de som nas eleições da AMCA em 1985.

"Atenção moradores do Conjunto Alvorada contamos com a sua calorosa presença, domingo dia 14, para a eleição da 'Chapa FORTE', a que vai lutar por você.

Eis aqui as nossas metas pelas quais lutaremos: cortar o mato (que margeava a BR); vigilância noturna; conclusão do calçamento; organização e promoção do esporte; integração social através dessas metas.

Amigos, essa Associação (AMCA) é importante para o crescimento, organização e divulgação do nosso Conjunto (Alvorada). Pense FORTE e faça a sua opção para a chapa que realmente você acredita ser capacitada na representação e interseção junto as autoridades municipais para a melhoria de nosso bairro.

Não se esqueçam dia 14 (julho de 1985), domingo, vamos votar para a meljhoria no nosso Conjunto. Por isso, votena Chapa FORTE que é um barato, que, além do calçamento, do policionamento e do esporte, vai cortar o mato." (Fala de Benedito Vieira)

"O Alvorada você tá com sorte
Existe um grupo que quer lutar
Ele é bem grande e se chama FORTE ***}bis***
E está disposto a colaborar. ***}bis***

Vem Alvorada, vem prá votar
Dia 14 você pode escolher
O grupo que você quiser ***(refrão)***
Pro seu bairro melhorar.

O calçamento é a nossa meta
D Alvorada prá completar
Unido a isto vem o nosso esporte ***}bis***
Que é só a FORTE, que vai lutar. ***}bis***

Na união do I, II, III e IV
Tudo faremos para ajudar
O povo unido jamais vencido }***bis***
É nisto que temos que acreditar." }***bis***

Letra composta e cantada pelo grupo de apoio com o acompanhamento do Sr. Armando (sanfona) e Sr. William (violão).

- A V I S O -

A ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO CONUNTO ALVORADA, desta cidade, por sua Diretoria, vem a público esclarecer aos moradores do Conjunto que lhe empresta nome e ao povo em geral que:

01- CONFORME Assembléia realizada pelos moradores do CONJUNTO ALVORADA, a 9 (nove) de janeiro de 1986, foi a cidadã de nome MARIA DE LOURDES RODRIGUES, brasileira, presumivelmente casada, do lar, residente e domiciliada nesta cidade, na Rua 12, nº 19, no mesmo CONJUNTO, D E M I T I D A das funções do cargo de PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO CONJUNTO ALVORADA, constando o fato de Ata lavrada às fls. 60/61, do Livro próprio;

02- PARA o cargo antes ocupado pela DEMITIDA foi eleito o Senhor ANOEL JOSÉ ALVES que, imediatamente, tomou posse, passando a exercer as funções, respondendo pela ASSOCIAÇÃO ativa e passivamente, em juízo e fora dele;

03- A ENTREGA do livro de Atas; chave do Centro Comunitário e Estatutos da ASSOCIAÇÃO e que se encontravam em poder da DEMITIDA foram devolvidos pela mesma na presença de autoridades municipais, na Secretaria Municipal do Trabalho, a 12 (doze) de fevereiro de 1.986, estando o documento respectivo devidamente arquivado;

04- ASSIM, a partir de 9 (nove) de janeiro de 1.986, a cidadã MARIA DE LOURDES RODRIGUES não mais responde por qualquer ato em nome da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES, ficando sem nenhum efeito qualquer ato praticado a partir daquela data;

05- COM a finalidade de coibir os agora praticados pela DEMITIDA, tais como: destruição, adulteração, [illegible] são de documentos e atas praticados contra a ASSOCIAÇÃO DE MORADORES e, ainda, apropriação indébita de valores e bens a ela pertencentes, já foram [illegible] das medidas policiais cabíveis (abertura de Inquérito Policial), com desdobramento judicial contra a DEMITIDA, que teima, ainda, em se passar por membro da DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO;

05 ASSIM, para chegar ao conhecimento de todos os moradores do CONJUNTO ALVORADA e do povo em geral e em especial às autoridades civis, militares e policiais, se fez necessária a presente comunicação, ficando, ainda, esclarecido que não tem nenhum valor ou efeito legal a esdrúxula CONVOCAÇÃO feita a 28 (vinte e oito) de fevereiro de 1.986 e publicada através do Jornal local "PRIMEIRA HORA", por anônimos e desconhecidos para uma Assembléia Geral Extraordinária de eleição de nova Diretoria da Associação de Moradores, vez que referida CONVOCAÇÃO não tem suporte legal por não ter sido feita por quem de direito, ou seja, a Diretoria da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO CONJUNTO ALVORADA, assim como não tem valor o pretenso e faccioso resultado das mesmas;

06- ESCLARECE, ainda, a diretoria da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES que os livros, papéis e documentos relativos à DEMISSÃO da cidadã MARIA DE LOURDES RODRIGUES se encontram à disposição de quem demonstrar legítimo interesse em conhecê-los.

A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO CONJUNTO ALVORADA, nesta cidade de Uberlândia (MG), aos 10(dez) de março de 1.986.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO CONJUNTO ALVORADA

ESCLARECIMENTO A COMUNIDADE

A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO CONJUNTO ALVORADA é uma entidade sem fins lucrativos ou politicos, ela obedece a um estatuto e existe para ser o élo de ligação da comunidade e os poderes constituidos; desde a sua fundação a ASSOCIAÇÃO DE MORADORES vem se preocupando exclusivamente em promover o bem estar social, cultural e familiar deste comunidade, eventos e realizações tais como: A construção da Praça, do Centro de Saúde, dos Quebra-Molas da Rodovia, Calçamento das Ruas, Creche Comunitária, as Festas Juninas, os Passeios das Crianças, o Telefone Publico e etc..., foram realizações conseguidas com muito trabalho e dedicação das Diretorias passadas e atual, bem como da expresiva participação popular deste Conjunto; Esta é uma comunidade na maioria de pessoas honestas e trabalhadoras que sempre acreditou na ASSOCIAÇÃO DE MORADORES, fato este que pode perfeitamente ser comprovado com o resultado das últimas Eleições honesta e legal realizada neste Conjunto, onde a Diretoria atual obteve esmagadora vitoria sob a sua concorrente, liderada pela Sra. Maria de Lurdes. Desde então, esta Sra. juntamente com sua equipe de tumultuadores, vem trabalhando exclusivamente com a finalidade de desacreditar e impedir que a ASSOCIAÇÃO DE MORADORES deixe de realizar trabalhos de interese exclusivo desta comunidade; Desonestidade e mentiras são os argumentos utilizados por estas pessoas de honestidade duvidosa, pessoas que em momento algum de seus atos se pensou na capacidade e na inteligência dos moradores deste Conjunto, este pequeno grupo de pessoas, tentam a todo custo desacreditar que a ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO CONJUNTO ALVORADA, é um orgão que existe para ser o "[illegible]" debater democraticamente e exigir melhorias para o bairro. Corrupção e Falcatruas.

A Diretoria atual da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES declara que a Associação é, e sempre foi uma entidade honesta e aberta a discurção dos problemas deste bairro, declara também que muito se tém para fazer, mas que por motivos alheios a nossa vontade estamos sendo impedidos de realizar.

Acreditamos nas pessoas desta comunidade e na sua capacidade de raciocinio e inteligência, por isto não se deixe enganar por agitadores e pessoas de má índole, se você tém alguma dúvida a respeito da honestidade e do trabalho desta Diretoria venha você mesmo sanala.

Senhores Moradores façam uma análise das pessoas envolvidas nestes lamentaveis episódios e tirem suas proprias conclusões.

Sinceros Agradecimentos,

Uberlândia, 08 de Favereiro de 1989

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO CONJUNTO ALVORADA

A M C A

CEC

A FORÇA DO MOVIMENTO POPULAR

Uberlândia, 21/07/88.

AOS MORADORES DO BAIRRO ALVORADA,

Srs e Sras,

O Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia, entidade geral de representação das associações de moradores, em Sessão Plenária realizada no dia 19/07/88, discutiu o problema que hoje afeta a Associação de Moradores do Bairro Alvorada, onde a atual Diretoria, encabeçada pelo companheiro Ademar Pereira Duarte, tem sido questionada por um grupo de moradores.

A análise do Conselho teve dois aspectos: legalidade e legitimidade da atual diretoria.

A questão da legalidade foi analisada com base no Parecer Conclusivo do Assessor Jurídico e membro da Coordenação do Conselho, Antônio Rony Henriques, que concluiu pela legalidade da atual Diretoria. O mandato de que gozam os atuais diretores tem respaldo legal nas deliberações da Assembléia Geral do dia 05/12/87, referendadas pela Assembléia Geral do dia 09/07/88, conforme registro no livro de atas da Associação.

A legitimidade foi analisada com base na lisura do pleito que elegeu a atual Diretoria, na expressiva votação obtida e no trabalho que desenvolve, com amplo apoio da população do bairro. Isto contrapõe claramente à pouca representatividade do grupo questionador, que já disputou eleições legítimas para Diretoria da Associação sendo flagorosamente derrotado.

Assim, o Conselho decidiu dar total apoio à atual Diretoria, colocando sua Assessoria Jurídica à disposição, manifestar publicamente sua conclusão inclusive para os órgãos de comunicação de massa e empenhar para que os problemas sejam logo esclarecidos e solucionados.

Aproveitamos a oportunidade para informar que o Poder Público Municipal chegou a conclusão semelhante à do Conselho, conforme informação / prestada por representante da Secretaria Municipal de Ação Social presente à Sessão Plenária. A Secretaria de Ação Social está se pronunciando em documento próprio.

Não há, portanto, nenhum fundamento legal na exigência do grupo / questionador de que haja entrega de chaves e documentos da associação, muito menos de intervenção na Associação por parte do Poder Público Municipal, mesmo porque a Prefeitura não tem poder de intervir em entidades de direito privado.

Conclamamos aos moradores do bairro a não cederem a pressões ilegítimas e prestigiarem cada vez mais a sua Associação de Moradores.

Ivan Miguel Costa - COORDENADOR GERAL DO CE

COMUNICADO

A Diretoria da Associação de Moradores do Conjunto Alvorada informa que, em Assembléia Geral realizada dia 11/03/89 e convocada pelos próprios moradores do Bairro, ficou decidido:

1 - Os moradores reconhecem a legitimidade do mandato exercido pela atual Diretoria, encabeçada por Ademar Pereira Duarte.

2 - Os moradores não reconhecem a liderança da Sra. Maria de Lourdes Rodrigues na direção da Associação e repudiam sua prática política, que consideram prejudicial ao Bairro.

3 - Tendo em vista a proximidade da extinção do mandato da atual Diretoria, e para a plena normalização da Associação, os moradores decidiram convocar eleições para a Diretoria.

4 - As eleições, convocadas conforme o Estatuto da Associação, serão realizadas dia 16/04/89.

5 - A Assembléia Geral designou uma Comissão Eleitoral, para gerir todo processo eleitoral, composta pelos seguintes membros: Nízio S. Reis, Cristovam G. Duarte, Zelma A. Arantes, Carlos L. T. Silva e Nila Leandro.

6 - Os moradores interessados em participar da Diretoria devem se organizar em chapas para disputa do pleito, conforme o Estatuto da Entidade.

Sendo assim:

- Inscrição das Chapas:
  Dia 26/03/89 - das 8,00 às 11,00 horas.
- Assembléia dia 26/03/89 às 16,00 horas para apresentação das chapas.
- Local:
  Construção do Centro Comunitário
  Rua 13, nº 71

P A R T I C I P E !

Uberlândia, 14 de março de 1.989

ADEMAR PEREIRA DUARTE
Presidente da AMCA

DAVID FELIZ SANTOS
Presidente da Assembléia geral

Números de eleições realizados pela AMCA Período 1982 à 1995
* 1° Assembléia, 1° eleição dia 26/09/1982 participantes 50 pessoas
* 12/02/1984 – Assembléia 48 pessoas elegeram o segundo mandato da diretoria.
* 13/04/1986 – votos secretos, concorreram: Chapa FORTE e Chapa RENASCER participaram 422 eleitores/moradores venceu: Chapa REAL
* 26/04/1987 participaram 510 eleitores/moradores venceu: Chapa INTEGRAÇÃO com 330 votos
Atenção: 09/07/1988, houve modificação do Estatuto. Mandato de 01 para 02 anos.
* 16/04-1989 – votos secretos participaram 524 eleitores/moradores venceu: Chapa SALVAÇÃO com 422 votos
* 24/03/1991 – votos secretos participaram 244 eleitores/moradores venceu: Chapa UNIÃO – Única
* 25/04-1993 – 4 Chapas concorreram. Participaram 614 eleitores/moradores Venceu: Chapa INTEGRAÇÃO com 209 votos
* 02/07/1995 – Chapa Única participaram: 281 pessoas venceu: Chapa VISÃO

Fonte: Livros de Ata, n°: 01, 02, 03 da AMCA. Centro Comunitário Alvorada.

CEC - CONSELHO DE ENTIDADES COMUNITÁRIAS DE UBERLÂNDIA
- a força do movimento popular

PRÉ-CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE SAÚDE

Sua presença é importante! Participe!

Convite

O MOVIMENTO POPULAR S.O.S. -SAÚDE FARÁ REALIZAR NOS DIAS 13 E 14 DE SETEMBRO DE 1991 UMA PRÉ-CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE SAÚDE.

SERÃO DEBATIDOS OS SEGUINTES TEMAS:

1 SUS - SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE
   A) Âmbito Geral
   B) Âmbito local

2 PARTICIPAÇÃO POPULAR NO SISTEMA DE SAÚDE
   A) Como o usuário vê o sistema de saúde local.
   B) Conselho Municipal de Saúde

FICA V.SA. CONVIDADA A PARTICIPAR, JUNTAMENTE, COM OS COMPANHEIROS FILIADOS A ESSA ENTIDADE.

PROGRAMA

DIA 13 SETEMBRO (SEXTA-FEIRA)

LOCAL: SALÃO DE CONVENÇÕES DO HOTEL PRESIDENTE (PRAÇA TUBAL VILELA)

19:00 HORAS - Inscrição dos participantes

19:30 HORAS - Abertura da Pré-Conferência

1) Composição da mêsa

2) SUS - Sistema Único de Saúde - âmbito geral -
   Expositor: Um representante do Conselho Estadual de Saúde e Membro da Comissão Organizadora da Conferência Estadual de Saúde (tempo de exposição: 20 minutos)

3) SUS - Sistema Único de Saúde - âmbito local -
   Expositora: Dra. Leila Bitar
   (tempo de exposição: 20 minutos)

4) Discussão com Grupos (tempo: 80 minutos)

DIA 14 SETEMBRO (SÁBADO)

LOCAL: SALÃO DE CONVENÇÕES DO HOTEL PRESIDENTE (PRAÇA TUBAL VILELA)

14:00 HORAS - 1) Participação Popular no Sistema de Saúde
   - Como o usuário vê o Sistema de Saúde Local ?
   - Conselho Municipal de Saúde
   Expositores: Paulo Henrique R. dos Santos e Osmarina
   (tempo de exposição para cada um: 20 minutos)

2) Intervalo para lanche (tempo de 15 minutos)

3) Discussão em grupo (tempo de 80 minutos)

4) Plenária
   (Os grupos apresentarão os seus relatórios e será tirado um documento final)

Uberlândia, 14 de janeiro de 1992

Ao
Laboratório Ensino e Aprendizagem em História
Universidade Federal de Uberlândia
Campus Santa Mônica
UBERLÂNDIA - MG

Prezados Senhores,

A Comunidade do Conjunto Alvorada, através do Movimento de Consciência e Prática Política(MCP) e da Diretoria da sua Associação de Moradores, vem solicitar a esse Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, a realização de Cursos em nosso Bairro, onde conste como conteúdo programático os seguintes assuntos, de muita importância para um bom caminhar de uma Sociedade:

- Movimento Popular e Sindical;
- Ética;
- Moral;
- Cidadania;
- Liberdade;
- Política;
- Psicologia;
- Economia;
- Antropologia;
- Filosofia
- Sexo, Sexologia e Reprodução Humana;
- Sociologia;
- Justiça;
- Comunicação;
- A Universidade e seu Papel na Sociedade;
- Habitação;
- Alimentação e Nutrição;
- Transporte;
- Segurança;
- História;
- Saúde do Trabalhador.

Informamos que nossa Comunidade é formada por pessoas com grau de instrução variado, desde analfabetos até portadores de diploma de 3º grau, bem como detentoras das mais diversas profissões e a idade a partir de 12(doze) anos.

Informamos ainda que os interessados são de no mínimo 30(trinta) pessoas.

Na certeza de contarmos com a atenção desse Laboratório, subscrevemo-nos atenciosamente.

Representantes do MCP:

Bernardete Maria Santos Arantes

José Avelar dos Santos

Representantes A.M.C.A.

Cristovam Geraldo Duarte
Presidente

Zelma Abadia Arantes
Secretária